

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL - UFMS  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS - CPTL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**REGIANE SILVESTRINI**

**A paisagem de Bonito em Mato Grosso do Sul, sob a ótica dos Sujeitos**

**TRÊS LAGOAS/MS  
2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL - UFMS  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS - CPTL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**REGIANE SILVESTRINI**

**A paisagem de Bonito em Mato Grosso do Sul, sob a ótica dos Sujeitos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas (CPTL), como exigência para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Henrique Soares da Silva

Coorientador: Prof. Dr. Eduardo Salinas Chávez

**TRÊS LAGOAS/MS**

**2021**

**REGIANE SILVESTRINI**

**A paisagem de Bonito em Mato Grosso do Sul, sob a ótica dos Sujeitos**

**Banca Examinadora da dissertação apresentada a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS campus de Três Lagoas Programa de Pós-Graduação em Geografia, para obtenção de título de mestre em Geografia.**

Resultado:

.....

Orientador Dr. Mauro Henrique Soares da Silva

Coorientador: Dr. Eduardo Salinas Chávez

1º Examinador: Dr. Reginaldo José de Souza

2º Examinador: Dra. Patrícia Helena Milani

**Três Lagoas, 13 de julho de 2021.**

Dedico este trabalho ao meu paizão Neuclair Silvestrini, por ser desde a minha concepção, o mais capaz na lapidação da minha alma. Obrigada pai, pelo apoio, incentivo, por sua sabedoria e seu amor.

À minha mãe Salma (*in memoriam*) que sempre estará junto a nós.

## AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

Ao professor Dr. Mauro Henrique Soares da Silva, pela orientação, pela amizade, e principalmente por sua postura profissional e comprometida, minha eterna admiração e gratidão, pois você me inspirou a respeitar os saberes, a memória coletiva, a percepção dos sujeitos que (re)conhecem seus lugares, o ambiente, a natureza e suas heranças paisagísticas.

Ao professor Dr. Eduardo Salinas Chávez, pela coorientação, pelas inúmeras indicações de leituras e diálogos. Suas contribuições e auxílios, foram muito importantes neste caminhar.

À professora Dra. Patrícia Helena Milani, coordenadora do Laboratório de Estudos Urbanos e do Território (LETUR) por acompanhar o desenvolvimento desse trabalho, me incluindo em sua agenda sempre com muito carinho e ensinando muito sobre a geografia dos pés.

À todos os professores do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, especialmente a Dra. Patrícia Helena Mirandola Garcia, Dr. André Luiz Pinto, Dr. Thiago Araújo Santos, Dr. César Cardoso Ferreira, Dr. Arnaldo Yoso Sakamoto, Dra. Marine Dubos-Raoul, Dr. Vitor Matheus Bacani, obrigada pelos ensinamentos e diálogos que tanto contribuíram para minha formação. Agradeço a professora Francineide Santos, por emprestar seus livros de geografia e ao Dr. Reginaldo José de Souza da UFFS pela parceria.

À UFMS, Campus de Três Lagoas, aos grupos de pesquisadores de todos os Laboratórios da Geografia, principalmente o Laboratório de Biogeografia e Climatologia Geográfica (LaBiCGeo): Mariane Sakuma, Paola Boni, Ruth Rocha, Diego Borges e Hermiliano Decco pelos cafés, chás e prosas diárias. Aos companheiros do Laboratório de Sensoriamento Remoto Aplicado (La-SeR), especialmente aos amigos Erivelton Vick e Edson Silva, pelos bons momentos que passamos juntos e pelo auxílio com o sensoriamento remoto.

As minhas amigas amadas, irmãs de alma, Guta Sicoli, Isis Nagami, Juliana Motta, Roseline Mezacasa, Samira Furtado e Vívian Parisi por poder compartilhar minhas angústias, medos, alegrias e superações, porque sozinha eu ando bem, mas com vocês ando melhor.

Agradeço minha família, especialmente meu amado pai por sempre me inspirar e incentivar nos estudos, pelo amor, paciência e apoio em tudo que vai muito além das páginas desta dissertação. Ao meu padrinho Valdomiro Silvestrini, madrinha Aparecida Brancalhona e Olaide Leal pelas orações. Todas as minhas tias, a Loide Teixeira pelo amor e carinho, a Lurdinha Silvestrini e Nair Silvestrini que cuidaram do meu jardim, ao tio Mauro e o Juninho Silvestrini por cuidarem dos animais durante a minha ausência. À minha avó Adelelma Silvestrini (*in memoriam*) que sempre me apoiou na vida e nos estudos. Agradeço Dionisio e todos que se arriscaram comigo neste caminho por meio da cumplicidade e do convívio. Muito obrigada!

Aos moradores e moradoras de Bonito que me acolheram durante a imersão do trabalho de campo compartilhando histórias, cafés, chás, banhos de chuva e de rio, risos e lágrimas, muito obrigada, em especial a minha amiga e irmã de longa data Ariela Gomes que durante a graduação gritava da janela do nosso apartamento: BONITO EU TE AMO! Gratidão por me acolher em sua casa durante este período tão importante para realização desta pesquisa, seu apoio foi fundamental, obrigada por tudo e por tanto.

Em cada árvore, cada rio, cada pedra, estão depositados séculos de memória.  
Simon Shama, 1996.

## **Resumo**

O sentimento de topofilia nos leva a olhar, refletir e reconhecer os lugares avaliando a relação íntima do homem e o espaço através da fenomenologia. Sendo assim, com metodologia baseada em entrevistas semi-dirigidas, realizadas com os sujeitos da paisagem, residentes a mais de 20 anos no município de Bonito, em Mato Grosso do Sul, esse trabalho objetivou, através da análise do discurso, compreender as interações entre esses sujeitos da paisagem de Bonito com a natureza, e sobretudo com os elementos que compõem, modificam e degradam as paisagens do campo e da cidade. Considerou-se nessa pesquisa a percepção do indivíduo, por meio de suas memórias e relatos do cotidiano, que desvendam aspectos subjetivos da paisagem e orientam na compreensão da organização atual dos elementos visíveis da mesma. Os resultados demonstraram uma conscientização acerca das alterações das paisagens, sobretudo pelo advento do turismo como atividade econômica estabelecida na região nas últimas duas décadas, além da relação de topofilia dos entrevistados considerando a importância social, cultural e ambiental da área de estudo e dos elementos constituintes das paisagens. Além disso foram detectados conflitos socioambientais relacionados ao uso e ocupação do solo na bacia hidrográfica do rio Formoso e sobre as divergências socioculturais entre os moradores locais, o trade turístico e os proprietários de terras no município de Bonito.

**Palavra-Chave:** Percepção, Entrevistas, Degradação Ambiental, Identidade, Bonito-MS.

## **Abstract**

The feeling of topophilia leads us to look, reflect and recognize places, evaluating the intimate relationship between man and space through phenomenology. Thus, with a methodology based on semi-directed Bonito interviews, performed with the subjects of Bonito's landscape, residing for more than 20 years in the municipality of Bonito, Mato Grosso do Sul, this study aimed, through discourse analysis, to understand the interactions between these subjects of Bonito's landscape with nature, and above all with the elements that compose, modify and degrade the landscapes of the countryside and the city. This research considered the individual's perception, through their memories and reports of daily life, which unveil aspects of the landscape and guide the understanding of the current organization of its visible elements. The results showed an awareness of changes in landscapes, especially due to the advent of tourism as an economic activity established in the region in the last two decades, in addition to the topophilia relationship of the interviewees considering the social, cultural and environmental importance of the study area and its constituent elements of the landscapes. Furthermore, socio-environmental conflicts related to land use and occupation in the Formoso river basin and sociocultural differences between local residents, the tourist trade and landowners in the municipality of Bonito.

**Keywords:** Perception, Interviews, Environmental Degradation, Identity, Bonito-MS.

## SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	13
2.OBJETIVOS.....	17
2.1. Geral.....	17
2.2. Específicos .....	17
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	19
3.1. O Estudo da Paisagem .....	19
3.2. A Fenomenologia e a percepção da Paisagem .....	23
3.3. Características Físico-Geográficas de Bonito no Mato Grosso do Sul.....	27
4. METODOLOGIA.....	45
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	52
5.1. Os Sujeitos da paisagem de Bonito: Perfil dos entrevistados.....	52
5.2. Bonito e as paisagens pretéritas nas memórias dos sujeitos da paisagem: Um pouquinho de lágrimas, mas é emoção minha filha.....	53
5.3. A percepção do sujeito para a paisagem atual de Bonito.....	60
5.4. Paisagens Futuras – perspectivas dos Sujeitos da paisagem.....	83
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94
8. ANEXOS	99

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do município de Bonito-MS.....	13
Figura 2 – Esquema teórico do processo perceptivo.....	20
Figura 3 – Modelo Teórico do Geossistema.....	22
Figura 4 – Localização geográfica da Bacia do Rio Formoso.....	29
Figura 5 – Geologia da bacia do rio Formoso.....	30
Figura 6 – Perfil esquemático da geologia e geomorfologia da região cárstica de Bonito – MS.....	32
Figura 7 – Hipsometria da bacia do rio Formoso.....	34
Figura 8 – Declividade em porcentagem na bacia do rio Formoso.....	35
Figura 9 – Geomorfologia da bacia do rio Formoso.....	36
Figura 10 – Rede de drenagem da bacia do rio Formoso.....	38
Figura 11 – Solos da bacia do rio Formoso.....	39
Figura 12 – Uso do solo e vegetação da bacia do rio Formoso 1987.....	41
Figura 13 – Uso do solo e vegetação da bacia do rio Formoso 2016.....	42
Figura 14 - Desfile cívico em Bonito, década de 80 e 90.....	60
Figura 15 – Rio Formoso, Balneário Municipal de Bonito.....	62
Figura 16 – Rodovia MS-178/MS-382.....	63
Figura 17 – Tatuagem do entrevistado Luiz representando as paisagens pretéritas de Bonito....	64
Figura 18 – Balneário Municipal de Bonito.....	65
Figura 19 – Praça da Liberdade.....	66
Figura 20 – Rua Coronel Pilad Rebuá.....	68
Figura 21 – Inauguração Praça da Liberdade em Bonito em 1980.....	69
Figura 22 – Bairro Atlântico nas proximidades da Trilha Boiadeira.....	70
Figura 23 – Antiga cachoeira dentro do Balneário Municipal de Bonito/MS.....	74
Figura 24 – Reportagens sobre turvamento das águas.....	75
Figura 25 – Turvamento dos rios de Bonito-MS.....	76
Figura 26 – Desmatamento na rodovia MS-172/MS-382.....	79
Figura 27 – Vista sob a ponte no rio Formoso em trecho que antecede o Balneário Municipal de Bonito.....	81
Figura 28 – Tamanduá morto na rodovia da entrada de Bonito que dá acesso ao Balneário Municipal.....	85

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Faixa etária dos entrevistados.....	53
---	----

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características principais das formações geológicas presentes na bacia do rio Formoso.....	30
Quadro 2 – Principais pisos altimétricos da bacia.....	34
Quadro 3 – Intervalos de declividade na bacia do rio Formoso.....	35
Quadro 4 – Tipos do relevo na bacia do rio Formoso.....	36
Quadro 5 – Características principais dos solos da bacia do rio Formoso.....	39
Quadro 6 – Uso e cobertura da terra - 1987.....	41
Quadro 7 – Uso e cobertura da terra – 2016.....	42
Quadro 8 – Roteiro para entrevista semi-dirigida.....	46
Quadro 9 – Dados dos entrevistados.....	48

*“(...) Acho que as águas iniciam pássaros.  
Acho que as águas iniciam as árvores e os peixes.  
E acho que as águas iniciam os homens.  
Nos iniciam.  
E nos alimentam e nos dessedentam.  
Louvo esta fonte de todos os seres, de todas as  
Plantas, de todas as pedras.  
Louvo as natências dos homens do Pantanal.  
Todos somos devedores destas águas.  
Somos todos começos de brejos e de rãs.  
E a fala dos nossos vaqueiros carrega murmúrios  
destas águas.  
Parece que a fala dos nossos vaqueiros tem  
consoantes líquidas.  
E carrega de umidez as suas palavras.  
Penso que os homens deste lugar são a continuação destas águas.”*

Manoel de Barros

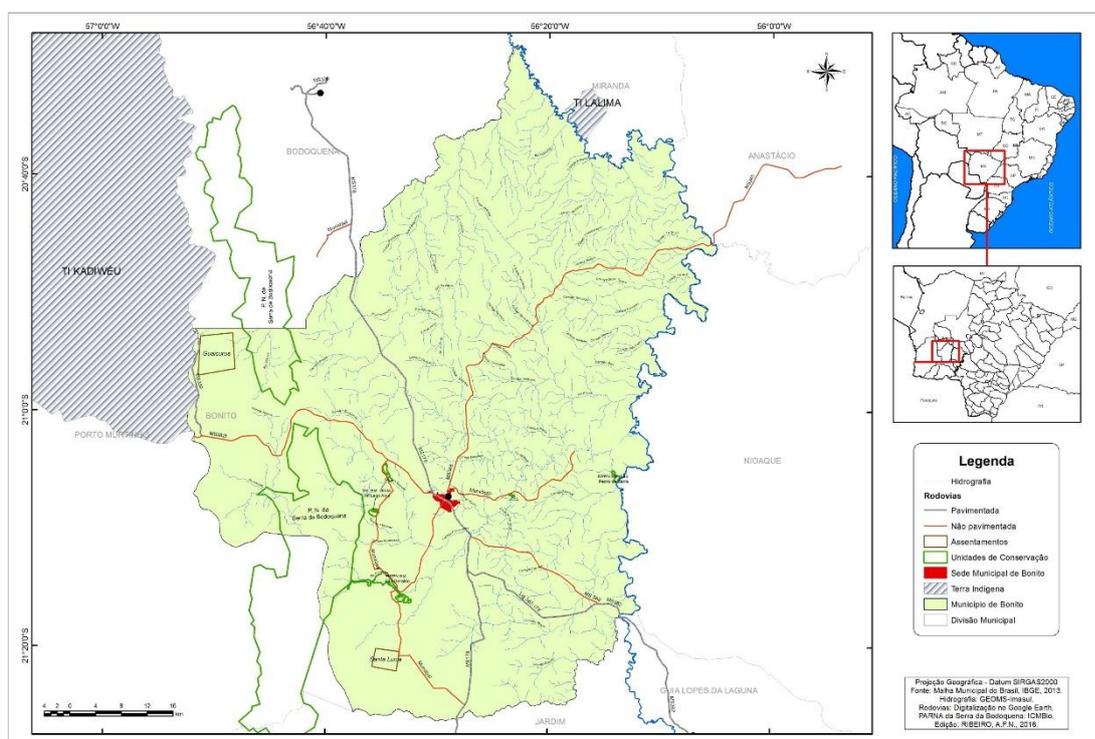


## 1. INTRODUÇÃO

O município de Bonito localiza-se na porção sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste do Brasil (Figura 1), a uma distância de 298 Km da capital do estado, Campo Grande. Possui área de 5.373,016 Km<sup>2</sup> e limites territoriais com os municípios de Bodoquena, Anastácio, Nioaque, Guia Lopes da Laguna, Jardim e Porto Murtinho.

Segundo Moretti *et al.* (2016) o município encontra-se inserido no contexto do Planalto da Serra da Bodoquena e é uma das cinco áreas cársticas mais representativas do Brasil. A região possui abundância em recursos naturais e destaca-se no cenário sul-mato-grossense como uma área consolidada para o turismo de natureza, com expressão internacional, especialmente por suas paisagens e singularidade de seus ecossistemas aquáticos.

Figura 1 – Localização do município de Bonito-MS



Fonte: RIBEIRO, A.F.N., 2017.

O turismo está entre as “principais atividades econômicas desenvolvidas na Serra da Bodoquena, região consagrada no cenário turístico nacional e internacional e que tem no

município de Bonito seu principal vetor de desenvolvimento turístico” (LOBO; MORETTI, 2009, p. 151).

Segundo Leonel *et al* (2017), Bonito ocupa a posição de um dos destinos brasileiros mais procurados para a prática de ecoturismo e turismo de aventura. Conforme ações de publicidade dos atrativos turísticos do município de Bonito, este é divulgado e conhecido por possuir uma rica fauna e flora, cavernas com características de relevo cárstico específico, além de rios com águas cristalinas, devido às características do solo calcário da região. A cobertura vegetal é composta por diferentes gradientes de cerrado e florestas estacionais decíduais e semidecíduais. A visualização da fauna é também um dos atrativos locais, tanto em trilhas como nos rios (GRECHI *et al.*, 2010).

A FUNDTUR/MS (Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul) apresentou os indicadores turísticos de 2013 (ano base 2012) a fim de acompanhar o andamento da atividade turística no município e sua contribuição para o Estado. A pesquisa constatou que 86,4% dos turistas internacionais que visitam Bonito são motivados pela natureza, ecoturismo e aventura, sendo que 40,6% viajam sozinhos e 29,3% em família e é também o destino mais visitado a lazer no estado de MS, responsável por 61,8% da demanda, tendo como principal emissor e gerador de receitas os estados de São Paulo com 34,1% e Mato Grosso do Sul com 32%.

O Observatório do Turismo de Mato Grosso do Sul reuniu informações sobre duas pesquisas realizadas no período de setembro a dezembro de 2020, sendo elas, o perfil dos turistas que visitaram Bonito pós retomada das atividades turísticas nos feriados prolongados e o monitoramento pós visita a Bonito, em contexto pandêmico, material publicado no Boletim Retomada do Turismo em MS. Sobre o perfil dos turistas que visitaram Bonito após a retomada das atividades devido a COVID-19, observa-se que 46,7% dos turistas são provenientes de Mato Grosso do Sul e 53,3% são de outras unidades federativas, destes sendo 98,9% são do Brasil e 1,1% são do exterior. Acerca do perfil socioeconômico 55,7% são do sexo feminino e 44,3% do sexo masculino, 98% viajam acompanhados e 2% viajam sozinhos, 51,1% dos entrevistados possuem graduação completa. Sobre a ocupação 26% são empregados CLT e 29% possuem renda familiar entre R\$4.000,00 e R\$5.999,00 (FUNDTUR, 2021).

A faixa etária dos visitantes mais expressiva foi de 30 a 39 anos (35,7%) e de 25 a 29 anos (31,1%). Apesar do grupo entre 30 a 39 anos ser característico nas pesquisas de Demanda Turística de MS, realizada no Aeroporto Internacional de Campo Grande/MS anterior a pandemia, há de se ressaltar ainda, o fato de que em função da Covid-19 entre os grupos de risco figuram os idosos, reduzindo o deslocamento desse grupo nas viagens (FUNDTUR/MS, 2021).

De acordo com a Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul, o mês de março/2021 apresentou aumento em todas as modalidades de passeio na região Bonito/Serra da Bodoquena em relação a março de 2020 (+12,2%), exceto na modalidade Grutas (-37%) e Observação de Aves (-10,9%). As grutas continuam sendo a retração mais expressiva, tendo em vista que a Gruta do Lago Azul foi fechada durante o período de pandemia, sendo reaberta efetivamente em março de 2021. Registrou-se uma queda de -32,6% no número de *vouchers* emitidos em relação ao mês anterior (fevereiro/21).

Referente ao acesso aéreo, o movimento nos aeroportos sul-mato-grossenses registrou retração de -27,2% no número de passageiros desembarcados em março de 2021 em relação a igual período de 2020, apenas Bonito registrou aumento (+125,8%). Verifica-se um aumento de +17% na taxa de ocupação hoteleira de Bonito em março de 2021 em relação ao mesmo período de 2020 (FUNDTUR/MS, 2021).

As ações realizadas pelas pessoas vêm aumentando, não somente em função do crescimento do turismo ecológico, de observação, de experiência, mas, especialmente, devido à expansão agrícola. Dessa forma, as ações das pessoas se tornam a maior responsável por acelerar as modificações das unidades de paisagem presentes na superfície. Nesse sentido, destaca-se as contribuições do geógrafo Ab' Sáber (2003) quando afirma que a paisagem é sempre uma herança em todo o sentido da palavra: “herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades” (AB'SÁBER, 2003. p. 9).

No entanto, na região de Bonito, o Projeto Formoso Vivo (2003), por exemplo, identificou a existência de uma ameaça ligada ao uso e ocupação do solo, agredindo e degradando a natureza sobretudo pela vulnerabilidade das unidades das paisagens de relevo cárstico. Em resumo, os resultados do referido projeto já apontavam em 2003 que as constantes modificações devido ao uso e ocupação da região e a falta de planejamento ambiental, fizeram com que muitas características distintas da área e/ou unidades da paisagem, sofressem degradações e conseqüentemente, ocasionaram alteração nas dinâmicas do ambiente como um todo.

Em concordância com esses resultados, Mariani (2000) afirma que as margens dos córregos urbanos de Bonito, encontram-se degradadas, devido à retirada da mata ciliar, despejo de esgoto a céu aberto, lixo e entulhos, é citada ainda a presença de sulcos e ravinas, que tendiam a aumentar, se não houvesse uma medida mitigadora eficiente.

Partindo desta problemática, aliando-se às afirmações de Bertrand (2007) quando enfatiza que a temática da análise da paisagem na geografia é importante, evidenciando que não

se trata somente da paisagem “natural”, mas da paisagem total integrando todas as implicações da ação antrópica. Deve-se destacar que a análise e explicação integrada da paisagem, ocorre a partir de diferentes observações, percepções e direcionamentos, que quando reunidos revela sua gênese, o funcionamento e mudanças que ocorreram nesse sistema, seja por causas naturais ou pela intervenção direta da sociedade através das ações antrópicas.

Sendo assim, faz-se necessário analisar qual a relação do sujeito com os elementos constituintes da paisagem, compreendendo que para cada sujeito ou grupo a paisagem terá um significado, tendo em vista que as pessoas atribuem valores e significados diferentes às paisagens, traduzidos em sentimentos de enraizamento, pertencimento ou desapego a lugares. Tuan (2012) corrobora com o termo topofilia que associa sentimento com o lugar, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material.

De acordo com Souza (2010) uma nova possibilidade de abordagem na Ciência Geográfica diz respeito à percepção do indivíduo sobre seu espaço de vida, ou seja, “a análise dos diferentes modos de captação e da reação dos sujeitos da paisagem com relação a sua vida cotidiana é um elemento importante para aprofundar o conhecimento sobre as dinâmicas socioambientais em um dado território” (SILVA et. al., 2018, p. 2).

Ao nos remetermos às problemáticas relacionadas às mudanças da paisagem no território de Bonito, no Mato Grosso do Sul, surgem questionamentos referentes a visão, a percepção e ao entendimento da população quanto às dinâmicas da paisagem e possíveis problemas ambientais causados pelo processo de uso e ocupação da terra. Nesse contexto, questões se colocam como norteadoras da presente pesquisa, a saber: Como os sujeitos residentes na cidade de Bonito em Mato Grosso do Sul, percebem a apropriação dos elementos naturais da paisagem deste território no processo de estabelecimento do turismo como principal atividade econômica da região? Quais as transformações percebidas na paisagem são consideradas positivas e/ou negativas pelos sujeitos? Quais elementos materiais e/ou imateriais da paisagem são importantes no cotidiano desses sujeitos?

Deste modo, a hipótese compreendida na pesquisa é de que os sujeitos das paisagens de Bonito, no Mato Grosso do Sul, são fontes consideráveis de informações que contribuem para analisar e compreender as dinâmicas das paisagens em toda sua complexidade. Sobretudo no que diz respeito a identificação de impactos negativos e positivos decorrentes do uso e ocupação das terras na bacia hidrográfica do rio Formoso, ligados ao agronegócio, à pecuária, às atividades turísticas desenvolvidas, considerando o olhar do indivíduo, bem como suas memórias e relatos do cotidiano.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Geral**

Compreender as percepções dos moradores locais em relação às dinâmicas das paisagens no Município de Bonito (MS), em detrimento das mudanças decorrentes da implementação da atividade econômica de turismo na região.

### **2.2 Específicos**

- ✓ Identificar as paisagens expressas nas memórias vividas pelos sujeitos de Bonito (MS).
- ✓ Analisar a percepção dos sujeitos em relação as alterações paisagísticas decorrentes das mudanças de uso e ocupação do solo em Bonito (MS), bem como os elementos de importância cotidiana para os sujeitos na paisagem atual.
- ✓ Compreender os impactos da atividade turística e das mudanças do uso do solo, além das perspectivas futuras sobre a paisagem de Bonito (MS), pelo olhar do sujeito.

*“O que mais há na terra, é paisagem. Por muito que do resto lhe falte, a paisagem sempre sobrou, abundância que só por milagre infatigável se explica, porquanto a paisagem é sem dúvida anterior ao homem, e apesar disso, de tanto existir, não se acabou ainda. Será porque constantemente muda: tem épocas no ano em que o chão é verde, outras amarelo, e depois castanho, ou negro. E também vermelho, em lugares, que é cor de barro ou sangue sangrado. Mas isso depende do que no chão se plantou e cultivava, ou ainda não, ou não já, ou do que por simples natureza nasceu, sem mão de gente, e só vem a morrer porque chegou o seu último fim. Não é tal o caso do trigo, que ainda com alguma vida é cortado. Nem do sobreiro, que vivíssimo, embora por sua gravidade não pareça, se lhe arranca a pele. Aos gritos. Não faltam cores a esta paisagem. Porém, nem só de cores. Há dias tão duros como o frio deles, outros em que se não sabe de ar para tanto calor: o mundo nunca está contente, se o estará alguma vez, tão certa tem a morte. E não faltam ao mundo cheiros, nem sequer a esta terra, parte que dele é e servida de paisagem. (...) Tanta paisagem. Um homem pode andar por cá uma vida toda e nunca se achar, se nasceu perdido. E tanto lhe fará morrer, chegada a hora.”*

José Saramago, Trecho do livro *Levantado do Chão*, 1979.



Fonte: Paisagem do rio da Prata, no Balneário do Seu Assis. Foto: SILVESTRINI, R., 2018.

### 3. REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1. O Estudo da Paisagem

A paisagem é uma importante referência para uma pesquisa geográfica de um determinado espaço. Para tanto, é necessário compreender que quando se utiliza a paisagem como categoria de análise geográfica é fundamental ter claro o significado do conceito. No interior da geografia a paisagem pode ser vista como uma categoria de análise, sendo explicada pela sua capacidade de agregar, combinar e realizar a síntese dos elementos da natureza (SILVA, 2012).

A paisagem não é algo estático, mas resultado de um processo e tem que ser interpretada a partir desta perspectiva, mas é interpretada em determinado tempo e porção do espaço. Tendo em vista a análise de unidades de paisagem aliada a ação antrópica, Bertrand (1972) explica que a paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados, é, numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução.

O conceito de paisagem é discutido e disseminado em várias áreas das ciências, porém seu processo de construção se deu de forma gradativa e singular, sendo objeto de estudo dos pesquisadores durante séculos. Por isso possibilitou uma flexibilidade no entendimento e na percepção, relacionando o espaço, o território e a paisagem enquanto categoria de análise nos estudos geográficos.

A paisagem é a essência, segundo Rodrigues e Silva (2019) é como um sistema natural que se desenvolve no espaço, estudada a partir da integração entre os elementos e seus conjuntos, respeitada a hierarquia dos níveis taxocorológicos que formam este mosaico cambiante ao longo do tempo.

Claval (1999) afirma que a marca que os grupos humanos imprimem às paisagens dura frequentemente muito tempo além de seu desaparecimento ou da modificação total de seus métodos de criação de valor, deixando sempre a marca sobre o ambiente onde vivem e as paisagens onde evoluem. Tais informações vão ao encontro das ideias de Emídio (2006) que enfatiza que o homem percebe o ambiente de muitas maneiras, entre elas, através dos sentidos, pois está biologicamente preparado para isso, e é manifestado através da cultura individual ou coletiva.

Nesse sentido a busca por uma renovação conceitual, teórica e metodológica, segundo Rodrigues (2015), fez com que a geografia humanista se fundamentasse nas filosofias do

significado, principalmente, na fenomenologia e existencialismo. Propondo uma análise do lugar como mundo das experiências intersubjetivas dos indivíduos e valorizando a microescala.

Segundo Vieira (2008 apud Silva, 2018), a tomada de decisões que tem como base fundamental a observação da realidade, por meio das sensações, produz uma seleção instantânea de fatos, imagens, dados, motivados por interesses e necessidades individuais organizados ou processados através de um processo cognitivo. Posteriormente, remete-se à avaliação que pode ser baseada em julgamentos e valores que, por sua vez, produzem uma conduta ou modelo de comportamento que novamente realimenta a realidade, numa relação sistêmica (Figura 2).

Figura 2 - Esquema teórico do processo perceptivo



Fonte: DEL RIO, V, 1999. Adaptado pela autora, 2021.

Fazendo uma analogia, assim como os fios de uma teia são interligados, os seres vivos que habitam o planeta estabelecem diversos tipos de relações entre si e com o ambiente onde vivem. Um impacto que afeta um fio da rede pode afetar também toda a teia e o mesmo ocorre com a natureza, através da integração da paisagem natural com a ação antrópica pela perspectiva da geografia física apresentada por Bertrand. Assim, a paisagem de hoje não é a mesma de amanhã, pois a dinâmica do espaço é contínua e através da evolução cotidiana do espaço a paisagem torna-se um alvo que vive em constante transformação. Sendo assim, as mudanças na paisagem provocam a diversificação na história evolutiva dos organismos, portanto, Figueiró (2015) afirma que a estrutura e a composição da paisagem se transformam no tempo e no espaço, acompanhando as mudanças dos elementos naturais ou antropogênicos que controlam a distribuição dos seres vivos dentro de uma grande teia sistêmica.

É possível observar que o conceito de paisagem engloba as interações entre sociedade e natureza, com base em uma visão holística dos acontecimentos dessa dinâmica. Rodrigues

et. al. (2004 apud CAVALCANTI, 2018), afirmam que uma paisagem é definida como um conjunto inter-relacionado de formações naturais e antroponaturais e que possui, além de uma estrutura (forma e arranjo espacial), um conteúdo dinâmico e evolutivo. Esses autores ainda definem paisagem natural como sinônimo de geossistema, que é uma categoria de sistemas abertos, dinâmicos e hierarquicamente organizados (SOCHAVA, 1977).

O geossistema de Sochava (1978, p. 292) enfatiza uma área homogênea de qualquer dimensão onde os componentes da natureza estão em conexões sistêmicas uns com os outros, interagindo com a esfera cósmica e a sociedade humana.

Bertrand (2004) explica ainda que o geossistema resulta da combinação de fatores geomorfológicos (natureza das rochas e dos mantos superficiais, valor do declive, dinâmica das vertentes), climáticos (precipitações, temperatura) e hidrológicos (lençóis freáticos epidérmicos e nascentes, pH das águas, tempos de ressecamento do solo) (BERTRAND, 2004, p. 147).

Vale ressaltar, que apesar da paisagem ser um espaço regido pela evolução antrópica, a evolução da dinâmica do ecossistema também influencia nesse processo. Portanto, Tricart (1977) apresenta a teoria geral dos sistemas, sendo um conjunto de fenômenos que se processam mediante fluxos de matéria e energia, onde os fluxos originam relações de dependência mútua entre os fenômenos, tendo uma dinâmica própria, específica que aprofundou a inserção do homem na análise ambiental.

Sendo assim, Tricart complementa que o homem participa dos ecossistemas que vive modificando-se ao longo do tempo, impulsionados pelas várias relações entre todos os elementos que os compõe, classificadas como unidades ecodinâmicas.

A paisagem para Tricart (1977) é uma dada porção perceptível a um observador onde ocorre uma combinação de fatos visíveis e invisíveis e interações as quais, num dado momento, não percebemos senão o resultado global. As relações são tão complexas e muitas vezes imperceptíveis que o observador não se dá conta de alguns processos, até que se perceba a nível global.

Observando a complexidade existente no dinamismo das paisagens, Passos (2003) aborda a teoria GTP - geossistema, território e paisagem de três maneiras, considerando um objeto único que é o espaço que nos cerca, isto é, o meio ambiente. Estas são três entradas que tem o objetivo de aproximar sem os confundir num sistema tripolar, introduzindo a diversidade e flexibilidade em um sistema complexo.

Ainda de acordo com Passos (2003) o geossistema surge com a finalidade naturalista que considera a “natureza” antropizada. O território com finalidade socioeconômica

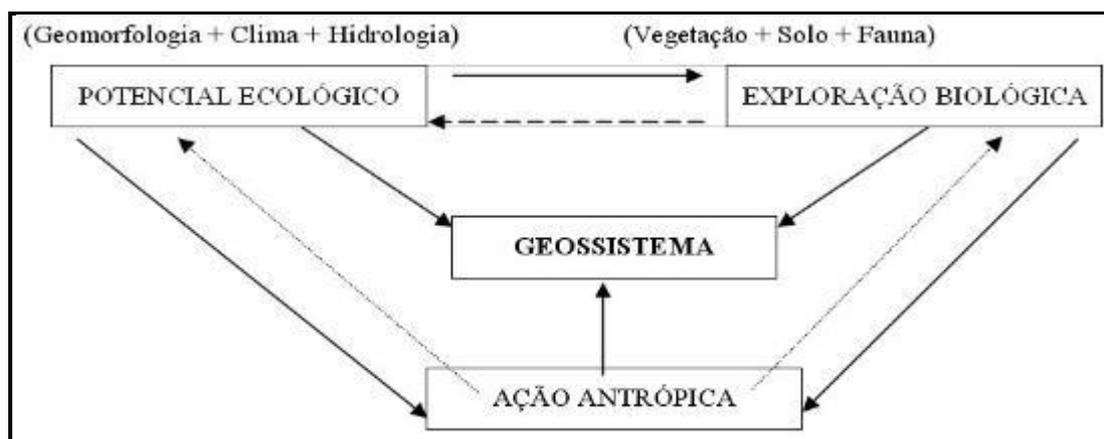
corresponde à abordagem clássica da geografia humana. A paisagem com finalidade cultural introduz a dimensão das imagens e das representações.

A categoria de análise das Unidades de Paisagem é definida por Amorim e Oliveira (2008) como geossistemas que são definidos como fenômenos naturais, os aspectos geomorfológicos, climáticos, hidrológicos e fitogeográficos que englobam os fenômenos antrópicos, os aspectos sociais e econômicos. Somados representam a paisagem modificada ou não pela sociedade.

O estudo sobre geossistemas requer o reconhecimento e a análise dos componentes da natureza, sobretudo através das suas conexões. Entendidos os geossistemas, como unidades naturais integrais, pode-se distinguir suas modificações e transformações como resultantes das ações dos diferentes tipos de ocupação (GUERRA; MARÇAL, 2006).

Para melhor compreensão sobre as relações das unidades de paisagem no âmbito do geossistema, Bertrand (2004) apresenta um diagrama em que se representa a associação dos elementos e suas relações, como pode ser visto na Figura 3.

Figura 3 - Modelo Teórico do Geossistema



Fonte: Bertrand, 1972.

No estudo dos geossistemas Cavalcanti (2018) conceitua a paisagem como a principal categoria de análise, com caráter multidisciplinar, sendo trabalhada por geógrafos, arquitetos, paisagistas, ecologistas, biólogos e outros cientistas. Além disso, tem sido objeto de pintores, escritores, fotógrafos, cineastas e até filósofos que enfatizam o suporte que a paisagem oferece à cartografia para os estudos de ordenamento ambiental. Afirmar ainda que a cartografia das paisagens fornece uma visão integrada dos elementos e processos do ambiente, que são de extrema importância para o diagnóstico dos recursos naturais, fundamentais na elaboração do

planejamento ambiental, constituindo o elemento inicial para a composição de um zoneamento ecológico-econômico.

Deste modo, a paisagem se descreve e se explica partindo das formas, de sua morfologia. As formas resultam de dados do meio ambiente natural ou são as consequências da intervenção humana imprimindo sua marca sobre o espaço (PASSOS, 2003).

### 3.2. A Fenomenologia e a percepção da Paisagem

Para Tuan (2012, p. 135), o sentimento e o seu objeto são, muitas vezes, inseparáveis. Desse modo, a categoria ascende à condição de peça chave da Geografia, fundamental para entender os sentimentos espaciais a partir da experiência cotidiana, do simbolismo, do pertencimento e do apego pelo lugar.

Em seu estudo sobre *Topofilia*, Tuan (2012) afirma que as ligações entre os seres humanos e o meio ambiente, que diferem em sensibilidade, intensidade e expressão que são estabelecidas por meio das palavras-chave:

[...] *percepção*: resposta dos sentidos aos estímulos externos; *atitude*: postura cultural ou posição que se toma frente ao mundo; *valor e visão de mundo*: experiência conceitualizada ou sistema de crenças, parcialmente pessoal e em grande parte social.

Para Coltro (2000) a pesquisa fenomenológica é parte da compreensão do viver e não das definições ou conceitos, e é uma compreensão voltada para os significados do perceber.

A fenomenologia, considera a percepção, a vivência e a experiência, elementos essenciais para o conhecer autêntico. A percepção para Cavalcante e Elali (2018), nos conduz a definir a ambiência como um fundo sensível que especifica as condições de emergência e de aparição dos fenômenos. Sendo assim, perceber não consiste somente em distinguir os objetos do ambiente, mas é também experienciar o estado de um meio em um dado momento.

Mediante exploração metodológica, Davin e Marandola Junior (2016) afirmam que a fenomenologia, pode ser um elemento transformador e humanizador do ato investigativo na ciência geográfica. Afirmam ainda que a fenomenologia não se basta somente no ver, mas, também, em todo o pensar que nasce e se organiza pela percepção adquirida no vivido.

Segundo Marandola Júnior (2013), a fenomenologia se afirma, ao lado de um pensamento social e filosófico contemporâneo, como uma possibilidade para compreensão da experiência no mundo atual, para suas angústias, crises e transformações.

Sua pretensão é de relacionar de uma maneira holística o homem e a natureza, ou mais genericamente o sujeito e o objeto, fazendo uma ciência fenomenológica que extraia das essências a sua matéria prima.

De acordo com Gome e Lemos (2019) a percepção da Paisagem se torna momentânea e efêmera, dependente das condições singulares de quem observa, no momento que observa; variando de acordo com as condições do organismo em sua relação com o ambiente que também é variante.

Nessa perspectiva, Tim Ingold apud Machado (2012) define que:

paisagem é constituída como um registro duradouro – e um testemunho – das vidas e trabalhos das gerações passadas que nela moraram, e ao fazer isso, deixaram lá alguma coisa delas mesmas. [...] Perceber uma paisagem é, portanto, um ato de trazer à tona uma lembrança, e lembrar não é tanto uma questão de buscar uma imagem interna, guardada em nossas mentes, mas se engajar perceptualmente com um ambiente, que é em si impregnado com o passado (INGOLD, 2000, p.189).

Sendo assim, as transformações históricas e a dinâmica atual da paisagem devem ser abordadas a partir da análise integrada, com ênfase nas relações existentes entre os elementos, isto é, com ênfase aos processos determinantes da construção paisagística (SILVA; PASSOS, 2018, p.2).

Berque (1998 apud CABRAL, 2000), nos fala que a paisagem é plurimodal, assim como é o sujeito para qual a paisagem existe, enquanto fenômeno vivido, admite-se que tanto pela diversidade de arranjos e cenários como pelas diferentes maneiras de olhar e atribuir significados.

Claval (1987) considera que os geógrafos de hoje buscam compreender os sentimentos que envolvem os homens e o ambiente. A Geografia não pode mais ignorar a importância da experiência e do mundo-vivido. Segundo ele, ao escutar as “sensibilidades”, esta nova abordagem da Geografia “descobre que as realidades regionais que explora existem em primeiro lugar no espírito das pessoas” (CERDOURA et. al, 2008 p. 3).

De acordo com Yi-fu TUAN (1982), através do estudo da relação das pessoas com a natureza e dos seus sentimentos e ideias sobre os espaços, paisagens e lugares, a geografia humanista reflete sobre os fenômenos geográficos afim de melhor entender o homem e sua condição.

Sendo assim, faz-se necessário analisar qual a relação do sujeito com os elementos constituintes da paisagem. Ou seja, para cada sujeito ou grupo a paisagem terá um significado, porque as pessoas atribuem valores e significados diferentes às paisagens, traduzidos em sentimentos de enraizamento, pertencimento ou desapego a lugares. Tuan (2012) corrobora com o termo topofilia que associa sentimento com o lugar, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material.

Tuan (2012) relata que cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente às ações sobre o ambiente em que vive, pois, as suas atitudes estão baseadas nas experiências vividas, na sua percepção do presente, nas possibilidades e perspectivas futuras e nas expectativas baseadas nas suas crenças e valores. A percepção ambiental destaca o papel do homem como um tomador de decisões, como alguém que possui bagagem cultural e, ao longo do tempo, agrega conhecimento, sentimentos, valores e crenças para as suas decisões.

Gomes e Lemos (2019) afirmam que em termos de experiência individual isso quer dizer, que, no âmbito do ser vivo, cada unidade viva, detém uma vivência única e própria do mundo. Mingers (1995) sugere que tais considerações se assemelham ao proposto por Husserl no campo da fenomenologia que enfatiza a inevitabilidade do sujeito ser constrangido a experienciar o seu próprio mundo, individual e experiencial, e que nunca poderá ser comparado objetivamente com o mundo de outro sujeito.

De acordo com Carvalho (2021), compreender a paisagem como memória coletiva de um lugar é buscar um sentido de identidade entre os indivíduos e de pertencimento entre indivíduos e o lugar. Berque (1994) nos coloca uma paisagem como uma ordem relacional – sujeito e objeto – onde as relações de caráter simbólico, através da cultura, naturalizam a subjetividade coletiva.

Para De Souza (2001) a memória, o olhar, o cenário e paisagem estão certamente imbricados em uma teia de relações que impede o privilégio de um sobre o outro. Esta teia de relações constitui o sujeito da paisagem como elemento do próprio cenário. Não são distintos possuem na realidade uma relação de constituição. A visão de uma paisagem pode vir impressa pela memória de um outro cenário, constituindo um novo olhar.

O olhar inclui a memória, o cenário e a paisagem, mas captar a totalidade concreta inclui a percepção de que há um visível e um invisível, expresso pela rede de fenômenos do real captado pela teia de relações do sujeito da paisagem (DE SOUZA, 2001, p. 129).

Tanto para Souza (2010) quanto para Silva et. al. (2018) uma nova possibilidade de abordagem na Ciência Geográfica diz respeito à percepção do indivíduo sobre seu espaço de vida. A análise dos diferentes modos de captação e da reação dos sujeitos da paisagem com relação a sua vida cotidiana, sendo um elemento importante para aprofundar o conhecimento sobre as dinâmicas socioambientais em um dado território.

Para Tuan (2012, p. 135), o sentimento e o seu objeto são, muitas vezes, inseparáveis. Desse modo, a categoria ascende à condição de peça chave da Geografia, fundamental para entender os sentimentos espaciais a partir da experiência cotidiana, do simbolismo, do pertencimento e do apego pelo lugar.

De acordo com Rezende (1990, p. 29 apud COLTRO, 2000) “a fenomenologia não é um discurso da evidência, mas da verdade em todas as suas manifestações.”

Segundo Maurice Merleau-Ponty (2006, p.1), a fenomenologia “[...] é um relato do espaço, do tempo, do mundo ‘vividos’”.

A intersubjetividade é um conceito central na fenomenologia. “O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.18). Assim, a fenomenologia supera a subjetividade para alcançar a intersubjetividade.

Segundo Marandola Júnior (2013), a fenomenologia se afirma, ao lado de um pensamento social e filosófico contemporâneo, como uma possibilidade para compreensão da experiência no mundo atual, para suas angústias, crises e transformações. O pensamento fenomenológico, seja na revisitação contínua aos grandes filósofos, seja nas novas esteiras abertas pelos seus desdobramentos atuais, mostra-se pertinente e vigoroso para compreender as transformações na intimidade, na corporeidade e nas relações espaciais e sociais, bem como nas novas possibilidades de experiências espaciais que se descortinam diariamente. (MARANDOLA JÚNIOR, 2013, p. 59).

Sua pretensão é de relacionar de uma maneira holística o homem e a natureza, ou mais genericamente o sujeito e o objeto, fazendo uma ciência fenomenológica que extraia das essências a sua matéria prima.

No entanto, quando ocorre a reflexão sobre as gerações futuras, surge de forma emergente à necessidade de sensibilização e responsabilização no que diz respeito à geomorfologia das paisagens, preservando e minimizando os impactos causados através do uso abusivo meramente comercial, visando o lucro pela ótica de exploração capitalista.

O turismo se utiliza de ambientes naturais como forma de atrativo, portanto o estudo dos impactos que a presença do homem causa nesses ambientes é de extrema necessidade. Para impacto ambiental, adotou-se a definição do CONAMA 001/86, que considera como: Qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente afetam: a saúde, a segurança e o bem-estar da população; as atividades sociais e econômicas; a biota; as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente; a qualidade dos recursos ambientais (BRASIL, 2008, p. 41).

Contudo Ab’ Sáber (2003), discute a respeito da falta de consciência com relação à preservação das heranças paisagísticas e ecológicas. A preservação dos recursos na maioria das

vezes não é motivo de preocupação para a população, mas também no que tange o completo descaso das políticas públicas, sendo assim motivo de ameaça e desconforto a curto prazo.

Tal afirmação vai ao encontro das reflexões de Santos (2008, p.37), que diz respeito a proposição de um objeto, que é sempre, um recorte do sujeito:

Por isso criamos a falsa impressão de que superaremos nossa dificuldade de compreensão superando a polissemia que sobre cada categoria é imposta pelo processo de construção conceitual. Espaço, paisagem, lugar ou região são categorias criadas e necessárias à ordenação do sujeito no mundo e, portanto, tornar-se ciente do mundo (SANTOS, 2008, p.37).

A partir destas categorias de análise geográficas, são propostas pesquisas, observações e análises das paisagens, sejam elas naturais, culturais ou modificadas, que retratam os impactos ambientais causados pela interferência do homem na natureza e a sua relação com o meio ambiente.

### **3.3. Características físico-geográficas do município de Bonito no Mato Grosso do Sul**

O município de Bonito/MS possui uma extensão de 5.373,016 km<sup>2</sup> e está localizado no Planalto da Bodoquena, sendo limitado a oeste pelo município de Porto Murtinho e tendo o Pantanal como vizinho. Na direção ao norte há os municípios de Bodoquena/MS e Miranda/MS, a leste os municípios de Anástacio e Guia Lopes da Laguna e ao sul Jardim. De acordo com estimativa do IBGE, para 2020 a população é de 22.190.

De acordo com o censo IBGE (2010) os indicadores sociais mostraram que Bonito possui 6.188 domicílios particulares permanentes, destes 82,5% pertencentes a área urbana e 17,5% a áreas rurais. Sobre o saneamento básico, um total de 74,9% possui saneamento adequado, 10,3% possui saneamento inadequado e 14,9% possui saneamento semi-adequado. Sobre o sexo, 50,4% da população é masculina e 49,6% é feminina e o valor do rendimento mensal total nominal é de R\$1.169,00 para o sexo masculino e R\$799,00 para o sexo feminino. O PIB per capita do município é de R\$34.572,89, com percentual das receitas oriundas de fontes externas de 66,4%.

Frente as características territoriais sócio-econômicas do município de Bonito, bem como o processo de apropriação do território baseado prioritariamente na qualidade dos recursos naturais do mesmo, atribuídos às dinâmicas hidrográficas originadas dos processos geomorfológicos em relevo cárstico, optamos por apresentar, a partir daqui uma caracterização físico-geográfica da área na escala de bacia hidrográfica.

A gestão por bacias hidrográficas também é um modelo de administração integrada que ultrapassa fronteiras políticas que possibilita otimizar usos múltiplos, promover técnicas inovadoras para manter a sustentabilidade e fazer um planejamento estratégico e territorial com a gestão das bacias, dos recursos hídricos superficiais e subterrâneos (CLARLE; KING, 2005).

O artigo 1º, no inciso V, da Lei Federal 9.433/1997 dispõe sobre a Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH), e estabelece as bacias hidrográficas como unidades físico-territoriais para o planejamento ambiental. Desta forma, o diagnóstico deve considerar aspectos ambientais, políticos, culturais e socioeconômicos de cada região hidrográfica, valorizando assim as singularidades e estratégias de gestão na bacia (BRASIL, 1997).

Implantou normas básicas de organização e gestão para todo o território nacional, sendo assim, vários Estados brasileiros se dedicam a fim de criar e aperfeiçoar mecanismos legais que visem a preservação da qualidade e o uso racional da água (CONTE; LEOPOLDO, 2001).

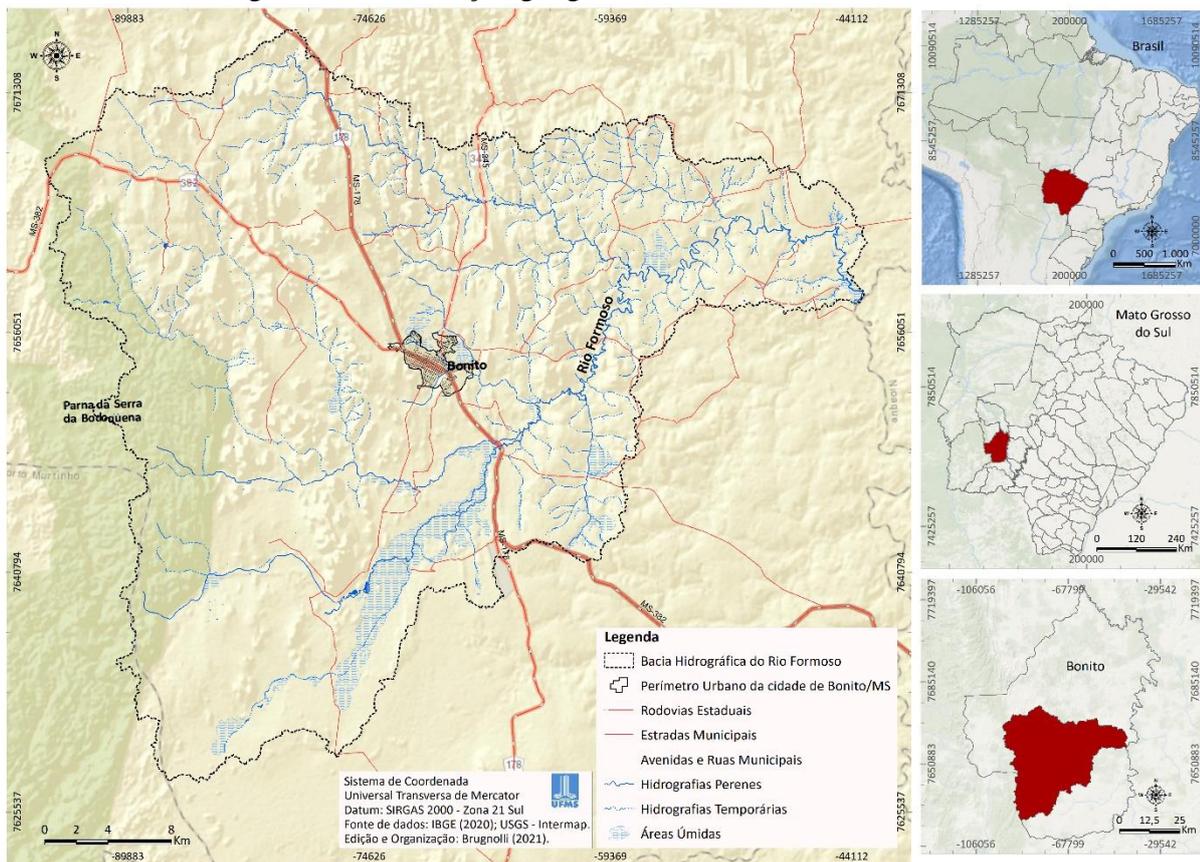
Assim, considerando o importante contexto territorial de bacia hidrográfica, sobretudo no caso das bacias hidrográficas da região de Bonito, cuja gênese está ligada a processos predominantemente cársticos, a Bacia Hidrográfica do Rio Formoso (BHRF) apresenta-se, como o principal sistema de drenagem da região valorizado pelos recursos hídricos abundantes, pelos rios cênicos, pelas vegetações florestais nativas e ainda abriga o núcleo urbano do município de Bonito, salientando, portanto que grande parte de seus atrativos turísticos estão nela inseridos.

Segundo Brugnolli (2020) o uso de terras inadequado, os solos frágeis, altos declives e possíveis precipitações concentradas em determinadas épocas resultam em uma maior propensão aos delineamentos, turvamento dos recursos hídricos, processos de erosão, entre outras modificações na bacia hidrográfica, chamando a atenção para a gestão apropriada ao carste e uso adequado das terras, com a ampliação e sustentação de áreas protegidas legalmente.

A BHRF está localizada a sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul, com uma área de 1.324,67 km<sup>2</sup>. O rio Formoso apresenta uma extensão de aproximadamente 97,27km e suas nascentes estão situadas na Serra da Bodoquena, já sua foz localiza-se no médio curso e na margem esquerda do rio Miranda. Brugnolli (2020) ressalta que a BHRF está situada entre duas grandes áreas serranas (a serra da Bodoquena a oeste e a serra de Maracaju a leste).

Geograficamente, a BHRF se localiza entre as coordenadas 20°55'42" e 21°21'15" de latitude sul e 56°10'44" e 56°44'10" de longitude oeste (Figura 4).

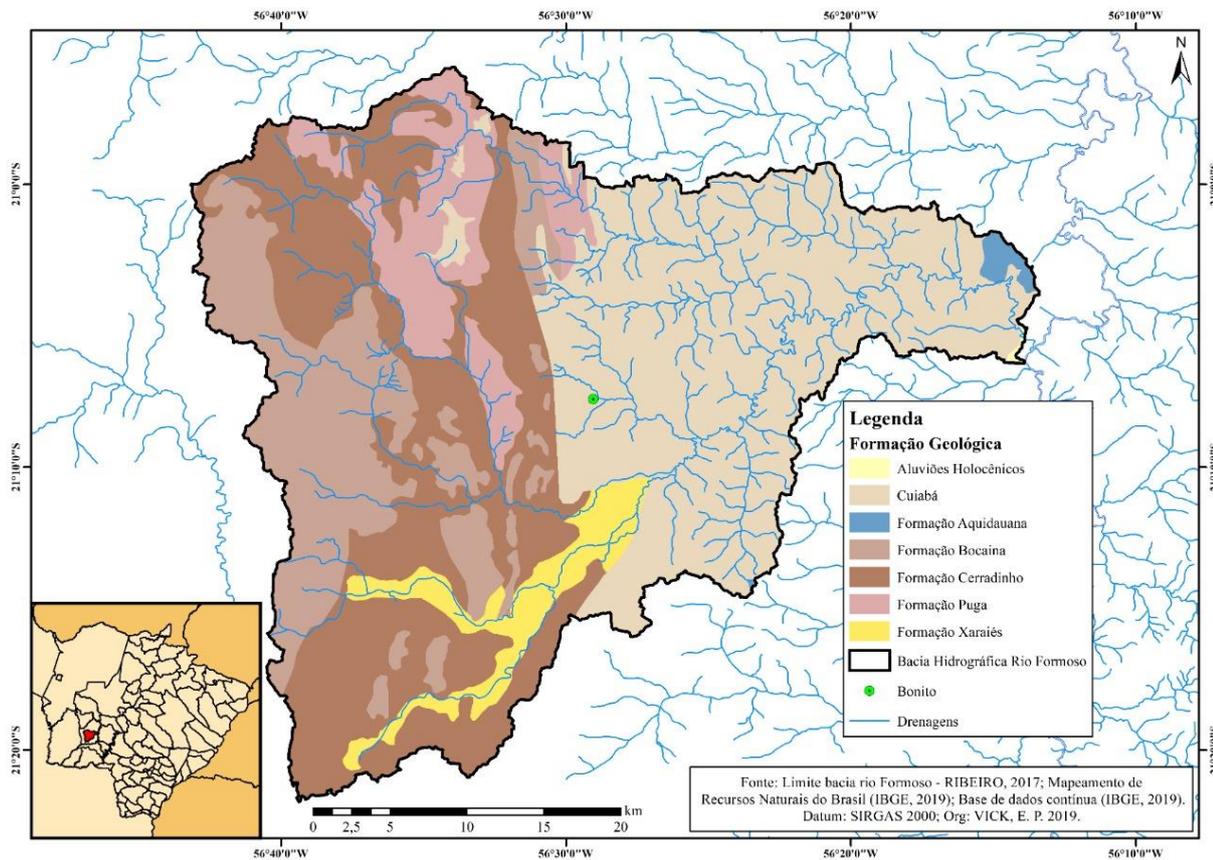
Figura 4 - Localização geográfica da Bacia do Rio Formoso



Fonte: BRUGNOLLI, 2021.

O território da bacia está ocupado por duas grandes unidades geológicas diferentes: a leste a formação Cuiabá composta principalmente por rochas metamórficas de idade Criogeniano/Neoproterozóico III (630 milhões de anos) e a oeste as formações Cerradinho e Bocaina constituídas principalmente por rochas calcários, dolomitas e mármores de idade Neoproterozóico/Cambriano (480 a 600 milhões de anos). Outras formações geológicas encontradas na bacia: Aquidauana, Puga e Xaraiés, ocupam uma área muito menor em pequenos fragmentos e no fundo dos vales fluviais estão ocupados em grande parte por depósitos Aluvionares do Holoceno (Figura 5 e Quadro 1).

Figura 5 - Geologia da bacia do rio Formoso.



Fonte: VICK, E.P., 2019.

Quadro 1 - Características principais das formações geológicas presentes na bacia do rio Formoso

Formação Geológica	Rochas predominantes	Área (km <sup>2</sup> )	% da área total da bacia
Formação Bocaina	Sequência de calcários dolomíticos e mármores sedimentares	237,08	18,18
Formação Cerradinho	Alternância de arenitos, calcários, dolomitas, conglomerados, margas, siltitos, sedimentares e metamórficas	386,13	29,61
Formação Puga	Paraconglomerados petromíticos com matriz argilo-silticoarenosa e cimento calcífero	117,19	8,99
Formação Cuiabá	xistos, filitos, quartzitos, metarenitos, metamórficas	492,32	37,76
Formação Aquidauana	Arenitos e argilitos, metamórficas	7,41	0,57
Formação Xaraiés	Calcários pulverulentos e travertinos	62,64	4,80
Depósitos Aluvionares	Sedimentos argilo-siltico-arenosos	1,05	0,08
Corpo de água continental	-	0,06	0,00
Total		1303,88	100

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

A rede hidrográfica da região situa-se, em sua quase totalidade, em uma região de rochas calcárias: suas cabeceiras de drenagem estão localizadas na Serra de Bodoquena, que se insere geologicamente no Grupo Corumbá, constituído, nesta área, pelas Formações Bocaina e Cerradinho, em sua porção central e leste ocorrem rochas do Grupo Cuiabá. No extremo leste, à margem esquerda do Rio Formoso, próximo à sua foz, há uma pequena área de arenitos da Formação Aquidauana, do Grupo Itararé. Nos vales dos cursos superior e médio do Rio Formoso e seus afluentes, verifica-se a ocorrência da Formação Xaraiés. Nos fundos de vales, nas nascentes do braço direito do Rio Formoso, em suas várzeas e junto à sua foz, a geologia é representada por sedimentos de natureza argilosa, que constitui os aluviões fluviais (Brasil, 1982).

Os depósitos distribuem-se principalmente na litologia de inundação e ao longo dos canais de drenagem são compostos predominantemente de areia quartzosa, areia, cascalho, silte, argila e localmente turfa (DIAGNÓSTICO BHRM, 2014, p.51).

A área de estudo em questão, no trecho do Rio Formoso, encontra-se inserida nas formações Xaraiés e Grupo Cuiabá. De acordo com informações extraídas do Projeto Radambrasil, a Formação Xaraiés é representada, na área pesquisada, por tufas calcárias e por travertinos, depositados ao longo dos vales de drenagem (Brasil, 1982). Segundo Almeida (1945; apud Brasil, 1982), essa formação é oriunda de material fóssil constituído de plantas e gastrópodes, considerada de idade pleistocênica.

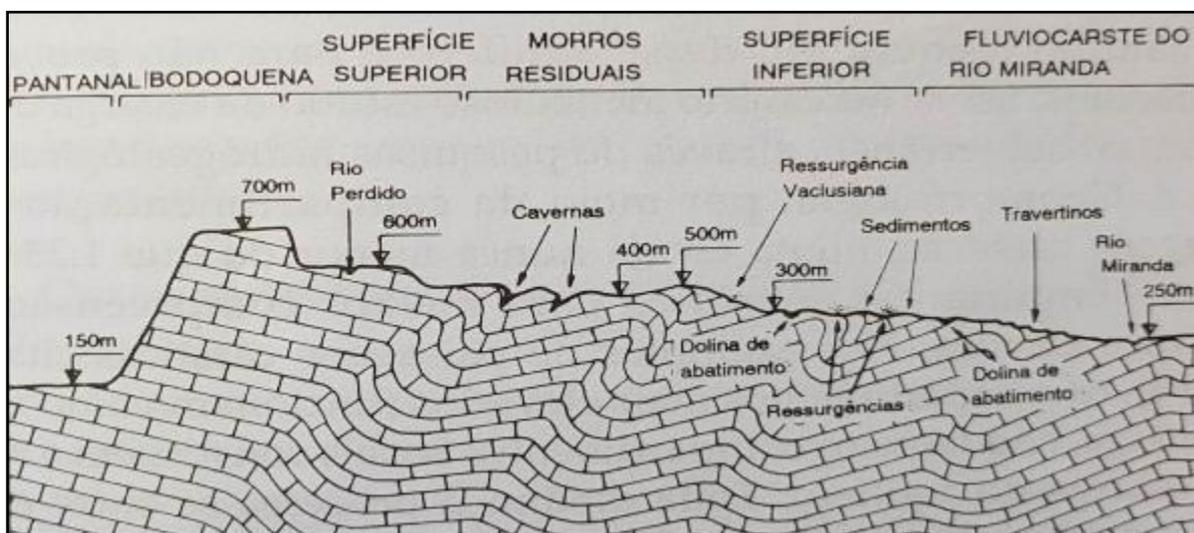
De acordo com o Plano de Recursos Hídricos da Bacia Hidrográfica do Rio Miranda (2014), as litologias mais recentes, datadas do Holoceno, encontradas são a Formação Xaraiés que ocorre na borda sul e centro-sul da Serra da Bodoquena, cabeceira do rio da Prata e no vale do rio Formoso, sua gênese é associada aos intemperismos químicos de rochas carbonatadas dos Grupos Corumbá e Alto Paraguai, que propiciaram a precipitação de carbonato (Almeida, 1945b,1964) é constituída pelos litótipos principais que são as tufas calcárias, travertinos e conglomerados com cimento calcífero (DIAGNÓSTICO BHRM, 2014, p.51).

A fonte do material dos depósitos dessa unidade reside nas rochas carbonatadas dos Grupos Cuiabá e Corumbá, aparecendo localmente com aspecto esponjoso. Esse tipo de unidade está presente em trechos do vale do Rio Perdido e Rio Formoso. Apesar das várias interpretações quanto ao ambiente de sedimentação das rochas do Grupo Cuiabá, Almeida (1964; apud Brasil, 1982) afirmou que a litologia da área em epígrafe estabeleceu-se em ambiente marinho tectonicamente instável, com períodos de quietude, ocasião em que se dava a precipitação carbonática.

No estado de Mato Grosso do Sul, temos a grande província de rochas carbonáticas dos Grupo Corumbá e Cuiabá. O carste de Bonito situa-se na borda ocidental do pantanal brasileiro, 200 km ao sudoeste de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul. O cenário cárstico desenvolve-se no anticlinal da Serra da Bodoquena (700m) e no sinclinal dos rios Salobro e Formoso (320m), formadores do Rio Miranda, afluente do Rio Paraguai (Kohler, 2003). Segundo Kohler:

A morfologia cárstica é formada por quatro compartimentos fisiográficos distintos: A – Superfície superior, Fluviocarste do sistema Rio Perdido, entalhado na superfície aplainada de topo, cota média de 600m; B – Morros residuais isolados com desníveis de até 70m, intercalados por abismos de abatimento, testemunhando a dissecação da superfície cimeira; C – Superfície inferior, planície cárstica (320m), com inúmeras ressurgências em lagoas pouco profundas (70cm – 120cm), constituindo as nascentes do Rio Formoso e Prata com trechos em corredeiras sobre travertinos; D – Fluviocarste do Rio Miranda com sedimentação de travertinos. (KÖHLER, 2003, p.327).

Figura 6 – Perfil esquemático da geologia e geomorfologia da região cárstica de Bonito – MS



Fonte: Kohler, 2003.

Kohler (2003) chama a atenção para a necessidade de estudo minucioso da recarga desse manancial subterrâneo, que por sua natureza apresenta enormes reservas, pois através de pesquisas hidrogeológicas, pode-se analisar os impactos provocados pelo abastecimento de água da população bombeado do aquífero cárstico, na tentativa de manter o equilíbrio desse aquífero e para não provocar abatimentos que também podem ocorrer naturalmente.

Nos exemplos de paisagens cársticas citados anteriormente (Figura 6), os compartimentos mais elevados funcionam como zona de recarga, enquanto os compartimentos basais constituem as zonas de descarga do aquífero. Sendo assim, toda dinâmica se processa

entre esses dois extremos, requerendo estudos e cuidados específicos, rigorosos de saneamento básico.

Os deflúvios da cidade devem ser desviados do manancial de recarga para não poluir os compartimentos mais baixos, situados na zona de descarga, prevenindo a poluição do aquífero subterrâneo que pode comprometer as gerações futuras, tendo em vista que a água será, sem dúvida o recurso mineral mais cobiçado e procurado no próximo século.

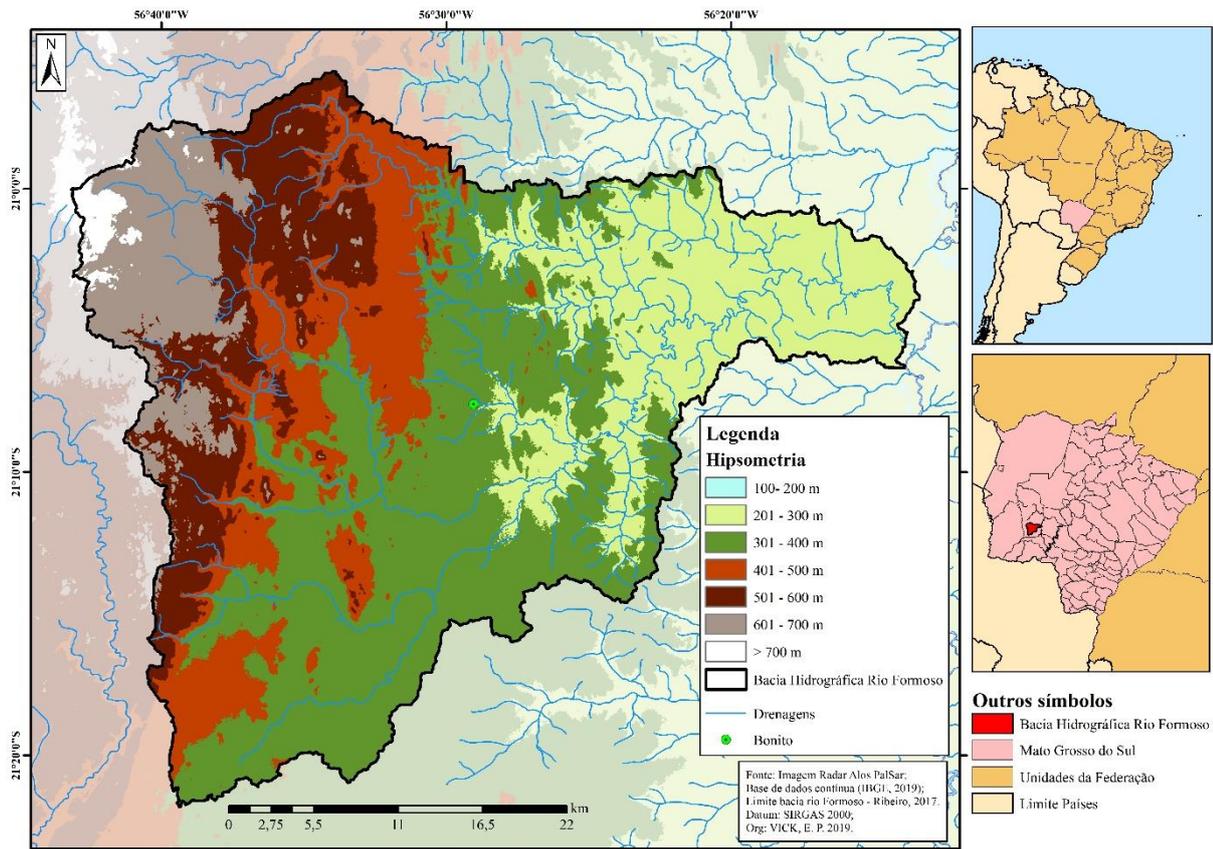
O relevo define-se basicamente através de duas unidades, a serra da Bodoquena e a depressão do Miranda. A serra da Bodoquena apresenta formas e características relacionadas às litologias calcárias, comportando altimetrias que variam de quatrocentos a seiscentos metros, enquanto a depressão do Miranda apresenta uma superfície mais baixa, variando de cem a trezentos metros de altitude, e a sede do município encontra-se a 315m de altitude (BANDUCCI JUNIOR; MORETTI, 2001).

O Planalto da Bodoquena ergue-se como um divisor de água entre a bacia do rio Paraguai (oeste) e as Sub-Bacias do Apa (sul) e Miranda (leste). É um conjunto de relevos dispostos no sentido norte-sul, abrangendo como corpo principal a Serra da Bodoquena, que se estende por aproximadamente 200 km de comprimento e apresenta cerca de 65 km de largura. Trata-se de um extenso bloco de relevo de aspecto residual por se encontrar circundado pela Depressão do Rio Paraguai (Brasil, 1982).

De acordo com Ross (2009), a Serra da Bodoquena, é denominada como formas residuais esculpidas em dobramentos datados do Pré-Cambriano, cujos processos erosivos geraram formas de relevo em conjuntos de serras assimétricas e grosseiramente paralelas, que atingem até 800 m de altitude. Constituídas por rochas sedimentares antigas, são dobradas por processos orogenéticos trabalhados por vários ciclos erosivos.

As altimetrias médias predominam entre as cotas de 400 e 650 m, excepcionalmente ocorrendo áreas menores que 300 m e superiores a 700 m. As áreas em estudo compreendem altitudes que vão de 300 m até aproximadamente 420 m (Figura 7 e Quadro 2).

Figura 7 - Hipsometria da bacia do rio Formoso



Fonte: VICK, E.P., 2019.

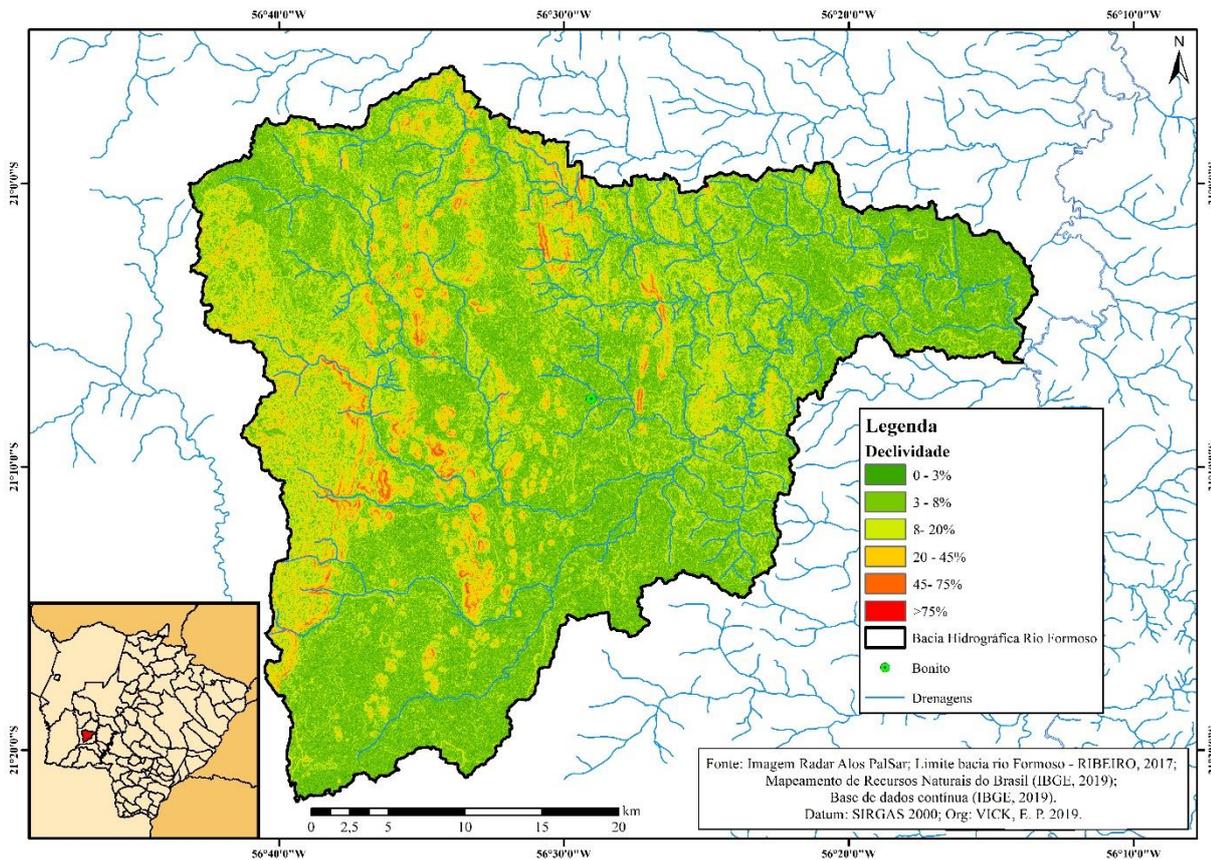
Quadro 2 – Principais pisos altimétricos da bacia

Altitude em metros sobre o nível do mar	Área (km <sup>2</sup> )	% da área total da bacia
100-200	0,05	0,00
201-300	286,56	21,97
301-400	492,04	37,73
401-500	215,37	16,51
501-600	172,77	13,25
601-700	123,45	9,46
> 700	13,64	1,04
<b>Total</b>	<b>1.303,88</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

A declividade predominante nas diferentes áreas da bacia pode ser apreciada na Figura 8 e quadro 3.

Figura 8 – Declividade em porcentagem na bacia do rio Formoso



Fonte: VICK, E.P., 2019.

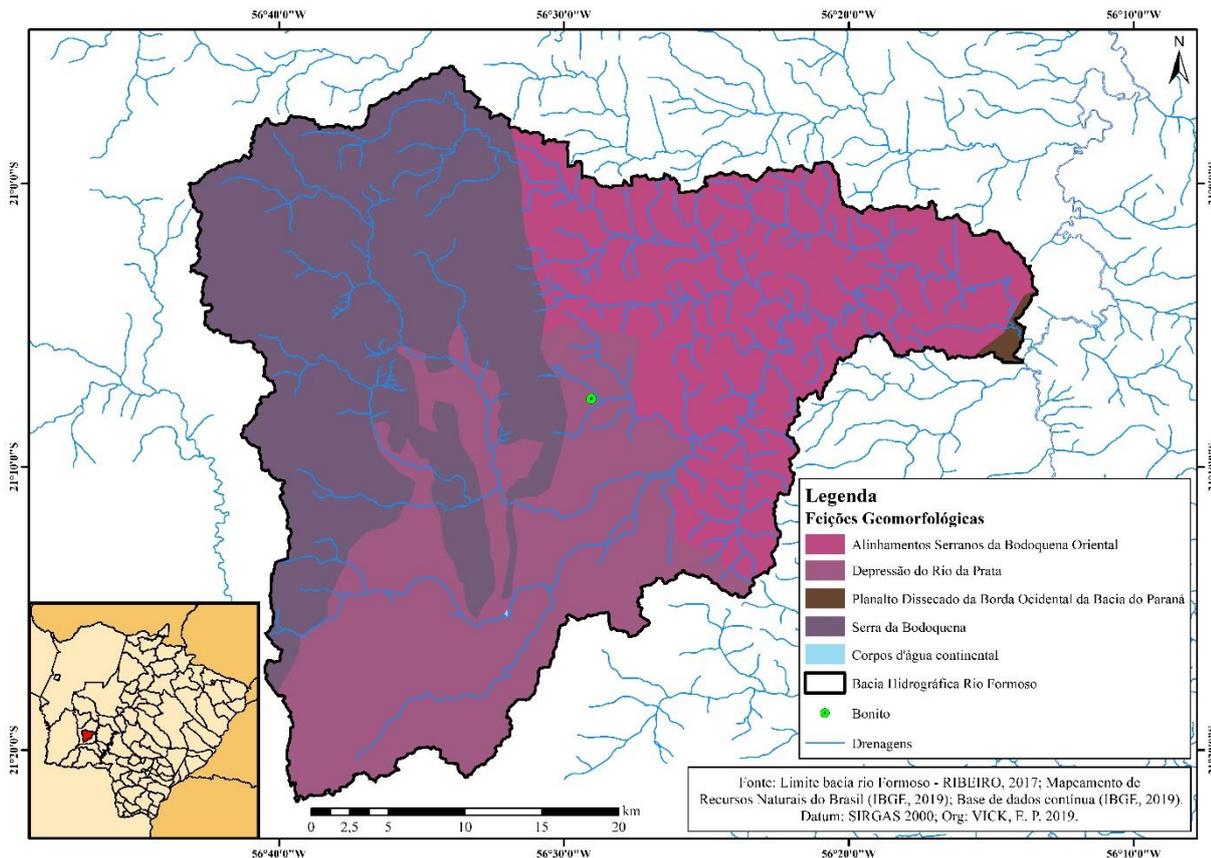
Quadro 3 – Intervalos de declividade na bacia do rio Formoso

Declividade em porcentagem	Área (km <sup>2</sup> )	% da área total da bacia
0-3 %	120,56	9,25
3-8 %	632,28	48,49
8-20 %	416,83	31,97
20-45 %	121,09	9,29
45-75 %	12,81	0,98
> 75 %	0,27	0,02
Total	1303,84	100

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

A partir das análises das figuras 7 e 8 e dos quadros 2 e 3 pode-se concluir que predominam na bacia as superfícies planas a diversos níveis que se elevam de leste a oeste até superar mais de 700 m na Serra da Bodoquena, o que foi resumido por outros autores no mapa Geomorfológico da figura 9.

Figura 9 – Geomorfologia da bacia do rio Formoso



Fonte: VICK, E.P., 2019.

Quadro 4 – Tipos de relevo na bacia do rio Formoso

Geomorfologia	Área (km <sup>2</sup> )	% da área total da bacia
Corpos d'água continental	0,06	0,00
Planalto Dissecado da Borda Ocidental da Bacia do Paraná	5,02	0,39
Alinhamentos Serranos da Bodoquena Oriental	415,59	31,87
Depressão do Rio da Prata	387,39	29,71
Serra da Bodoquena	495,82	38,03
Total	1303,88	100

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

O clima da região é do tipo tropical quente, estacionalmente úmido com precipitação entre 1.200 a 1.700 mm por ano, com duas estações bem definidas (período seco definido), sendo localmente influenciado pelo relevo, que ameniza as temperaturas. As chuvas mais intensas ocorrem no verão e a estação seca perdura por cerca de quatro meses, entre maio e agosto, período em que se observam constantes focos de fogo, que ameaçam tanto a vegetação nativa, como casas, plantações e as áreas urbanas. As temperaturas médias anuais encontram-se entre 20°C e 22°C, mas nota-se grande amplitude entre os meses de verão e inverno, com máximas absolutas próximas dos 40°C e mínimas chegando próximo de 0°C (BANDUCCI

JUNIOR; MORETTI, 2001; FUNDAÇÃO NEOTROPICA DO BRASIL, 2002; RIZZO, 2010, APUD SILVA, 2015).

Hidrologicamente, o município de Bonito pertence a bacia hidrográfica do Alto Paraguai, sub-bacia do Miranda e Aquidauana, tendo como principais rios o Miranda e o Formoso, destacando-se também os rios Bacuri, do Peixe, o Perdido, o Chapena e o da Prata (BANDUCCI JUNIOR; MORETTI, 2001).

Associado a rochas calcárias, o sistema hidrográfico em Bonito apresenta rios subterrâneos, sumidouros, ressurgências, além de águas cristalinas, resultado da grande quantidade de calcário nelas dissolvido, que promove a deposição de partículas no fundo do rio e inúmeras cascatas que pertencem a um conjunto hidrográfico que proporciona grande beleza cênica às paisagens naturais de Bonito (BANDUCCI JÚNIOR; MORETTI, 2001).

De acordo com a Fundação Neotrópica do Brasil (2016), o rio principal, que dá o nome à microbacia, cobre uma área de drenagem de aproximadamente 136.000 hectares e é parte do complexo da Serra da Bodoquena (GEF, 2007 apud FNB, 2016). Segundo consta:

O Rio Formoso é responsável pelo fenômeno geológico conhecido como “captura de interflúvio” (o mais conhecido é o do rio Perdido), ou seja, a erosão superficial do leito alto do rio Formoso progride paulatinamente a montante, consumindo o interflúvio que o separa do rio Perdido. Existe a tendência de o rio Formoso, na região de captura, direcionar para si as águas que hoje drenam a jusante pela bacia do rio Perdido (em escala de tempo geológica) (ICMBIO, 2013). Além disto, a referida microbacia, possui extrema importância ambiental, pelo fato dessa área estar ligada a várias Unidades de Conservação – como o Parque Nacional da Serra da Bodoquena, o Monumento Natural do Rio Formoso - MONA, a Gruta da Lagoa Azul, além de diversas Reservas Particulares do Patrimônio Nacional - RPPN's (FUNDAÇÃO NEOTRÓPICA DO BRASIL, 2016, p. 10).

No diagnóstico Hidrogeológico de Mato Grosso do Sul, as Unidades Hidrogeológicas foram agrupadas por tipos litológicos com parâmetros semelhantes para o armazenamento e transmissão de água.

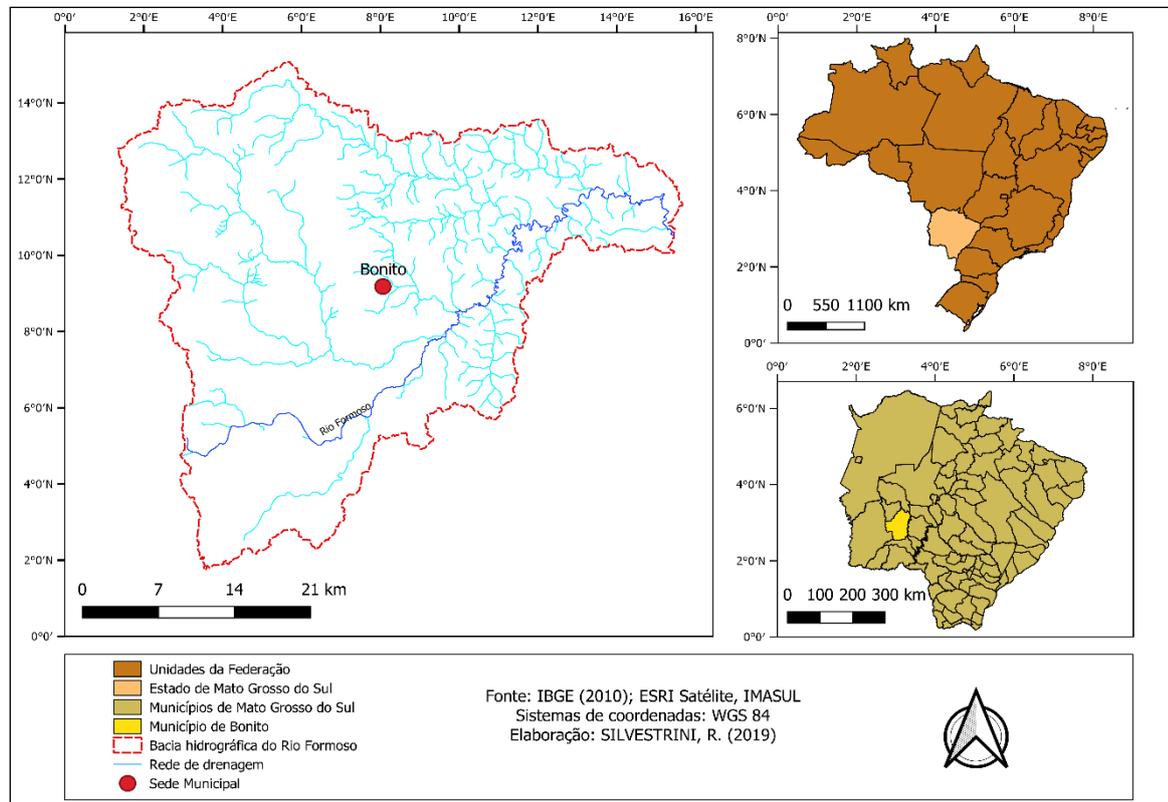
Considerando o Plano Estadual de Recursos Hídricos de Mato Grosso do Sul (2014), a bacia do Formoso se enquadra no sistema Aquífero Pré-Cambriano Calcários, que é um aquífero cárstico, representado pelas unidades geológicas carbonáticas dos grupos Corumbá e Cuiabá, importante aquífero principalmente para a região de Bonito.

Conforme Lastoria (2005) apud Deméter Engenharia (2014) cárstico é aquele no qual o armazenamento e a circulação da água é condicionado principalmente pela dissolução, orientada a partir de descontinidades rúpteis em rochas carbonáticas (também denominada como porosidade secundária).

O Aquífero Pré Cambriano Calcário apresenta Ph de 9,5, caracterizado como uma água básica, às vezes salobra. No que se refere à caracterização física, a água desses aquíferos, para ter parâmetro de cor, cheiro e gosto, para ser considerada uma água

sem contaminação. Quaisquer alterações nesses parâmetros podem indicar contaminação desse aquífero, o que pode indicar ação antrópica (Plano de Recursos Hídricos da Bacia Hidrográfica do Rio Miranda, 2014, p.54).

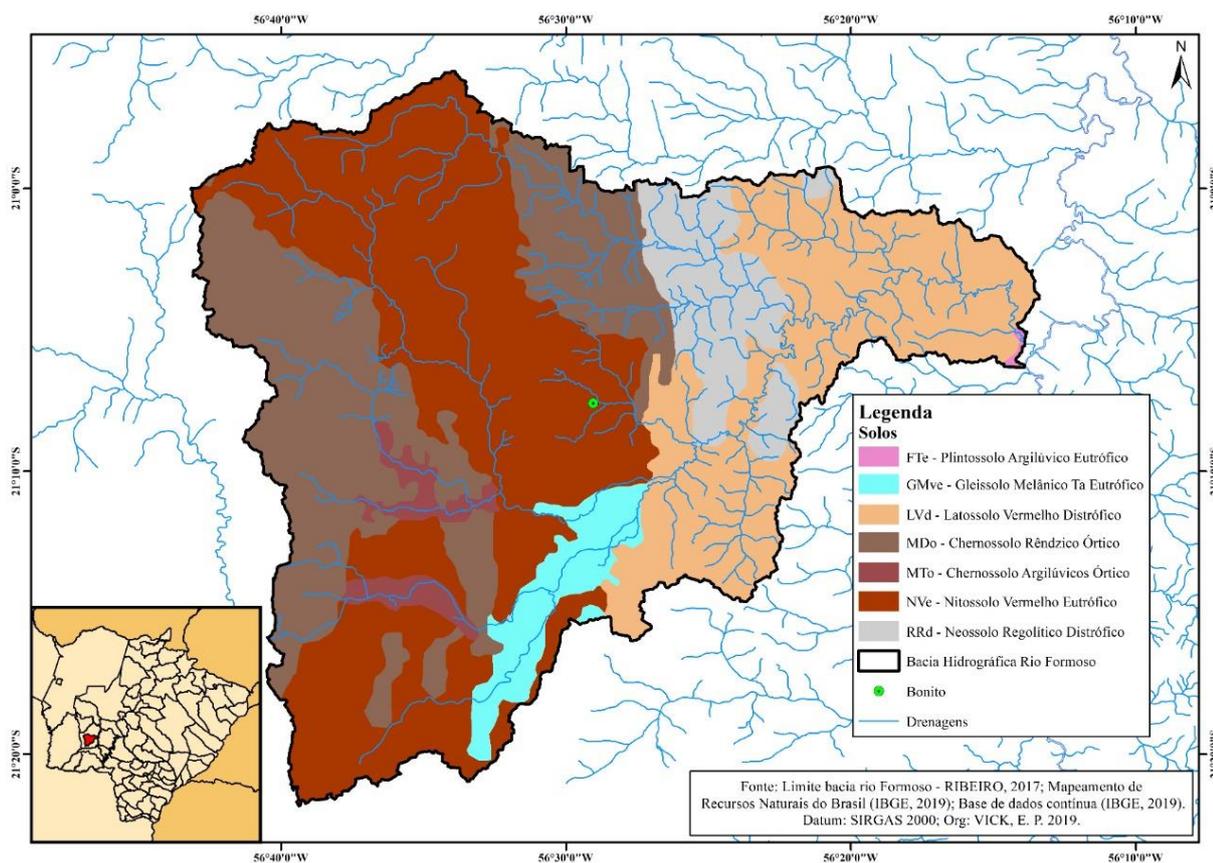
Figura 10 - Rede de drenagem da bacia do rio Formoso



Fonte: SILVESTRINI, R., 2019.

De acordo com o sistema de classificação utilizado no Brasil, os solos da bacia do rio Formoso podem se agrupar em seis categorias principais (Figura 11 e Quadro 5).

Figura 11 – Solos da bacia do rio Formoso



Fonte: VICK, E.P., 2019.

Quadro 5 – Características principais dos solos da bacia do rio Formoso.

Tipo de solo	Características principais	Área (km <sup>2</sup> )	% da área total da bacia
Plintossolo	Do grego plinthos, “ladrilho”; conotativo de materiais argilosos coloridos que endurecem quando expostos ao ar. Horizonte plíntico	1,41	0,11
Gleissolo	Do russo gley, “massa do solo pastosa”; conotativo de excesso de água. Horizonte glei	58	4,45
Latossolo vermelho	Do latim lat, “tijolo”; conotativo de solos muito intemperizados. Horizonte B latossólico	274,44	21,05
Chernossolo	Do russo chorniy, “preto”; conotativo de solos ricos em matéria orgânica, com coloração escura	367,45	28,18
Nitossolo	Do latim nitidus, “brilhante”; conotativo de superfícies brilhantes nas unidades estruturais. Horizonte B nítico	503,15	38,59
Neossolo	Do grego neo, “novo”; conotativo de solos com pouco desenvolvimento pedogenético	99,37	7,62
Corpos d’água continental	-	0,06	0,00
Total		1303,88	100

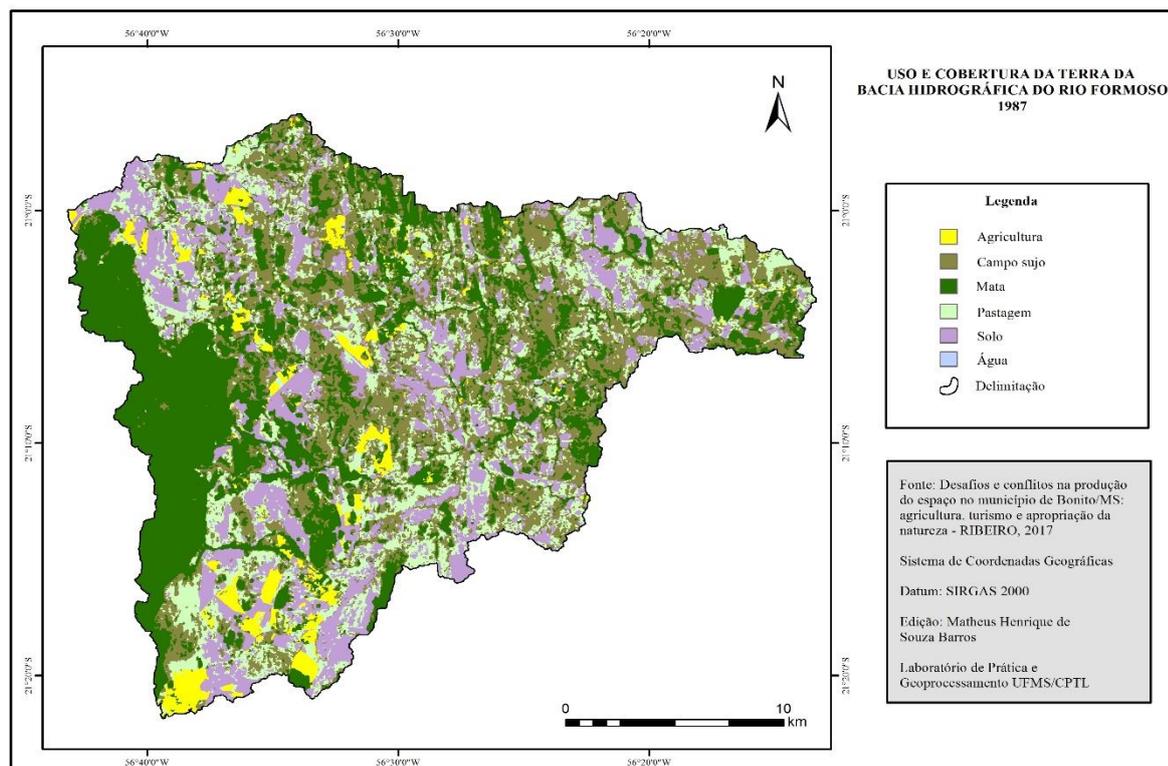
Fonte: EMBRAPA SOLOS, 2018, adaptado pela autora.

Contudo, fisionomicamente em nível de vegetação, a bacia do rio Formoso está inserida no bioma cerrado, caracterizado pela vegetação que destaca-se pelas Floresta tropical Estacional Decidual que cobre a maior parte do planalto da Bodoquena. O mesmo vem sofrendo um processo de descaracterização em função da exploração das inúmeras espécies de madeira de lei. Entre as manchas de matas e cerrados, há uma grande faixa de mistura desses dois domínios, cerrado e mata atlântica, conhecida cientificamente como área de contato ou *tensão ecológica*, isto é, apresenta características e espécies dos dois ambientes (BANDUCCI JUNIOR; MORETTI, 2001).

De acordo com Rizzo (2010) apud Silva (2015) a vegetação da região é de cerrado predominante, com uma parte de Floresta Estacional Decidual conhecida como mata seca. A característica marcante desta floresta é a perda das folhas na estação seca.

Com base nas informações em formato digital das imagens de satélite Landsat 5 TM, de 1987 e da imagem Landsat 8 OLI, de julho de 2016, que são multiespectrais com resolução de 30 metros, já processados por Ribeiro (2017) em sua tese de doutorado para o município de Bonito, foi feito o recorte da bacia do rio Formoso e foram feitos os mapas de uso e cobertura da terra, apresentados nas figuras 12 e 13, o que possibilitou a análise da dinâmica da uso do solo na referida bacia no período e a confecção dos quadros com as áreas correspondentes a cada uso (ver quadros 6 e 7).

Figura 12 - Uso do solo e vegetação da bacia do rio Formoso 1987



Fonte: BARROS, M.H.S., 2019.

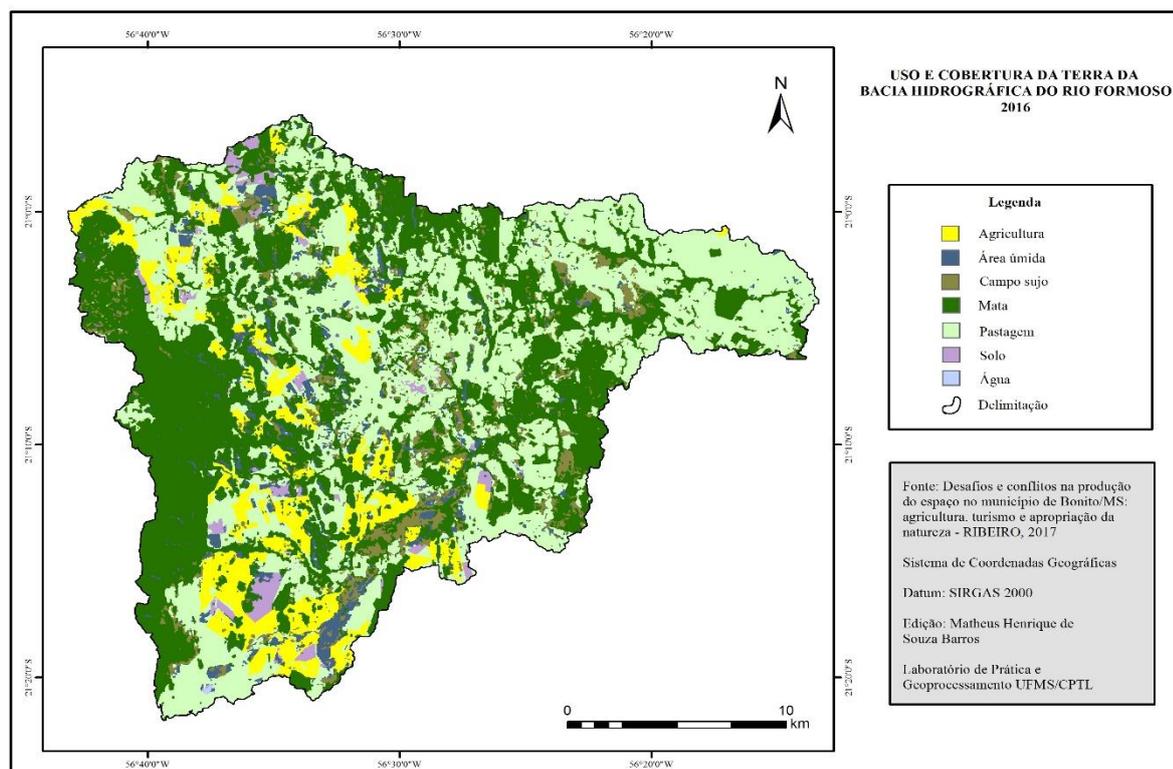
Quadro 6 - Uso e cobertura da terra – 1987

Classe	Km <sup>2</sup>	%
Mata	385,77	29,35
Campo sujo	401,73	30,52
Pastagem	227,57	17,31
Solo exposto	244,72	18,61
Agricultura	53,90	4,10
Água	0,73	0,06
TOTAL	1314,42	100%

Fonte: Elaborado pela autora, segundo Ribeiro, 2017.

Em 1987, os usos predominantes na bacia em ordem decrescente foram: campo sujo (30,52%), mata (29,35%) e apenas exposto (18,61%), indicando um território em estágio intermediário do assimilação econômica principalmente agrícola, com (17,31%) da área ocupada por pastagens e apenas (4,10%) da área agrícola.

Figura 13 - Uso do solo e vegetação da bacia do rio Formoso 2016



Fonte: BARROS, M.H.S., 2019.

Quadro 7 - Uso e cobertura da terra – 2016

Classe	Km <sup>2</sup>	%
Mata	525,97	40,01
Área úmida	58,94	4,49
Campo sujo	81,27	6,18
Pastagem	506,36	38,53
Solo exposto	22,92	1,74
Agricultura	118,29	9
Água	0,65	0,05
<b>TOTAL</b>	<b>1314,42</b>	<b>100%</b>

Fonte. Elaborado pela autora, segundo Ribeiro, 2017.

Já em 2016, quase três décadas depois, a matriz de uso muda, predominando em ordem decrescente: matas (40,01%) e pastagens com (38,53%) da área total da bacia e um ligeiro aumento da agricultura, até atingir (9%), o que podemos apontar consolidada a presença da

atividade pecuária na bacia do rio Formoso e no município de Bonito em geral, associada ao avanço até oeste do estado do agronegócio, o que faz com que a pecuária também se mova nessa direção até áreas com declividades médias e solos que não favorecem o uso agrícola e que antes eram consideradas campos sujos.

As áreas ocupadas por vegetação “natural” ou com modificação humana média classificada como mata, ocupam principalmente as áreas de maior declividade da bacia, as áreas com solos pobres e as margens dos rios e córregos. Nas últimas áreas, apesar dos regulamentos existentes, a pressão humana continua sendo ocupada por várias atividades, como turismo e a agricultura, em pequenas parcelas.

A área em questão, a Bacia Hidrográfica do Rio Formoso é rica do ponto de vista turístico, de fauna e flora. A região do Planalto da Bodoquena foi ocupada historicamente pela criação de gado e mais recentemente pela atividade turística explorando principalmente os rios cênicos de águas cristalinas. A substituição de algumas áreas de pastagem por plantações de soja e milho tem preocupado o segmento turístico e também os ambientalistas, pois nesta área existe o Parque Nacional da Serra da Bodoquena, definido como área prioritária para a conservação da biodiversidade do cerrado e pantanal.

*“Todo pesquisador que na juventude cometeu a audácia de estudar uma região de seu país – de grande ou pequeno espaço, de longa ou curta história – aspira retornar muitos anos depois, a fim de reexaminar os fatos observados e revisar a nova conjuntura criada por força da dinâmica social e pela atuação de fatores até certo ponto imponderáveis. Para um geógrafo, voltar a uma região do grande interior brasileiro é um ato de revisão de paisagens e espaços, em nível físico, ecológico e social. Mas também a oportunidade de questionar a si próprio, em termos de mudança de ética de observação e do modo de perceber os sistemas de relações entre grupos humanos e meios geográficos em mudança.”*

AZIZ AB' SÁBER, 2003.



Fonte: Paisagem sobre a ponte do Rio Formoso, no trecho que antecede o Balneário Municipal de Bonito. Foto: SILVESTRINI, R., 2019.

#### 4. METODOLOGIA

Para desenvolver o presente estudo foram realizadas três etapas metodológicas de trabalho, precedidos pelo envio da documentação referente ao projeto que foi aprovado na Plataforma Brasil, pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), especificada no protocolo pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), e cumprindo as exigências do Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Obtivemos o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética com número CAAE 26622819.1.0000.0021, para realização das entrevistas (em anexo).

Primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico teórico-conceitual sobre os temas paisagem, fenomenologia e percepção, além das características físico-geográficas e de uso e ocupação do solo na escala da bacia hidrográfica do rio Formoso, que foram utilizadas não apenas para construção do referencial teórico desta pesquisa, porém de suma importância para análise e discussão dos resultados.

Em um segundo momento foram realizadas juntamente com a comunidade local, as entrevistas semi-dirigidas, a fim de analisar os olhares e percepções dos sujeitos da paisagem sobre as dinâmicas socioculturais como as experiências do vivido, além das transformações ocorridas nas paisagens e os problemas ambientais existentes na bacia do rio Formoso, percebidas e apontadas, pelos diferentes olhares e perspectivas daqueles que residem a mais de vinte anos no município.

Esta etapa foi fundamental para a realização desta pesquisa, que inicialmente havia definido o trabalho de campo com duração de quatro dias, mas que durante a sua realização sentiu-se a necessidade de se estender por dezoito dias, proporcionando uma imersão no universo cotidiano dos moradores e moradoras que vivenciaram e experienciaram o dezembro chuvoso de 2019, no município de Bonito.

Sendo assim, percorrendo pelos bairros da cidade, desde os mais afastados ao centro, percebemos e compreendemos que a geografia realmente se faz com os pés e com os encontros, materializados nesta pesquisa, na busca pelo contato com os moradores que aceitaram participar desta pesquisa concedendo entrevistas quase sempre longas, com durações que variavam de alguns minutos a horas.

Campear ao longo de dezoito dias, proporcionou vivenciar o cotidiano social da cidade, frequentando os mercados, bares, restaurantes, além de observar in loco as dinâmicas ambientais importantes, como turvamento dos rios nos dias chuvosos e os passeios fechados

pela impossibilidade de gozar das águas cristalinas que atraem turistas de todos os lugares do mundo.

Para esta segunda etapa, metodologicamente pautado na pesquisa qualitativa, foram focadas as narrativas dos sujeitos, as vivências e observações de campo integradas à interpretação a análise textual discursiva/qualitativa, contemplando as dimensões observadas.

No caso da pesquisa qualitativa em geografia, Turra Neto (2012) afirma que o material, é basicamente de natureza discursiva, como um relato, uma história de vida, a descrição de um fenômeno, cujo tratamento exige técnicas específicas e as formas de representação são, sobretudo, extratos dos próprios discursos, tomados como representativos daquilo que o investigador quer expressar.

Segundo Tuan (2012) o cientista e o teórico tendem a descuidar da diversidade e da subjetividade humanas devido à enorme complexidade em estabelecer ligações com o mundo não humano. Afirma ainda que atitudes e crenças não podem ser excluídas nem mesmo da abordagem prática ou teórica em qualquer estudo ambiental, porque o homem é o dominante ecológico e o seu comportamento deve ser compreendido em profundidade e não simplesmente cartografado.

No trabalho de campo foram realizadas entrevistas semi-dirigidas conforme o roteiro previamente elaborado (Quadro 8), sempre gravadas na forma de áudio mediante autorização prévia dos entrevistados. As entrevistas visaram o resgate de lembranças e vivências cotidianas dos sujeitos da paisagem, tendo como critério ser residente a mais de vinte anos em Bonito - MS, para relatar acerca das mudanças e transformações observadas nas paisagens ao longo do tempo, além das expectativas e projetos em relação a referida paisagem observada e percebida.

Quadro 8 - Roteiro Para Entrevista Semi-Dirigida

Código nº: _____		
Idade: _____ Sexo: M ( ) F ( )		
Grau de escolaridade: _____		
Ocupação do entrevistado: _____		
Naturalidade: _____ Tempo de moradia nesta cidade: _____		
ASPECTOS TEMPORAIS	QUESTÕES	OBJETIVOS
PASSADO	Por que a família veio morar na cidade de Bonito? O que te trouxe a cidade de Bonito?	Identificar os aspectos e elementos da paisagem ligados a origem da relação do entrevistado com a natureza do lugar.
	Como era a cidade de Bonito quando se mudou? Você pode descrever como era a cidade de Bonito antigamente?	Analisar os aspectos e elementos positivos e negativos originais considerados pelo entrevistado. Identificar possíveis impactos ambientais antigos.
	Onde a maioria da população desta localidade trabalhava antigamente?	Identificar o momento de transição da atividade agropecuária para o turismo e as transformações

		sócio-econômicas provocadas na cadeia produtiva ao longo dos anos na região de Bonito.
	Poderia descrever como eram as paisagens do campo e da cidade antigamente?	Identificar a percepção do entrevistado, através de histórias vividas pelos familiares e/ou sujeitos das paisagens, com relação as transformações que ocorreram na região.
	Quais os fatos/acidentes que mais marcaram a história da comunidade Bonitense nos últimos anos?	
	Quais os locais/atrativos mais frequentados para se divertir antigamente na cidade de Bonito? Sofreram alguma mudança?	Despertar o sentimento nostálgico para reviver experiências e momentos marcantes na busca de reproduzir sensações, emoções vivenciadas com familiares, amigos ou parceiros correlacionando-os com a paisagem do lugar.
PRESENTE	Quais os locais/atrativos mais frequentados para se divertir atualmente na cidade de Bonito?	Analisar o perfil e o sentimento de pertencimento do sujeito entrevistado para com a área urbana e/ou atrativos.
	Quais os lugares que considera mais importantes para os moradores de Bonito? Por que são importantes?	Observar a relação afetiva dos sujeitos locais com o meio ambiente e a paisagem que os cerca, afim de entender os seus anseios e valores enquanto cidadãos bonitenses.
	Percebeu se ocorreu alguma mudança em Bonito?	Identificar como o homem começou a degradar o meio onde vive e observar como o entrevistado se posiciona a respeito da temática ambiental e sobre a sustentabilidade no município de Bonito.
	Você considera que o homem vive em harmonia com a natureza no município de Bonito? O que você acha da relação do homem com a natureza em Bonito?	
FUTURO	Você considera que existe algo em Bonito que pode desaparecer futuramente?	Analisar se o entrevistado possui alguma percepção sobre as mudanças, impactos, catástrofes ou transformações drásticas que podem ocorrer em Bonito.
	O que você gostaria que mudasse em Bonito no Futuro?	Identificar quais aspectos podem ajudar ou prejudicar a melhoria da qualidade de vida, de acordo com a percepção e o cotidiano do entrevistado.
	O que você gostaria que fosse preservado para que seus netos possam disfrutar no futuro?	Extrair um sentimento do entrevistado em relação à topofilia, apego, identidade, relacionado a vivência cotidiana no lugar.
REPRESENTAÇÕES	Adquirir fotos antigas do entrevistado e fotos atuais relacionadas às respostas e/ou indicações identificadas no momento da entrevista.	Analisar as percepções paisagísticas através da geofotografia da paisagem.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

A escolha dos entrevistados esteve primeiramente vinculada ao sistema de rede de contatos devido ao curto período inicial do trabalho de campo que seria de apenas quatro dias, e após a decisão de permanecer em campo houve a possibilidade de uma imersão profunda, ocorrendo também de forma aleatória, abordando pessoas nas ruas enquanto estava caminhando pelos bairros da cidade, na praça da Liberdade, no comércio local, no hotel que fiquei hospedada, desde que se enquadrassem no perfil delimitado nesta pesquisa.

Nesse caso, optou-se pelo sistema de rede, no qual se busca um “ego” focal que disponha de informações a respeito do grupo em estudo e que possa "mapear" o campo de investigação, indicar pessoas e sugerir formas adequadas de abordagem. De um modo geral, as pessoas indicadas pelo "ego" sugerem que se procurem outras ou fazem referência a outros sujeitos e assim se vai, sucessivamente, amalhando novos "informantes". Essa é uma alternativa muito utilizada em pesquisas qualitativas e se mostrou produtiva.

Nessa pesquisa, o conceito de rede tem como referência a concepção adotada por Bott (1976), a rede é definida como todas ou algumas unidades sociais (indivíduos ou grupos) com as quais um indivíduo particular ou um grupo está em contato.

As entrevistas foram realizadas levando em consideração critérios tais como a idade do entrevistado e o tempo de residência em Bonito, bem como o teor das entrevistas e clareza nas informações. Sendo assim, com base nos critérios apresentados, foram realizadas um total de 17 entrevistas. No entanto, frente a extensão das entrevistas realizadas e o tempo hábil para finalização da pesquisa, de modo a agilizar o processo de análise das informações geradas em campo, foram pré-selecionadas 12 entrevistas, consideradas relevantes frente aos critérios elencados para esta pesquisa, que foram transcritas na íntegra, analisadas com base na pesquisa qualitativa e pautada na análise do discurso dos sujeitos que aparecem ao longo desta dissertação com nomes fictícios, conforme o Quadro 9.

Quadro 9 – Dados dos entrevistados

Nomes Fictícios	Idade	Tempo que Reside em Bonito	Contexto da Entrevista
José	90 anos	68 anos	Contato realizado pelo meu orientador em viagens anteriores, agendamos a entrevista na agência de viagens que ele é proprietário.
Maria	32 anos	28 anos	Amiga de longa data, aceitou fazer a entrevista no domingo após o almoço, sugeriu que fizéssemos um passeio de bicicleta até a Ponte sobre o rio Formoso e depois seguimos para o Balneário Municipal onde gravamos a entrevista sentadas à margem do Formoso.
Ana	53 anos	53 anos	Indicação de um amigo, liguei e ela agendou a entrevista no sábado de manhã na casa dela, tomamos tereré feito por ela e no final da entrevista ela mostrou seu ateliê de costura.
João	65 anos	25 anos	Contato realizado no Hotel que nos hospedamos, ele era o proprietário e aceitou realizar a entrevista a noite após o horário de trabalho no bar do Hotel.
Joaquim	65 anos	45 anos	Realizei o contato de modo aleatório no momento que entrei para conhecer a Casa do Tereré, localizada na rua Pilad Rebuá, que ele é proprietário, foi durante uma tarde de sol.
Marcos	66 anos	66 anos	Estava perdida no bairro tentando voltar para o hotel e parei para pedir informação, ele estava sentado na frente da casa com sua esposa, sob a sombra de um pé de acerola ao sol do meio dia.

Luiz	26 anos	26 anos	Contato direto que realizei no Hostel que ficamos hospedados, ele era recepcionista, realizamos a entrevista durante o horário de trabalho.
Joana	40 anos	40 anos	Indicação de uma amiga, eu liguei e ela agendou a entrevista no espaço cultural criado pela família, em uma tarde muito chuvosa.
Pedro	65 anos	24 anos	Contato indicado pela amiga da minha amiga, eu liguei e ele marcou um almoço em seu restaurante, onde realizamos a entrevista e vimos um acervo de fotos antigas que ele tem contando a história da cidade.
Catarina	23 anos	20 anos	Contato direto realizado em uma noite tranquila que eu estava passeando pelo comércio da cidade, entrei para conhecer a loja e ela quis participar da pesquisa e realizamos a entrevista no local de trabalho.
Juraci	81 anos	54 anos	Indicação de uma amiga, realizamos a entrevista durante uma manhã chuvosa em sua casa tomando café e no período da tarde ela pediu para que eu retornasse para ver os registros que ela tinha guardado, pois haviam sido realizados pelo marido que era fotógrafo.
Cristina	26 anos	26 anos	Contato direto na praça da Liberdade, ela estava passeando com os seus filhos durante a tarde como de costume.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Após a realização da entrevista, era realizada a leitura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e coletada a assinatura do participante, autorizando a publicação das respostas e informações geradas, resguardando sempre a identidade dos entrevistados.

A terceira etapa consistiu na transcrição das entrevistas e análise das informações geradas no trabalho de campo. As transcrições das entrevistas foram fiéis, respeitando sempre as falas dos sujeitos, incluindo as pausas, os risos, as lágrimas e principalmente os silêncios que também nos dizem muito. Afim de organizar as informações geradas, para melhor interpretação das respostas e narrativas adquiridas nesta pesquisa qualitativa por meio da análise de discurso, visando compreender as interações entre os sujeitos das paisagens com a natureza e com os elementos que compõem as paisagens cársticas de Bonito.

A análise discursiva tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação; podem ser entrecruzadas com séries textuais (orais ou escritas) ou imagens (fotografias). Um dos fundadores dos estudos sobre o discurso foi Michel Pêcheux, estabelecendo a relação existente no discurso entre língua/sujeito/história ou língua/ideologia (CAREGNATO et. al, p.680, 2005).

Pessôa (2012), explica que o pesquisador ao utilizar a metodologia da análise do discurso fará uma leitura do texto com enfoque no sujeito, legitimado socialmente pela união do social, da história e da ideologia, produzindo sentidos. O uso da pesquisa qualitativa que, por ser uma abordagem mais interpretativa que se propõe traduzir e expressar o fenômeno

estudado, também se constitui em um trabalho laborioso, visto que é necessário registrar as informações, coletar dados, organizá-los e fazer as análises.

Ao falar sobre a importância da pesquisa qualitativa, Godoy (1995 apud PESSÔA, 2012) mostra que ela ocupa um lugar significativo entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais estabelecidas em diversos ambientes.

*“É por demais de grande a natureza de Deus. Eu queria fazer pra mim uma naturezinha particular. Tão pequena que coubesse na ponta do meu lápis.”*

*“Afundo um pouco o rio com meus sapatos.  
Desperto um som de raízes com isso  
A altura do som é quase azul.”*

Manoel de Barros



Fonte: Retornando do passeio de bicicleta com a Maria no domingo à tarde, nas proximidades do Balneário Municipal de Bonito, na Rodovia MS-178/ MS-382. Foto: SILVESTRINI, R., 2019.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Por meio da construção e aplicação dos procedimentos metodológicos selecionados para a presente pesquisa foi possível o alcance de resultados sobre a percepção dos sujeitos da paisagem de Bonito, no Mato Grosso do Sul, sobre as dinâmicas e transformações da paisagem ao longo do tempo e do espaço, além dos impactos negativos e positivos destas transformações, conforme pode ser visto nos tópicos a seguir.

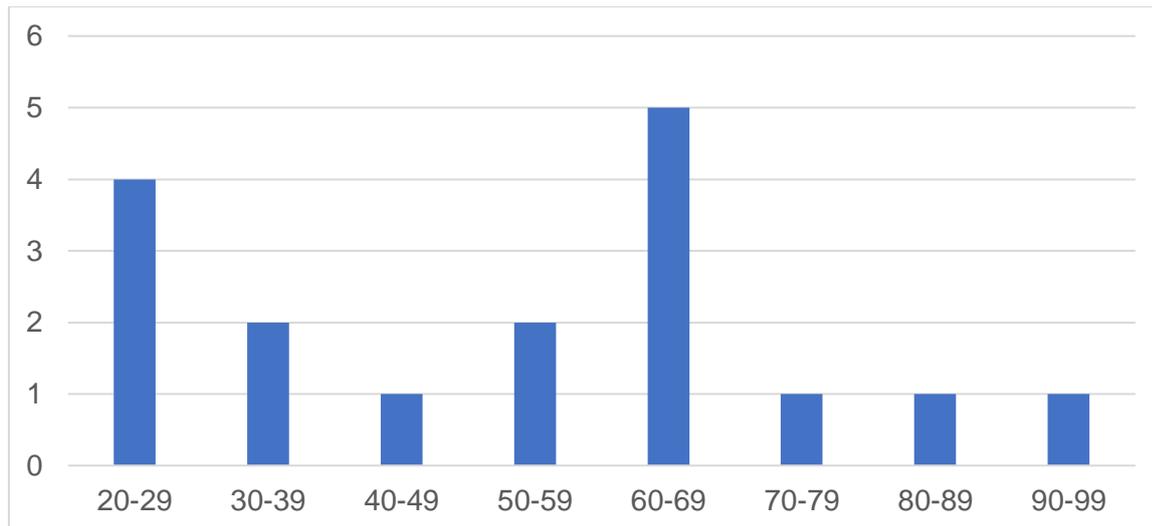
### **5.1. Os sujeitos da paisagem de Bonito: perfil dos entrevistados**

Foram realizadas dezessete entrevistas semi-dirigidas, sendo oito homens e nove mulheres, residentes a mais de vinte anos no município de Bonito em Mato Grosso do Sul. A definição do critério de ser residente a mais de 20 anos em Bonito, segundo os quais foram selecionados os sujeitos que compuseram o universo de investigação foi algo primordial.

Em relação ao tempo de residência dos entrevistados, como já apresentado no quadro 9 todos são residentes a mais de vinte anos na região de Bonito, sendo que destes, três são oriundos da zona rural, pois os pais eram trabalhadores rurais em fazendas no município de Bonito. Sobre a naturalidade, treze dos entrevistados nasceram em Bonito, dois no Estado de São Paulo e dois em outros municípios de Mato Grosso do Sul.

A faixa etária dos entrevistados varia de vinte e três a noventa anos, proporcionando uma diversidade de informações, conforme demonstrado no gráfico 1. Configurando-se em quatro jovens, com idade abaixo de 30 anos, cinco entrevistados entre 30 a 60 anos, e sendo a maioria dos entrevistados acima dos 60 anos de idade, oito no total.

Gráfico 1 - Faixa etária dos entrevistados



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados coletados nas entrevistas realizadas no trabalho de campo (2019).

Sendo assim, deve-se considerar que devido as diferentes idades dos entrevistados, as análises basearam-se em diferentes ciclos de vida e diferentes idades, proporcionando experiências e percepções distintas aos sujeitos da paisagem.

Já com relação ao grau de escolaridade a maioria dos entrevistados possui educação superior (dez entrevistados) ou segundo grau completo (quatro entrevistados), sendo que apenas três entrevistados não possuem nenhum grau de escolaridade.

A principal ocupação profissional dos entrevistados está diretamente relacionada à prestação de serviços turísticos (hotéis, atrativos e passeios, restaurantes, atendentes do comércio, agente de viagens), confirmando mais uma vez a importância desta atividade para geração de renda no município.

## 5.2. Bonito e as paisagens pretéritas nas memórias dos sujeitos da paisagem: Um pouquinho de lágrimas, mas é emoção minha filha.

*“A poesia está guardada nas palavras – é tudo que eu sei.  
 Meu fado é o de não saber quase tudo.  
 Sobre o nada eu tenho profundidades.  
 Não tenho conexões com a realidade.  
 Poderoso pra mim não é aquele que descobre ouro.  
 Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).  
 Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.  
 Fiquei emocionado.  
 Sou fraco para elogios.”*

Manoel de Barros, Poema, do livro Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo - 2001

Iniciamos as análises das entrevistas observando os aspectos temporais passados, questionando o que trouxe as famílias para cidade de Bonito. O objetivo foi identificar os aspectos e elementos da paisagem ligados a origem da relação do entrevistado com a natureza e o lugar.

Dentre os elementos constituintes das paisagens de Bonito, o homem também está agregado e participa ativamente das dinâmicas de (re)construção da paisagem, atuando na velocidade dos processos de origens naturais por meio de ações de ordem sócio-econômicas como a agricultura, pecuária, o turismo e até mesmo as intervenções de cunho político e cultural.

A percepção dos entrevistados revela a existência de um conhecimento sobre os sujeitos passados, anteriores ao morador bonitense que veio, ao longo do processo de uso e ocupação, se instalar na região. Observamos em algumas narrativas a percepção de que as paisagens de Bonito pertenciam a outros sujeitos, tais como os povos indígenas Kadiwéu, Kinikinau e Terena. Conforme fica evidente no relato de José, no trecho a seguir:

Aqui em Bonito era cheio de índio. Aí com a chegada de gente de Bodoquena, lá embaixo da Serra eles estão na Serra, eles estão na Serra da Bodoquena entre o Pantanal e o Alto da Serra, ali tá a aldeia São João, e mais adiante está Aldeia Cachoeirinha. Mas eu conheço todas elas, visitei todas, trabalhei com índio muitos anos fazendo emancipação, pra eles, registrando eles, como gente, para poder ter título, pra poder votar [...] um pouquinho de lágrima, mas é emoção minha filha. (José, 90 anos de idade, 68 anos em Bonito)

Souza (2008) ressalta que os lugares Kadiwéu de antigamente compõem, na atualidade, áreas de atividade turística no estado de Mato Grosso do Sul. Compõem também esse território, os municípios de Bonito, Aquidauana, Miranda e Nioaque, entretanto tornaram-se invisíveis aos olhos dos sujeitos, perdendo o sentido em tempos de modernidade para os ocupantes externos, entretanto, são territórios que compõem as trajetórias dos povos indígenas, suas geografias e suas histórias.

Em outra entrevista, Joana, também revela que nas memórias de alguns sujeitos, especialmente dos bonitenses, existe a percepção da raiz indígena pertencente e compondo a história da paisagem de Bonito, mesmo entre as famílias consideradas fundadoras da cidade. Conforme contou Joana:

Bom, eu nasci aqui em Bonito né, eu sou na verdade tataraneta do fundador da cidade, chamado (João Luiz da Costa Falcão), e ele e mais algumas famílias, então fizeram a desapropriação de uma área, que era uma grande fazenda, chamada fazenda Bonito, ai dessa área houve então essa fundação. Anterior a eles teve os kadiwéu, kinikinau e Terena já estavam aqui, por isso, antes mesmo do meu tataravô fundar, os donos dessa terra era os índios kadiwéu, terena e kinikinau, mas ai depois ele chega ai nessa região e faz essa desapropriação que torna então o município de Bonito. (Joana, 40 anos de idade, 40 anos em Bonito)

As palavras de Joana, compõem um transcurso histórico entre a passagem da paisagem da população tradicional para o estabelecimento do núcleo urbano no território de Bonito. Observamos ainda, durante o trabalho de campo, que as memórias dos povos indígenas se fazem presentes apenas em estabelecimentos revendedores da cerâmica Kadiwéu, Terena e Kinikinau na cidade de Bonito, pois a memória se tornou mercadoria. De acordo com Canazilles et al. (2015) apud Boggiani (2012) a atual implementação do Geopark Bodoquena-Pantanal deveria proporcionar ao visitante o contato com o “espírito do lugar”. O artesanato indígena, manifestação cultural da região pode fortalecer essa proposta ligada ao turismo cultural, porém os estímulos quanto à sua comercialização são mínimos. Não existe em Bonito um centro de comercialização de artefatos indígenas promovido ou incentivado por órgãos governamentais.

Canazilles et al. (2015) afirma que a representatividade dos artesanatos Kinikinau se restringe à cidade de Bonito e foram registrados diversos obstáculos no escoamento da cerâmica Kinikinau, que vão desde a localização geográfica da aldeia, o número limitado de artesãos, a pequena produtividade, as esporádicas e inexperientes negociações com os comerciantes, os baixos preços praticados durante essas negociações, a fragilidade do artesanato e a falta de apoio de políticas públicas.

As narrativas, acessadas a partir das entrevistas, revelam também aspectos do lento processo de urbanização marcado por carências infraestruturais e relação de dependência com a paisagem rural já estabelecida, como veremos. O Marcos descreve que Bonito em 1968 era composta por apenas 2 ruas e os demais acessos eram trilhas que chamavam de “carreirinho”: “Eu conheci aqui em 68, Bonito só tinha 2 ruas, Pilad Rebuá e Costa Leite, o resto era só carreirinho aí, entendeu?” (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Catarina relata que Bonito era um local com muito mato, tendo em vista a fundação da cidade foi feita em meio ao cerrado: “[...] a gente passava na rua e era só mato. Eu cheguei aqui na época que era só mato, não tinha esse centro bonito não, a praça era uma misericórdia (risos).” (Catarina, 23 anos de idade, 20 anos em Bonito)

Em alguns casos a descrição das primeiras moradias revelam a ligação do cotidiano urbano com as áreas rurais e florestas naturais existentes nessa paisagem pretérita, conforme relatado pelo Marcos:

Isso tudo aqui não existia, do colégio pra cá era tudo mato aqui, cerrado que fala, isso tudo aqui era mato, tudo cerradão que nós saia lá do centro da cidade pra pegar lenha porque eu tinha um fogão de lenha sabe, aqui era tudo mato, cerradão, ai lá do outro lado, aquela vila lá de baixo não tinha, não existia, a Marambaia, foi criou ela lá, foi criando umas casinhas que nem de João de barro, só com uma porta, e agora hoje a cidade tá sendo maior pra lá. (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Podemos notar, com base em grande parte dos entrevistados, que a cidade de Bonito desde sua gênese é um lugar pequeno que foi se desenvolvendo, contudo a chegada da energia é citada como um marco do processo de transformação desta paisagem urbana, na estrutura e no cotidiano dos moradores.

Ana revelou, com emoção, no aconchego do seu lar, enquanto preparava um tereré para tomarmos, que ela é filha da terra. Descreveu que Bonito foi o berço dos seus filhos e netos, que chegaram em um momento bem diferente, onde a cidade estava mais desenvolvida e esse crescimento também provocou mudanças estruturais e, principalmente, comportamentais nos sujeitos que a tem enquanto morada. Em decorrência do aumento do movimento de carros e de pessoas de fora, a rua já não era mais o palco das brincadeiras entre amigos. Assim ela explica:

Eu nasci aqui, sou bonitense, era um lugar muito pequeno né, de poucas pessoas mesmo, até na época que eu era adolescente não tinha nem energia a noite inteira, desligava o gerador as dez horas da noite, desligava e ficava sem luz, depois que veio a energia e ai a cidade foi crescendo, e ai telefone e ai foi desenvolvendo. (Ana, 53 anos de idade, 53 anos em Bonito)

Ana, em sua narrativa, reforça a relação entre a chegada da energia e o desenvolvimento, como explicou. Marcos e Joaquim relatam, respectivamente a seguir, como era o funcionamento da energia em Bonito, que contava com a utilização de geradores e os horários de funcionamento eram restritos, sendo assim, a cidade de Bonito tinha hora pra dormir e acordar.

E logo que nós chegamo aqui tinha energia só até dez hora da noite, e aquele padre Roosevelt que colocou luz na cidade inteira. (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Bonito não tinha energia até me lembro quando que veio a energia elétrica pra Bonito, mais nós tinha 5 motores grandes, de grande porte com gerador que gerava energia pro Bonito, e dava 15 pras 11 da noite, 11 horas, a luz apagava, só vinha no outro dia ali umas 5 hora da manhã, ai voltava a energia de novo pra dar um tempo dos motores descansar, e essa é a história de Bonito até onde eu sei né. (Joaquim, 65 anos de idade, 45 anos em Bonito)

Para Tuan (2012) os sentimentos que temos para com um lugar, são permanentes e mais difíceis de expressar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. Nesse sentido, verificamos em algumas narrativas de Joaquim, tal como a que segue, o conhecimento das atividades econômicas extrativistas da região como principais fatores de atração de pessoas para a cidade, em busca de trabalho e renda. Nas palavras de Joaquim:

Eu vim pra Bonito ainda solteiro, com 19 anos, vim pra Bonito pra fazer extração de minério, na época chamava-se mármore, eu vim pra explorar uma jazida de mármore, que seria de um pessoal de São Paulo [...], Essas pedras aqui de Bonito, ela saia daqui embarcada pra São Paulo, chegava em São Paulo, cerrava ela, de São Paulo ela já ia direto pra Itália né, nem no Brasil era vendido esse minério, ela ia daqui pra São Paulo,

de São Paulo pra Itália já o destino certinho. (Joaquim, 65 anos de idade, 45 anos em Bonito)

Ele chama a atenção para a exploração de minérios na cidade de Bonito. De acordo com Camargo (2005) na região de Bonito eram encontrados diferentes tipos de minérios, como calcário, cobre, chumbo, urânio, dolomito e mármore, além de pedras para construção e argila. Harvey (2014) afirma ainda que a economia de acumulação de riquezas se transforma violentamente na economia de espoliação.

Ao ser incentivado a expor seus sentimentos em relação a paisagem cotidiana, e íntima, Marcos, outro entrevistado, revelou peculiaridades da sua relação, enquanto bonitense, com a paisagem da cidade de antigamente, com características predominantemente rurais, ressaltando a importância da atividade pecuária. Como menção, a pecuária, foi uma atividade econômica importante para a sobrevivência da população que participou do processo inicial de ocupação de Bonito bem como um dos marcos econômicos na formação e estruturação da paisagem da região, tal como explicou Marcos: E assim era Bonito, era só de gado que o Bonito vivia, do Pantanal, ele que fazia as pessoa sobrevive. (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Ribeiro (2017) afirma que historicamente, a ocupação de Mato Grosso do Sul teve relação com a expansão da fronteira agrícola e abertura de novas áreas para agricultura. Certamente, o cenário se delineou para criação de gado, tanto que, atualmente, o estado de Mato Grosso do Sul figura entre os maiores rebanhos do Brasil em números de cabeças de gado, com aproximadamente 19.485.201 cabeças conforme o Censo Agropecuário do IBGE (2017).

As narrativas de Joaquim evidenciam que o histórico de uso e ocupação da área, além da extração dos recursos naturais, como o minério e a pecuária, enquanto importante atividade econômica, a partir da década de 1980, a paisagem da região passa a ser marcada pela presença da agricultura e, em seguida, a chegada do turismo, ambos considerados marcos de ruptura da paisagem tanto rural quanto urbana: Assim explicou Joaquim, durante a entrevista:

Bonito quando eu cheguei em Bonito, 19 de dezembro de 75, Bonito tinha Casa Bahia, que era um mercado onde fornecia alimento para vários empreiteiro, tinha a máquina de arroz do seu Zé careca, seu Ari careca tinha um mercado, seu Antonio tinha uma máquina de beneficia arroz, João Donha tinha outra máquina de beneficia arroz, e aqui as pessoas passo a vive muito, depende muito naquela época era a pecuária, depois veio a agricultura, depois veio o turismo que fecho tudo. (Joaquim, 65 anos de idade, 45 anos em Bonito)

Podemos observar, no depoimento do Joaquim, que ocorreu um processo de ruptura e transição da atividade pecuária, para agricultura e posteriormente para atividade turística que “fechou as portas de Bonito” para seus moradores e abriu para os visitantes do mundo inteiro. Através da mercantilização das paisagens naturais, da criação de inúmeros passeios e atrativos desenvolvidos para atender as necessidades e anseios dos turistas que estão dispostos a pagar

para consumir e usufruir dos melhores serviços oferecidos, segundo Silva (2015), pela capital do ecoturismo no Brasil.

Entretanto, esta atividade é a modalidade de turismo na qual a natureza em si, é a mercadoria que deve ser consumida. Sendo assim, a interferência da mercantilização dessas paisagens naturais na produção do espaço geográfico nos leva a refletir sobre a relação homem-natureza, sobre as mudanças nas paisagens e seu entorno com a territorialização turística e sobre a influência do turismo na tomada de posse do espaço dos sujeitos da paisagem onde ele se instala.

Em algumas entrevistas percebemos a noção do sujeito sobre as mudanças observadas na dinâmica de produção e comportamento desses sistemas nas últimas décadas, especialmente referente a logística de escoamento das produções locais de grãos, tais como soja e milho. Bonito não comportava sua própria produção e sofreu devido aos planos do governo que não favoreciam as políticas de incentivo para a agricultura, dando suporte e incentivo para o desenvolvimento e crescimento da atividade turística no município. O entrevistado Joaquim, sobre as mudanças de produção, detalhou:

Lavoura em Bonito 80, 80 pra 81, a lavoura em Bonito explodiu de uma tal maneira que os secadores da região Miranda, Jardim, Guia Lope, é até Maracajú nós escoava, escoava quer dizer, frete, transportava esses material porque Bonito não comportava naquela época, secar os grão que seriam culhido, então tinha que sair pra fora, carretas, caminhão transportando aquilo pra fora, então ali, ai dali pra cá a lavoura só veio, veio, veio, teve uma época que eu acho que por causa de muitos planos do governo, como é que eu vou te falar, foi judiano um pouco dos lavoreiro, juro e que a lavoura quase voltou a estaca zero. (Joaquim, 65 anos de idade, 45 anos em Bonito)

De acordo com Lomba (2013), na década de 1980, a soja era uma das grandes atividades econômicas no município, com um crescente aumento no plantio e colheita deste grão. Em 1984, Bonito produziu 27.570 toneladas de soja, aumentando para 32.400 no ano de 1996, portanto uma alta de 17,52% na produção. Desse modo, Marcos nos contou um pouco sobre esse processo:

Aí foi trocando de prefeito, foi trocando de prefeito, até que entrou um padre lá na prefeitura. Padre Roosevelt, entrou pra endireitar isso aqui, foi ele que criou o turismo aqui, mais ou menos em 82, por ai. As pessoas trabalhavam com gado, fazenda, era o que sustentava isso aqui, pra você vê, tinha umas 4 mil pessoas a cidade. De 80 pra cá que isso aqui foi desenvolver, foi criando lavouras em roda e já nasceu o turismo, foi um movimentão bom, as lavoura e o turismo. (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Deste modo, podemos identificar e compreender através da análise do discurso, a percepção desses sujeitos sobre os pontos históricos das mudanças estruturais das paisagens rurais e urbana, por meio do uso e apropriação dos elementos naturais que compõem as paisagens pretéritas de Bonito.

Observamos ainda, em diversos fragmentos da oralidade captados nas entrevistas, que os entrevistados possuem, desde os primeiros contatos com a paisagem do município, um apego e sentimento particular pelas águas do rio Formoso. Muitos deles evidenciaram, principalmente, seu contato de lazer com a área onde hoje se localiza o balneário municipal, localizado no rio Formoso, e os rios que passam dentro das fazendas de amigos ou pessoas conhecidas. A entrevistada Maria, assim explicou essa relação com o rio:

Balneário, o balneário e os rios da fazenda, que a gente ia pra um sítio de um conhecido, sempre tinha e a gente ia tudo em cima do caminhão do tio, numa caminhonete, sempre dava um jeito, alguém arrumava um caminhão e ia toda aquela criança, nossa, as mulher tudo levando comida ou a gente passava o dia inteiro no rio e assim vários pontos, não sei te dizer mas era o Rio Formoso, era os pontos do Rio Formoso, alguns do Rio Mimoso também. Propriedades particulares. E assim (silêncio) o Calcarinho, Calcarinho eu amo. O Calcarinho tá muito diferente, virou um loteamento, um condomínio. [...] E lá assim tinha, não sei bem porque eu, o que tem na minha cabeça é lá é o lugar de exploração de calcário. O que é uma coisa que eu não tenho certeza, mas pra mim é isso que ele era antigamente porque ele tinha um monte de formações assim, tinha um monte de buraco sabe. E aqui a água brota e vira um rio, água cristalina, maravilhosa e aí tem uma cachoeira lá que é um lago ai desce tem uma cachoeira, só que água parada, ela não chega a ter uma correnteza sabe, porque lá embaixo já foi, enfim é um lugar lindo, amo ir lá, levo as meninas sempre lá. (Maria, 32 anos de idade, 28 anos em Bonito)

Tais ambientes sempre foram considerados locais de lazer, conforme relatado pela Maria. O Calcarinho (termo nativo), é um lugar que a entrevistada frequenta a muitos anos, que era um local de exploração de calcário e que hoje se transformou em um condomínio de luxo com vários loteamentos que tem acesso privativo ao rio.

O Joaquim relatou como atividade de lazer as corridas de cavalo que aconteciam no clube do laço. A oralidade dele mostra que além das atividades ligadas aos elementos naturais da paisagem, também eram estabelecidas no aglomerado urbano, atividades aliadas aos aspectos culturais da população que ali se encontrava. No entanto, em suas palavras, também é revelado o sentimento de tristeza ao perceber a mudança desta paisagem, além da nostalgia de relembrar de uma paisagem antiga:

Antigamente, corridas de cavalo, antigamente, corrida de cavalo e futebol. Porque a gente fazia aqueles campo de beira de rua e tal, ou então a gente saia em caminhão caçamba pra jogar em Bodoquena que seria Campão na época, cidade de Campão naquela época, hoje seria Bodoquena, Nioaque, Jardim, Murtinho, Bela Vista, então naquela época era um bom acontecimento pra nós, o jogo de futebol, e muitos que gostavam era corrida de cavalo, aqui em Bonito era o que tinha, corrida de cavalo, aqui tinha aquelas canja de corrida que era coisa de louco, tinha muito, muito, muito, e era pra vale, dentro da cidade, ali onde você entra no Bonito tinha uma canja muito grande, que até tem o clube do laço ainda ali do lado, ai depois, fizeram uma pista pra descer aviãozinho de pequeno porte também né, e dali depois mudaram numa pista onde é hoje o Zagaia, ai já era uma pista um pouco maior. (Joaquim, 65 anos de idade, 45 anos em Bonito)

A explicação cultural da paisagem busca sua substância na relação entre objetividade e subjetividade, materialidade e representação, paisagem e imaginário coletivo (Figura 14). Como diz Berque (1998, p.84) “a paisagem é uma marca (...), mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura (...).”

Figura 14 - Desfile cívico em Bonito, década de 80 e 90



Fonte: Revisitando as histórias do arquivo pessoal da entrevistada Juraci, lembrando a importância das comemorações cívicas da cidade de Bonito para os seus moradores.

Nesse sentido, além das atividades de lazer narradas pelos entrevistados, algumas festividades também foram guardadas em suas memórias como marcas da dinâmica da paisagem urbana de outrora, principalmente ligadas a festividades ocorridas nas ruas da cidade de Bonito, as quais concentravam população rural e urbana.

### 5.3. A percepção do sujeito para a paisagem atual de Bonito

*“Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade (...) Sou hoje um caçador de achadouros da infância. Vou meio dementado e enxada às costas cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos (...).”*  
Manoel de Barros, fragmento de Achadouros, do livro Memórias Inventadas – A Infância – 2003.

As narrativas geradas e analisadas, a partir das metodologias percorridas nesta pesquisa, permitiu identificar a percepção dos entrevistados referente as transformações que ocorreram na paisagem, através da descrição das paisagens do campo e da cidade por meio das histórias vividas pelos familiares em outras gerações, mas também pelo seu cotidiano ao longo dos anos em constante relação com a paisagem do lugar.

Buscamos identificar elementos ou locais paisagísticos constituintes da história e/ou cotidiano dos moradores de Bonito a fim de extrair um sentimento do entrevistado em relação a *topofilia*, apego, identidade, relacionado a vivência cotidiana no lugar. Aspectos ou elementos da paisagem que façam parte da identidade do sujeito entrevistado, de modo a pensar se a paisagem amplamente divulgada, vendida e pesquisada em Bonito é a mesma que importa as pessoas que nela reside.

Assim, os aspectos ambientais, sobretudo aqueles ligados a dinâmica hídrica local aparecem com muita ênfase nas narrativas dos entrevistados, sobretudo ligados à estética inerente a paisagem do rio Formoso (Figura 15).

O Marcos nos conta que sua família, assim como a maioria dos bonitenses frequentam o rio Formoso, no trecho que pertence ao balneário municipal, pois é o único atrativo que o morador não precisa pagar para ter acesso:

Hoje nós vamos no Formoso, que não é grande coisa, mas pelo menos ali você tem segurança né. Por exemplo, o cara tá lá oiando, se você afogar eles pulam lá, pegam e te tiram. Ali no balneário que a gente vai, porque tem segurança, tem tudo, é rasiinho mas ainda assim já morreu muita gente. (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Marcos, ressalta em sua fala a importância da segurança, dos postos de salva vidas instalados ao longo do rio dentro do Balneário Municipal. Justamente, Marcos também contou que no trecho do rio, que pertence ao Balneário, já foi local de tragédia, ele relatou, entristecido e angustiado, sobre um dia de lazer que estava com os amigos, entretanto, um deles morreu afogado. Dessa forma, Marcos traz a experiência da presença dos salva vidas enquanto uma segurança aos banhistas.

Figura 15 – Rio Formoso, Balneário Municipal de Bonito



Fonte: Registros de um domingo de sol, descendo o rio Formoso. SILVESTRINI, R., 2019.

Do mesmo modo, Ana, revela com brilho nos olhos e sorriso no rosto sobre a sorte de ter nascido em Bonito, demonstrando em sua fala muito amor, afeto e carinho pela sua cidade natal e especialmente pelo rio que ela considera ser o grande amor da vida dela. Cabe destacar, então, que as informações que acessamos relacionam-se com as experiências vivenciadas ao longo da trajetória de vida da Ana, assim como das histórias que foram protagonizadas por seus filhos, familiares e amigos, demonstrando-nos sua concepção de mundo a partir do espaço vivido de sua história de vida, que é temporal e espacial.

Todos os lugares são marcantes, porque eu cresci aqui. A gente naquela época, eu achava que as águas daqui era assim no mundo inteiro, não tinha noção né, a gente nunca tinha saído pra lugar nenhum, achava que todo rio era assim, igual o Formoso. O Formoso é o grande amor da minha vida, é esse rio, eu amo esse rio, meu Deus, (seu olho brilha quando você fala) esse rio é uma loucura né, eu não nado, eu vou muito lá no rio de bicicleta, é que eu só ando de bicicleta. (Ana, 53 anos de idade, 53 anos em Bonito)

Observamos que Ana, assim como muitos dos moradores de Bonito tem como meio de transporte a bicicleta e possuem o hábito de ir para o balneário municipal pedalando. São 7 km de distância do centro da cidade, via MS-178/MS-382 (Figura 16), uma média de 25 minutos de pedalada predominantemente plana em ciclo faixa contínua e bem sinalizada.

Figura 16 – Rodovia MS-178/MS-382



Fonte: SILVESTRINI, R., 2019.

Podemos notar ainda, o sentimento de topofilia dos entrevistados em relação à Bonito enquanto lugar, local de vivência, de existência e de pertencimento, que de acordo com Tuan (2012) inclui todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material.

No caso dos depoimentos de José e de Joaquim, respectivamente apresentadas a seguir, nos mostram esse sentimento topofílico, inclusive arraigado de elementos referentes também aos laços afetivos com o meio imaterial:

Eu amo Bonito porque casualmente eu nasci aqui saí muito jovem daqui e quando virei gente vim ajudar Bonito a ser uma cidade digna, feliz, bonita e além de tudo, educada com aqueles que a visitam. (José, 90 anos de idade, 68 anos em Bonito)

Bonito tem muitas histórias, eu cheguei aqui com 19 anos, mas hoje eu digo, eu sou bonitense de coração, amo Bonito, não me vejo fora de Bonito, não me vejo. Acho que se eu sair fora de Bonito, eu sou um peixe fora da água, Bonito pra mim é tudo aqui, só quando Deus me levar para o outro lado, se não é Bonito! (Joaquim, 65 anos de idade, 45 anos em Bonito)

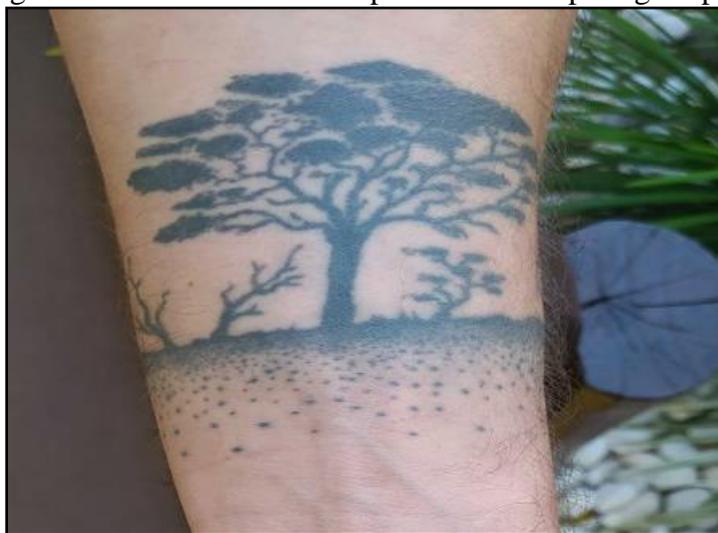
Assim, como eles, o jovem Luiz, revela que tais laços afetivos perpassam as gerações. Como afirma Saramago (1996) nessa questão de interpretar o mundo, na necessidade de descobrir o que tem por trás e por baixo. É que por baixo ou por trás do que se vê, há sempre mais coisas que convém não ignorar, e que dão, se conhecidas, o único saber verdadeiro.

Bom, tenho muitas lembranças, tenho até hoje das montanhas, da vegetação seca e verde também, dos rios e eu tenho até uma tatuagem aqui que eu fiz (Figura 17) pra lembrar, é a imagem que eu tenho na minha cabeça, de quando eu passava pelo campo e via essa imagem, das montanhas, das árvores, eu gosto muito de árvores. (Luiz, 26 anos de idade, 26 anos em Bonito)

Luiz, em palavras, contou sobre os caminhos que percorria quando criança, da fazenda onde morava até a cidade para ir à escola. Essas memórias ficaram eternizadas através de uma tatuagem e as paisagens foram representadas a partir de suas vivências, pois, a história de vida

do Luiz se mescla com a paisagem. Nesse contexto Tuan (2012) afirma que a topofilia não é a emoção humana mais forte, mas podemos estar certos de que o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo, tal como as palavras de Luiz descrevem.

Figura 17 – Tatuagem do entrevistado Luiz representando as paisagens pretéritas de Bonito



Fonte: SILVESTRINI, R., 2019.

Para observar a relação afetiva dos sujeitos locais com os elementos da paisagem de Bonito questionamos os entrevistados da pesquisa, sobre os lugares em que consideram mais importantes e o por que são importantes, afim de entender os seus anseios e valores enquanto moradores de Bonito. Observamos que o Balneário Municipal (Figura 18) é um dos locais mais importantes no imaginário dos entrevistados. Como destaca Marcos, o local é constituído de pertencimento pelo fato de ser o único espaço gratuito no rio, destinado para o lazer da população. Marcos ainda relatou que tem um neto que mora com ele, e juntamente, vai ao Balneário Municipal com os amigos de bicicleta quase todos os finais de semana. Em outro trecho da entrevista, Marcos destaca outros elementos importantes para análise:

No meu modo de pensar é todos né, porque hoje se emprega muita gente, através desses balneário que o pessoal vai andar de canoa, andar de bote, e com esse pessoal trabalha muita gente daqui mesmo, da própria cidade, quer dizer, é bom pra eles né, porque a gente não faz parte dessa, e também faz porque você tá aqui, muito desse dinheiro que você ganha aqui né, então são coisas boas isso aí, mas o lugar que eu considero ideal é ali o balneário, porque ali vai todo mundo, vai o pobre, vai o rico, vai tudo. Porque os outros são muito caro menina, você tem que trazer dinheiro no bolso se não você não vê nada, lá oê entra de graça, toma banho o dia inteiro e não suja. (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Observamos na fala do Marcos, que ele denuncia não fazer parte dessa parcela da população que tem acesso aos atrativos privados que a cidade de Bonito oferece, revelando um

sentimento de exclusão, que foi potencializado principalmente após a implantação do turismo de natureza que preza a comercialização das paisagens. Sendo assim, considerando que Bonito é um modelo a ser seguido no que tange a prática do ecoturismo, questionamos a respeito da conservação da natureza e da contribuição para o desenvolvimento social dos sujeitos que habitam essas paisagens.

Figura 18 – Balneário Municipal de Bonito



Fonte: Registros do trabalho de campo da disciplina de “Paisagem como categoria de análise nos estudos geográficos” em um domingo de sol e calor. Foto: SILVESTRINI, R., 2018.

Apesar de Bonito ser conhecido pela beleza cênica composta pelos seus elementos naturais, sobretudo aqueles ligados aos sistemas hídricos da região, em alguns momentos das entrevistas foi possível perceber no discurso, ênfase na importância de elementos urbanos enquanto patrimônio dos moradores de Bonito. A Praça da Liberdade (Figura 19) foi um dos elementos urbanos mais citados como paisagem importante para o sujeito local.

A partir das histórias ouvidas nessa pesquisa, observamos que a praça da Liberdade é o ponto de encontro de todas as gerações, sendo essas bonitenses ou não. Notamos ainda que há a apropriação desse espaço público para o lazer que de certa forma manifesta a importância desses espaços para construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Figura 19 – Praça da Liberdade



Fonte: Praça da Liberdade em Bonito-MS, registro realizado no primeiro dia do 16º Festival da Guavira.

Foto: SILVESTRINI,R., 2019.

A praça é considerada um local muito importante para os entrevistados, pois é o ponto de encontro dos jovens e adultos, é o local que se reúnem para o tereré, é também o palco dos eventos que ocorrem na cidade, é o lugar onde os pais ainda levam seus filhos para brincar. Além da praça a rua e a casa são os principais locais que o sujeito de bonito identifica como sua paisagem, em vários momentos das entrevistas é possível identificar a menção de encontros nas ruas em frente de casas de amigos como os principais atrativos atuais, conforme relatado por Catarina.

Lugares que são importantes (silêncio), deixa eu pensar (silêncio), gente a praça (muitos risos). A praça é um negócio que é um trem incrível, é um negócio que você planeja pra ir lá, pra encontrar as pessoas, então é um negócio que vira point, quanto tem movimento aqui, tem movimento lá na praça. O que mais? É, ir na casa das pessoas, é um negócio que é muito legal aqui, cê marca de tomar o tereré, tomar tereré é o point. Então você vai na casa da pessoa tomar o tereré e uma galera pra tomar tereré naquele lugar, então acho que não é nem o lugar, sabe não é nem o lugar, é a forma como a gente faz acontecer, que por exemplo a gente se reúne pra ir tomar, não importa aonde que a pessoa mora, tipo por exemplo, o Marambaia é muito longe da Machado, é tipo você atravessa a cidade, a gente atravessa a cidade pra ir na Machado tomar tereré. É um negócio que é incrível, a gente vai e vai de bicicleta na hora do sol quente, vai, só vai tomar tereré, pra se encontrar. É bem massa (risos). (Catarina, 23 anos de idade, 20 anos em Bonito)

Nos relatos acerca da cidade de Bonito, a relevância da praça está relacionada à qualidade de vida urbana, portanto sua existência é fundamental para o exercício da democracia e do direito à cidade. Sendo assim, a ausência da distribuição desses espaços ressalta as desigualdades que podem ser observadas, nesse caso pela prática típica dos jovens, que

percorrem grandes distâncias entre os bairros periféricos para se reunir e confraternizar tomando tereré. Nesse contexto, Catarina apresenta a existência de um cotidiano vivo e pulsante nos bairros periféricos de bonito, que muitas vezes são invisíveis por parte da gestão pública e também pelos turistas, sendo esse tema abordado com mais profundidade mais adiante nessa pesquisa.

Desse modo Claval (1999) afirma que uma paisagem é modelada tanto pelas forças da natureza e pela vida, quanto pela ação dos homens. Assim, as narrativas vão desvendando que aos poucos o acesso às belezas naturais foram ficando cada vez mais difícil para o sujeito local, levando-o a eleger ou criar novos lugares ou elementos que lhe deem a sensação de pertencimento e/ou identidade, conforme relatado por Joana no trecho a seguir.

Na cidade seriam as praças, mas eu digo a praça porque só tem uma, eu acredito que o balneário seja o único lugar que o bonitense sente que aquilo lá é um pouco dele, porque tem uma característica muito forte das pessoas da cidade né, como elas não tem esse ponto de encontro a gente percebe que andar no meio da rua é uma coisa da cidade, e os adolescentes eles se afirmam quando eles tão no meio da rua e de repente alguém vai pra cima deles e eles continuam no meio da rua, e eles até olham pra pessoa tipo, porque acho que é uma das únicas coisas que pode ser dele então, porque eles não tem muito pra dizer o que é deles assim né, não tem algo pra chamar de seu assim né. (Joana, 40 anos de idade, 40 anos em Bonito)

Joana contou sobre os jovens que tem o hábito de andar no meio da rua, especialmente na Pilad Rebuá, que é considerada a principal rua do comércio destinada aos turistas que visitam a cidade. Nota-se que esse comportamento surge como forma de protesto e autoafirmação sobre a falta de acesso e pertencimento a cidade, como se andar no meio da rua fosse um modo de ser visto, ser notado pelos sujeitos que a visitam. Em suma, uma forma de mostrar que apesar de entender que o seu espaço foi apropriado por pessoas exógenas àquela paisagem, se torna necessário ser visto como parte desta paisagem, pertencente a esse cotidiano.

Cabe ressaltar que houveram, ao longo do processo de implementação do turismo no município, diversas mudanças estruturais realizadas na cidade para o atendimento desta atividade, sobretudo às estéticas, feitas por exemplo, na rua principal do comércio, a rua Coronel Pilad Rebuá (Figura 20). A referida rua recebeu um projeto paisagístico moderno, os passeios para os pedestres aumentaram com o alargamento das calçadas, houve a substituição dos pisos, foram colocados bancos, canteiros floridos e vários pórticos.

Figura 20 – Rua Coronel Pilad Rebuá



Fonte: Registro da principal rua do comércio de Bonito, em um sábado chuvoso. Foto: SILVESTRINI, R., 2019.

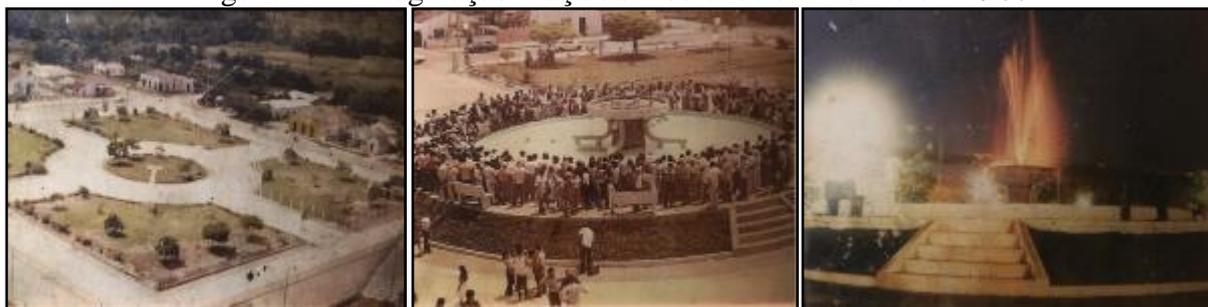
Outro elemento urbano que recebeu diversas mudanças estruturas foi a Praça da Liberdade. Por sua vez, de acordo com a percepção de alguns dos entrevistados, materializa o conflito entre o lugar do sujeito local e a atenção do poder público aos interesses econômicos ligados ao turismo, revelando que as mudanças não atendem aos preceitos do sujeito local.

O depoimento de Maria, demonstrou uma inquietação, insatisfação e sentimento de tristeza com as transformações que ocorreram na praça da Liberdade, desrespeitando a originalidade do lugar que é considerado patrimônio cultural de Bonito. Segundo compartilhou:

Destruíram o patrimônio cultural da cidade, que era a praça, (...) que estava desde o começo da fundação da cidade, tinha uma fonte, tinha um parquinho pras crianças bonitenses, que hoje cê não tem, tem aquelas duas piraputangas tem aquele espaço lá onde o lazer é as barraquinhas que ficam vendendo aquelas porcarias do Paraguai para as crianças, que a gente vai lá e passa maior perrengue. (Maria, 32 anos de idade, 28 anos em Bonito)

Observamos que Maria apresentar suas percepções divergentes daquelas apresentadas anteriormente pela entrevistada Catarina, sobre a Praça da Liberdade. Apesar de ambas serem jovens, notamos que Maria tem um sentimento de topofilia, apego as origens e ao processo histórico da cidade de Bonito, talvez por ter nascido e vivido a maior parte da sua vida nesse lugar. Maria disse que seu avô era pedreiro, nesse sentido teve uma participação importante no processo de construção e fundação da cidade de Bonito.

Figura 21 – Inauguração Praça da Liberdade em Bonito em 1980



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada Joana.

Nesse ponto de vista estão as repercussões que o Turismo como atividade principal do município tende a causar na paisagem de Bonito, muito denunciado pelos sujeitos entrevistados. Dentre as atividades econômicas responsáveis pelo dinamismo da paisagem local atual, além da pecuária e da agricultura, o Turismo vem promovendo importantes repercussões na infraestrutura da cidade atingindo diretamente o cotidiano dos sujeitos locais. Os sujeitos percebem esse dinamismo e analisam tais repercussões como conflituosas entre os agentes públicos, o turista e o morador local. Sobre isso Joana afirma:

Mas a gente sente muito essa carência ainda assim da população, da falta da inserção da comunidade dentro da cidade. A própria cidade que é dela mesma. E eu percebo isso nitidamente sabe, a mudança na paisagem, como eu percebo que o lixo doméstico, o lixo da casa, do esgoto que não foi canalizado, e aí eu não coloco essa culpa só nos municípios assim porque a gente percebe que a população também tem uma dose e poderia estar se preocupando mais pelas causas da cidade. Mas a gente percebe que assim ou a gente vai tomar uma iniciativa pra reverter, mas todos os rios já não são mais os mesmos. Tanto os córregos urbanos que recebem de tudo né, desde sacolinhas plásticas, no mutirão que teve agora a pouco tempo, o pessoal tirou muito bicho morto, isso tudo nas estradas que ligam. (Joana, 40 anos de idade, 40 anos em Bonito)

Tais conflitos ficam mais evidentes quando alguns entrevistados revelam problemas com relação a ausência de políticas públicas municipais, que ao invés de favorecer seus moradores, segregam a população local que fica nitidamente dividida entre o centro e a periferia e provoca um sentimento de topofobia (sensação de repúdio e aversão) em seus moradores. E assim, constitui-se, a cidade de Bonito “*que ninguém quer ver*”, sem asfalto, sem transporte público, sem espaços de lazer e cultura dentro dos bairros conforme relatado pela Catarina no trecho a seguir:

Bonito não é só o centro, tem bairros de periferia que são muito complicados de você viver, né, que se a gente não cuidar, pode virar algum problema como violência, com prostituição, então é complicado, tem alguns pontos que precisam ser revistos, mais, e acho que é mais isso. Ela vai expandir, mas não precisa expandir só o centro, não precisa focar só no centro, tem outros lugares também que são legais. [...] então acho que tem que parar de focar tanto no centro, que já está mais desenvolvido, e pensar que a gente não precisa mostrar pro turista só a nossa parte bonita, né, não precisa ser só o centro a parte bonita. (Catarina, 23 anos de idade, 20 anos em Bonito)

Observamos que por se tratar de um destino turístico reconhecido e valorizado, existe uma crescente especulação imobiliária em Bonito, que traz consigo as consequências no âmbito da moradia. Sobre essa temática, a entrevistada Maria destacou “o aluguel é bem caro, muito caro, tem muita casa pra temporada e falta casa pras pessoas alugarem e vem muita gente pra morar aqui também né.” (Maria, 32 anos de idade, 28 anos em Bonito)

Figura 22 – Bairro Atlântico nas proximidades da Trilha Boiadeira



Fonte: Registro realizado após caminhar com a entrevistada Maria, pela antiga Estrada Boiadeira. Foto: SILVESTRINI, R., 2019.

Joana chama a atenção para as questões pertinentes às políticas públicas municipais, especialmente enquanto ferramenta para o desenvolvimento e planejamento local, que dessa forma devem fomentar a proteção e preservação do patrimônio. Existe nesse sentido, uma necessidade de sensibilizar a população e os visitantes sobre a sua importância para o lugar, principalmente para os sujeitos que nela habitam.

As políticas públicas, com certeza eu acho que a gente tem que cobrar, porque acaba sendo o administrador, o gestor público que está à frente desse trabalho, que está à frente de Bonito tem que entender que Bonito é uma cidade muito rica, e que ele tem que deixar de ser egoísta, e que ele não pode ver os próprios benefícios que ele pode ter através da prefeitura, tem que entender que a população e a cidade dependem dele, dependem da prefeitura, entendeu? Porque as pessoas aqui tem essa cabeça que só o grupo dele pode ser beneficiado, porque a política aqui é desse jeito. Entra um grupo político lá aí só eles são beneficiados, aí entra outro grupo político lá e a população fica as minguas, é! Então a pessoa que entrar na próxima eleição, tem que agregar e não continuar as mesmas coisas, os mesmos velhos hábitos, que essa pessoa entre e reconheça que Bonito tem muito futuro, mas que ela precisa de uma atenção, básica pra população, porque como que uma população que é carente de atenção vai atender bem alguém que vem de fora, né, não atende! Entendeu? Precisa de instrução, precisa de curso, precisa de atendimento básico da saúde, precisa de moradia né, são várias

coisinhas que você vai falando meu Deus do céu, como que isso tá acontecendo numa cidade dessa. (Joana, 40 anos de idade, 40 anos em Bonito)

Percebemos ainda nas entrevistas, o enfoque nas mudanças que ocorreram no meio urbano e na maneira como os sujeitos da paisagem se relacionam com a cidade que vive do ecoturismo, mas que muitas vezes sentem que fazem parte desse processo apenas enquanto mão de obra, preparando a cidade para os que a visitam e não para os residentes, nativos que vivem no lugar que é espaço diário de vivências e experiências.

Joana destaca o marco de desenvolvimento da cidade de Bonito com a implementação da atividade turística no município, especialmente nos últimos vinte anos através das instalações de inúmeras pousadas, excelentes hotéis. Atrativos com uma diversidade de passeios e bons restaurantes para atender especialmente aos turistas que são os sujeitos que de fato consomem essas lindas paisagens, segundo Joana:

Que a gente vê assim, a cidade se desenvolvendo, e daí de uns 20 anos pra cá esse progresso chegou mesmo né, você pode ver que a gente tem uma super estrutura de hotel, chega em um passeio e tudo é muito organizado né, as coisas funcionam assim, é dentro do setor turístico da cidade. Mas a gente percebe assim uma ausência da população local inserida, dentro dos melhores empregos da cidade, e você percebe assim o tanto que a cidade poderia ser desenvolvida, diferente também pra quem vive nela. Você ter um transporte público que te leve até os lugares né, que tem pessoas que não tem, em dias de chuva por exemplo, a dificuldade de ir e vir, de vir e ir pra cidade. E aí a gente percebe que a cidade foi se desenvolvendo assim, crescendo mesmo né, só que uma expansão pra todos os lados, muitas casas, muitas pousadas, muitos hotéis, alguns bons restaurantes, ótimos passeios, uma infraestrutura muito legal dentro dos atrativos, mas a gente não percebe a população local inserida assim, a gente tem uma dificuldade, aí existem alguns projetos que tentam através de parceria com os guias, também com alguns atrativos, que eles conseguem levar as crianças e os adolescentes nos passeios. Mas se você pegar em um número geral assim, é, você não vê muitos adolescentes e crianças que conhecem os passeios. Eles conhecem um, ou no máximo dois né, então assim, é bem pouco ainda. E a gente acredita que pra chegar a valer esse certificado de melhor destino de ecoturismo, acho que a principal característica de um lugar é a valorização do turismo principalmente pra quem vive no lugar, pelo menos é isso que lá fora do Brasil e em alguns lugares que trabalham com ecoturismo falam. (Joana, 40 anos de idade, 40 anos em Bonito)

Mesmo que em alguns destaques das narrativas a presença e chegada das pessoas de fora é vista como contributo para o desenvolvimento do local e do turismo, é sempre enviesada pela noção da problemática que tal desenvolvimento pode trazer para a população local. Problemáticas que envolvem o alto custo de vida e concorrência no mercado de trabalho exigindo profissionais mais bem capacitados, conforme descrito por Catarina no fragmento a seguir:

Uh, mudou bastante. Assim principalmente pra mim na cidade, mas meu pai também fala da mudança no campo. É muito engraçado que é uma outra realidade né, eu falo tipo que vem muita gente de fora morar aqui, é um negócio que tipo, a cidade aumentou, ficou conhecida né, tudo bem ser uma cidade turística que o custo benefício é muito alto, você tem que ter uma disponibilidade e uma graninha pra você viver aqui, mas virou um ponto de local legal que você pode morar e pode ser feliz, tipo,

então no campo também a mão de obra veio muito de fora, foi bem acolhedora, e aqui na cidade também, então, é com a geração de empregos, a gente viu que Bonito acolheu mais pessoas, pessoas com mais conhecimento, que puderam agregar mais, mas também pessoas mais simples que vieram também agregar. (Catarina, 23 anos de idade, 20 anos em Bonito)

Por outro lado, o exemplo do Joaquim, afirma que o turismo foi um acontecimento que marcou positivamente a história do município. No entanto citando referências e elementos estruturais da paisagem que não foram realizadas para contemplar diretamente as necessidades do sujeito local:

Acho que o turismo, o turismo foi um bom acontecimento no Bonito. Um acontecimento pra nós é esse aeroporto que tem ai né, que desce tudo que é tipo de avião de grande e pequeno porte, e tem acontecido algumas paraquedistas, sempre tem algum evento bom pro bonitense assistir né, sempre tem. (Joaquim, 65 anos de idade, 45 anos em Bonito)

Como já mencionado aqui, observamos que muitos dos moradores não se sentem inseridos neste processo evolutivo. Conforme relata Maria, inclusive quando se diz respeito a pleitear as melhores vagas de emprego disponíveis no município que respira o ecoturismo que na prática não é tão sustentável assim:

A mão de obra do turismo ela, a mão de obra, é... se você pensar por exemplo na classe, como eu vou explicar isso, é bonito só pode oferecer aqui, as pessoas daqui, só mão de obra de força mesmo braçal, por exemplo de cozinha, serviços de cozinha, garçons né, serviços de manutenção. Mas normalmente, é no último curso de guia, foram muitos guias formados de fora, e não teve, eu já te falei isso eu acho, não lembro se já te falei, eu lembro que tava aqui e fiquei muito chateada, de repente tava tendo curso de turismo e um monte de gente de fora fazendo, e não foi divulgado pra população bonitense como deveria ser, um curso de guia. Deveria ter sido um trabalho muito maior, e até hoje fico muito chateada de pensar assim, que não houve uma valorização assim da galera de bonito sabe pra se formar guia, não foi focado pras pessoas daqui, não foi divulgado mesmo, porque como assim de repente tem um monte de gente de fora que tava sabendo e quem tá aqui não tá sabendo. (Maria, 32 anos de idade, 28 anos em Bonito)

A entrevista, justamente, evidencia o sentimento de topofobia (aversão), pela forma como a população local é inserida nessa cadeia produtiva do turismo e relata ainda sobre a dificuldade de acesso aos cursos de aperfeiçoamento e treinamentos que raramente são destinados para qualificação dos bonitenses.

Outra entrevista da Joana, chama a atenção para olharmos para dentro da cidade, questionando a realidade vivida pela população local, em especial a dos pobres e periféricos que não tem acesso a um cinema, um teatro, um espaço cultural, nem a transporte coletivo, tendo em vista que a grande maioria não possui um carro, a bicicleta acaba sendo o meio de transporte mais utilizado pelos jovens e adultos.

Observamos durante o período de imersão do trabalho de campo, realizado em dezembro de 2019 em Bonito, que os valores aplicados para as corridas de moto táxi dentro da

cidade possuíam valores tabelados, as tarifas aplicadas pelos taxistas também são elevadas, considerando que estamos no berço do ecoturismo do Estado de Mato Grosso do Sul, tornou-se muito mais difícil a mobilidade entre em um local e outro para realização das entrevistas. Desta forma surgiram questionamentos, como por exemplo: se todos os sujeitos da paisagem possuem uma mobilidade que lhes permita a acessibilidade ou a dificuldade de acesso, bem como o direito a cidade diferenciada socioespacialmente, quem de fato tem direito à cidade? E, como destaca Lorca (1971):

[...] ¿Cuáles son los beneficios que podría ofrecer la movilidad al ser urbano? Veamos algunos de los más importantes:

- a) La movilidad aumenta las posibilidades de trabajo; la gran ciudad, con sus economías de aglomeración, ofrece al individuo una amplia gama de trabajos, la movilidad del individuo dentro de la ciudad ofrece la posibilidad de elegir entre éstas la más adecuada a sus deseos y aptitudes.
- b) La movilidad va a dar más oportunidades de acceso a los lugares de entretenimiento.
- c) Uno de los beneficios más importantes de la movilidad es el aumento del tiempo disponible: tiempo-trabajo y tiempo-ocio. Las ventajas del aumento del tiempo son claras, disminución de costes, aumento de producción, etc.
- d) Aumento del espacio disponible es otra de las ventajas, espacio-trabajo, espacio-entretenimiento, espacio-escuela, etc. La movilidad da la oportunidad de poder utilizar toda esa serie de espacios (LORCA, 1971, p. 18).

De acordo com os apontamentos destacados por Lorca (1971), podemos avaliar a importância da mobilidade para o funcionamento do sistema urbano, bem como para a reprodução social, uma vez que os indivíduos necessitam realizar constantes deslocamentos para satisfazer necessidades referentes a essa reprodução, que está diretamente relacionada com inúmeras determinações políticas, sociais e econômicas.

As desigualdades estão cada vez mais presentes no espaço urbano, fortalecendo a segregação social em uma sociedade em que o “direito à cidade” é progressivamente mais restrito. Joana nos conta que o Balneário Municipal continua sendo o seu local de lazer, assim como as propriedades dos amigos, mas ressalta em sua fala as carências culturais, o acesso a uma peça de teatro, um cinema e até mesmo um espaço de lazer para as pessoas dançar e confraternizar. Assim detalhou:

Bom, eu acredito que eu continue indo no balneário, porque aqui em Bonito a gente não tem um teatro, não tem um cinema, a gente não tem algo que você possa sair pra dançar uma música gostosa né, então geralmente a gente vai até o balneário, pros sítios de amigos, mas pensando em população local de novo é quase nada né, porque se você não tem transporte público como é que você chega no balneário né, aí se você tem um filho, um marido e você chega como se você não tem carro né. Então, mas eu pessoalmente assim, vou pra casa de amigos, vou pro sítio, vou pra praça com a minha filha, a gente tem o CMU que é um espaço que agora tá bem legal pra fazer esporte, são esses lugares. (Joana, 40 anos de idade, 40 anos em Bonito)

Durante a pesquisa, com relação ao meio ambiente, questionamos os entrevistados se ocorreu alguma mudança em Bonito. O intuito era, identificar possíveis degradações ambientais

observadas pelos entrevistados ao longo dos anos. Ana relatou em entrevista, algumas mudanças observadas no rio Formoso especialmente devido ao manejo inadequado do solo:

Eu conheço o balneário desde criança, o rio mudou, nooossa tinha uma cachoeira linda que agora corre. Onde agora só aparece uma pedra, o leito do rio não mudou muito, aumentou aquela prainha, pra gente chegar antigamente era mato, o rio era diferente, a gente ia lá. Teve uma enchente dia 20 fevereiro de 2018, essa enchente devastou, desbarrancou muito o rio né, mudou muito. Ali no balneário do Junior, no Barbosa, no Bonito Aventura, acabou porque saiu o barranco do rio e desmoronou, quebrou cachoeira, devastou, devassstou e isso mudou o leito do rio. E essas coisas climáticas é do mundo inteiro né e aí vem essas tempestades horrorosas e transforma as paisagens, leva deck, leva as coisas e muda o curso do rio. E tudo isso porque é o desmatamento no geral, falta de mata ciliar, tem gente que não cuida né. (Ana, 53 anos de idade, 53 anos em Bonito)

Figura 23 – Antiga cachoeira do Balneário Municipal de Bonito/MS



Fonte: Foto arquivo pessoal da entrevistada Juraci, década de 80.

Marcos, sentado em uma cadeira de área, sob a sombra de um pé de acerola em frente à sua casa, com os olhos perdidos no tempo, afirma que o rio já mudou. Destacou que antigamente o nível da água era muito maior comparado aos dias atuais, “O rio já mudou um pouco, antigamente ele curria na boca, se vai lá hoje, ele corre pelo meio, mas como ele corre o dia inteiro, se pode brincar o dia inteiro que a água fica limpinha.” (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Nesse sentido os relatos dos entrevistados chamaram a atenção para os fatos e acontecimentos ligados a paisagem atual de Bonito, com direta relação a impactos ambientais

negativos nos elementos naturais que compõem a paisagem do local. Entre eles, as fortes chuvas, a falta de manejo adequado do solo e abertura de novas estradas como causas dos polêmicos efeitos de turvamento das águas dos rios que banham o sistema natural de Bonito.

As lembranças de Ana surgiam enquanto preparava um tereré bem gelado e mostrava os móveis antigos da sua cozinha que eram da sua mãe que havia falecido a pouco tempo. Ela demonstrou preocupação com relação as mudanças que ocorreram nos rios, principalmente pela frequência e intensidade que ocorre o turvamento das águas no período das chuvas. De acordo com a fala a seguir:

Ah, claro, total, é muito né, os rios, os rios mudaram, e ai antes, eu não sei se essa coisa de turvamento de rio acontecia antes também, mas eu lembro que quando chovia bastante e o Formoso turvava e turvava mesmo, porque tinha muita estrada de terra e a água vai pro rio né. Mas hoje em dia agravou um pouco, ele fica mais marronzão, antes ele ficava um esverdeadão, a não ser que chovesse muito mesmo, logo ele clareava. (Ana, 53 anos de idade, 53 anos em Bonito)

Nos últimos meses do ano de 2018 algumas notícias sobre degradação ambiental na região de Bonito (Figuras 24) se intensificaram, uma vez que o turvamento das águas do rio Formoso em episódios de chuva intensa, materializaram os aspectos negativos do turismo e de outras atividades econômicas, aqui já evidenciadas pelos entrevistados.

Figura 24 – Reportagens sobre turvamento das águas

### Dreno irregular causa turvamento do Rio Formoso e fecha atrativos em Bonito

Alguns atrativos turísticos de Bonito (MS), que são banhados pelo Rio Formoso, tiveram que interromper as atividades na primeira semana de dezembro devido ao turvamento das águas do rio. A Polícia Militar Ambiental do município precisou iniciar um trabalho de buscas pela região para identificar a origem do problema e localizou, em uma fazenda, as margens da MS-302, um canal de vazante onde escoavam sedimentos para o Córrego Taquara, afluente do Rio Formoso.

Conforme a PMA, o arrendatário da propriedade, um morador da cidade de 51 anos, realizou o preparo inadequado do solo para agricultura e houve sedimentação para um açude e do um canal a jusante, escoava sedimento por um dreno, que tomava a água lamacenta e desaguava no córrego Taquara.



Ainda segundo os policiais, os trabalhos tiveram início no dia 1º deste mês em todas as propriedades rurais a montante de onde a água do rio, que é sempre cristalina, apresentava-se turva, com cor avermelhada. O flagrante aconteceu nesta segunda-feira (4). As atividades foram paralisadas e o responsável autuado administrativamente e multado em R\$ 24.140,00.

Imagem: PMA.

### Rios cristalinos de MS viram 'mar de lama' após enxurrada com resíduos de manejo de solo; veja vídeo

Turistas que estão em Bonito e Jardim reclamam de passeios comprometidos por conta da epidemia "chocolatada" dos rios. Dois produtores rurais foram notificados.

Por G1MS - Campo Grande  
2017/12/04 09:48 - Notícias Especiais



O Rio da Prata, em Jardim (MS) e o Rio Formoso em Bonito, conhecidos pelas águas cristalinas e diversidade de peixes, transformaram-se em um 'mar de lama' na última semana por conta de uma enxurrada com resíduos de manejo de solo. Segundo Gabriel

Fonte: Portal de Bonito e Campo Grande News (2018)

Cabe ressaltar que tais acontecimentos e repercussão pela mídia, provocaram mobilização da comunidade bonitoense, dos órgãos públicos municipais e estaduais, das ONGs e ativistas, além dos turistas que visitavam a região (Figura 25).

As hipóteses noticiadas por alguns veículos de comunicação baseiam-se no turvamento prolongado dos corpos d'água do município, principalmente do Rio Formoso, que já teve essa problemática denunciada anteriormente, inclusive durante a execução do projeto “Formoso Vivo” (2003).

Figura 25 – Turvamento dos rios de Bonito-MS

07/12/2018 - 09:42

## Turvamento das águas de Bonito e região será discutido em Audiência Pública

Os debates deverão contar com as presenças de representantes de órgãos ligados ao governo do Estado, como o Imasul, Semagro, Polícia Militar Ambiental e Agraer; do Ministério Público Estadual; da Prefeitura Municipal (por meio da Secretaria Municipal de Meio Ambiente), de ONGs e de entidades ligadas à área rural.

**Divulgação:** A Câmara Municipal de Bonito (MS) realizará na próxima segunda-feira, dia 10 de dezembro, às 08h30, uma audiência pública para debater soluções para a preservação da qualidade das águas dos rios e afluentes que compõem a bacia hidrográfica da região, com foco na poluição e no turvamento das águas do Rio da Prata e do Rio Formoso, que ganhou repercussão nacional nas últimas semanas.

Os debates deverão contar com as presenças de representantes de órgãos ligados ao governo do Estado, como o Imasul, Semagro, Polícia Militar Ambiental e Agraer; do Ministério Público Estadual; da Prefeitura Municipal (por meio da Secretaria Municipal de Meio Ambiente), de ONGs e de entidades ligadas à área rural.

**Principal de Bonito, Rio Formoso também tem lama acima do normal**

Semana passada, situação foi constatada no Rio da Prata, que ficou irreconhecível

**Reveja imagens**



Rio Formoso entorpecido, em foto registrada de ponte do Hermínio, em Bonito. (Foto: La Borgia/Rio).

Principal de Bonito, 257 km de Campo Grande, o Rio Formoso está completamente turvo neste sábado (dia 24). A situação ocorre uma semana depois da chuva que levou barro para o Rio da Prata, na cidade vizinha, Jardim, e deixou a água do rio irreconhecível.

Uma das imagens registradas sexta-feira (dia 23) é da ponte do Hermínio. Nos locais de passeio em Bonito que utilizam o Rio Formoso, a informação é que choveu muito durante a manhã de ontem. “Está realmente turvo, mas retorna rápido”, afirma Clayton Castilho Gomes, responsável por um hotel fazenda da região.



Fonte: Reportagem do Portal da Educativa do Governo de MS e G1 MS (2018).

Boggiani (2001) afirma que devido à alta rentabilidade econômica a lavoura explorou ao máximo as áreas agricultáveis, ocupando até as margens dos córregos, situadas nas cabeceiras dos Rios Formoso e Formosinho, provocando o desmatamento acelerado e descontrolado. Silva (2015) explica em sua tese que neste período houve a facilitação ao acesso de novas tecnologias, como máquinas modernas, agricultura de precisão e o advento dos herbicidas seletivos, que facilitaram o processo produtivo e reduziram os custos para produção.

Contudo, Boggiani (2001) afirma que em maio de 1992, ocorreram chuvas anormais com incidência de mais de cem milímetros em períodos de três dias, provocando um turvamento

nunca visto dos rios da região, até então límpidos e transparentes. Tal afirmação pode ser constatada também na percepção dos sujeitos locais, conforme relatou Maria sentada a margem do rio Formoso, angustiada, lembrando do tempo que demorou para as águas voltarem ao seu nível e cor normal.

Tem gente que fala, eu tinha uns 10 anos e eu lembro teve um turvamento que encheu até por aqui (onde estávamos sentadas fazendo a entrevista embaixo de uma árvore dentro do balneário), a água veio até próximo do restaurante, e ninguém podia entrar, isso aqui foi tudo reformado, ficou um tempão fechado, o hotel Cabanas foi devastado porque o rio Formoso transbordou e a água chegou a ficar suja, escura mesmo. (Maria, 32 anos de idade, 28 anos em Bonito)

Silva (2015) afirma que este aspecto se mostra preocupante em função de que as atividades agrícolas desenvolvidas na área utilizam na sua maior parte, o preparo do solo convencional, com uso intenso de arados e grades provocando o consequente revolvimento das camadas superficiais do solo, o que o torna facilmente erodível, caso não sejam adotadas técnicas de manejo e conservação adequadas. A partir desta afirmação destacamos que em algumas narrativas dos sujeitos locais foi evidenciado o uso do solo de forma predatória como principal causa dos impactos nos rios da região, conforme relatado por Maria a seguir.

É ... (ficou refletindo em silêncio com o olhar perdido no tempo e no espaço) eu acho que foi ... (silêncio) eu sempre olho pra esse lado, pra cidade assim, e acho que pra Bonito. Bonito pra mim sempre remete a natureza então o bummm, quando veio aquela enchente gigantesca né, que deixou assim, que acabou mesmo assim, acabou não né, que modificou muito o ambiente. E pensar que isso é um produto do meio de exploração mesmo das terras sabe, um meio de como o Rio Formoso foi desrespeitado, assim, de como essas questões ambientais elas ainda tá muito longe de ser resolvidas parece sabe, tá difícil, é difícil que as pessoas compreendam a importância de preservar sabe, de não plantar na beira, na mata ciliar, de não fazer clareira na beira do rio [...]. Eu lembro e me dói cada vez que eu vi e fui veno essa transformação e quem ama o Rio Formoso, que tem né muita gente que ama sabe, quem vem pro rio e fica assim um tempão só contemplando percebe a mudança né, as mudanças assim. (Maria, 32 anos de idade, 28 anos em Bonito)

Outro fator importante destacado por Brugnolli (2020) é o modelo econômico do estado de Mato Grosso do Sul, voltado, em sua maioria, para a agricultura, esta atividade identificada na BHRF pelas lavouras de soja. O referido autor, afirma que as formas de uso e cobertura das terras somadas a outras atividades antrópicas existentes, como as áreas de confinamento de gado, extração de calcário, pecuária extensiva e turismo, sem o manejo adequado para o desenvolvimento de tais atividades acabam por ocasionar problemas ambientais, gerando uma pressão sobre a qualidade das águas superficiais, sobretudo pelo turvamento das águas, o que prejudica não apenas sistema fluvial, mas também o turismo da região. Tal fato se confirma na fala do seu José, “É, e nós vamos pro segundo ou terceiro ano de água suja de plantação de soja.” (José, 90 anos de idade, 68 anos em Bonito)

Brugnolli (2020) ainda afirma que as grandes culturas de soja estão situadas nos setores da bacia hidrográfica do Rio Formoso e são uma das responsáveis pelo recorrente turvamento das águas superficiais. Sendo assim, a referida cultura causa problemas ambientais à BHRF, uma vez que altera seu equilíbrio, sobretudo pelo manejo inadequado do solo e solo exposto em épocas chuvosas. Ainda segundo o autor “Somado a isso, a declividade elevada nos morros residuais e solos frágeis, como o chernossolo, também favorecem o turvamento” (Brugnolli, 2020, p. 235).

Para Ribeiro (2017) o aumento significativo das lavouras de soja e milho, trouxe preocupações por diversos fatores, no entanto as mudanças na paisagem advindas pelo processo de expansão de terras ocupadas pela agropecuária é fator predominante nos processos de degradação ambiental da área. De acordo com o último Censo Agropecuário (2019) o rebanho efetivo bovino do município de Bonito é de 343.379, desta forma pode-se notar que ocorreram mudanças significativas ao longo dos anos

Causa preocupação, no entanto, a acelerada ocupação da área, pela agricultura e pecuária, e os desmatamentos generalizados que não pouparam nem as florestas ripárias ao longo dos rios. Preocupa também o crescimento da atividade turística na região, principalmente após 1995, que tem os seus rios e as cachoeiras de tufas calcárias como principais atrativos.

Para Brugnolli (2020) visto a fragilidade da área frente às atividades econômicas desenvolvidas, ressalta-se cuidados e atenção especial, pois a ausência de manejos adequados e medidas mitigadoras são consideradas, possivelmente, as responsáveis pelos recorrentes turvamentos das águas dos principais mananciais da BHRF, sobretudo pela colheita da soja que é realizada em grandes porções, o que deixa o solo exposto contra a ação pluvial. Também são responsáveis pelo turvamento dos recursos hídricos, as pastagens sem qualquer tipo de manejo das terras, que auxilia no desenvolvimento de processos erosivos que provocam o carreamento de sedimentos (Brugnolli, 2020, p. 349).

Essas áreas de solo exposto segundo Brugnolli (2020), foram definidas como importantes fatores à ocorrência de turvamentos aos mananciais, sobretudo pela fragilidade que apresentam ante a ação pluvial, que causa um desprendimento da camada superficial do solo e transporta sedimentos aos recursos hídricos.

De acordo com Ribeiro (2017), os rebanhos bovinos já ocupam as pastagens do Planalto da Bodoquena desde meados do século XX, e, a partir da década de 1990, começa a surgir o turismo explorando principalmente os rios de água límpida. A substituição de algumas áreas de pastagem por soja e milho tem preocupado o segmento turístico e também os ambientalistas,

pois esta atividade coloca em risco alguns elementos característicos deste ambiente como a transparência das águas dos rios (Ribeiro, 2017, p. 22).

Podemos observar no trecho abaixo relatado por Ana:

[...] o que aconteceu, como a cidade cresceu, muito mais estradas foram abertas, estrada leva sedimentos pro rio, a cidade ampliou esses loteamentos na cidade, abre rua e leva sedimentos pro rio, mais estradas para abertura de novos passeios, leva o sedimento pro rio, e eu acho que o desmatamento essa coisa da agricultura colabora, óbvio. Mas a cidade também, estrada também, é um conjunto de coisas né, eu como sou daqui eu sei, quando chove demais gente, leva tudo né, as pessoas, a educação é zero. (Ana, 53 anos de idade, 53 anos em Bonito)

Figura 26 – Desmatamento na rodovia MS-172/MS-382



Fonte: Desmatamento às margens da rodovia MS-178/MS-382 nas proximidades do balneário Municipal. Foto: Silvestrini, R., 2019.

De acordo com Brugnolli (2020, p. 283), o turvamento das águas não atinge apenas o arcabouço ambiental, mas também o social (na eliminação de empregos diretos e indiretos) e econômico (prejuízo financeiro em milhões de reais), sobretudo porque, quando este fenômeno ocorre regionalmente, as principais atrações turísticas da região são fechadas até que a água retorne aos níveis qualitativos aceitáveis para as práticas turísticas de alto nível.

No entanto, observamos ainda nas entrevistas relatos sobre as mudanças nos rios, referente ao turvamento das águas que atualmente ocorrem com mais frequência, demorando muito mais para o rio voltar ao seu estado normal, afetando diretamente o trade turístico que tem seus passeios cancelados, mas em contrapartida aumentam o fluxo de turistas circulando

pelos bares, restaurantes e lojinhas da cidade como observamos durante o nosso trabalho de campo nos dias chuvosos e com águas turvas.

José e Joana, relatam respectivamente, sobre os impactos nas atividades turísticas nos dias chuvosos:

Nesses dias não tem passeio das águas tudo suja barrenta, mas pensando bem numa equalização de situação uma coisa não atrapalha a outra tem que ter um meio de não deixar atrapalhar principalmente fazer as curva de nível. (José, 90 anos de idade, 68 anos em Bonito)

A gente vê que o Formoso ele tá perdendo as suas forças, está mudando a cor com o passar dos anos, o Formoso, não é mais o mesmo, mas não é mesmo, sabe! E todo contexto tem sua parcela, vai desde o lixo doméstico, da falta de uma efetiva coleta seletiva, da participação popular, do cidadão ao munícipe. (Joana, 40 anos de idade, 40 anos em Bonito)

Assim como relatado por Marcos, ocorreram muitas transformações nas paisagens principalmente devido ao desmatamento para formação de pastagem, além da abertura de novas estradas e das mudanças climáticas.

Ahhh ocorreu, isso ai não é mais como era não, toda parte aqui, daqui lá no baixado da serra não é mais como era não, daqui a 70, 80km se vai ai está tudo mudado, desmataram né e formaram pasto, e fizeram estrada, aqui tem estrada que vai lá no rio Paraguai, por aqui por dentro, quer dizer mudou muito, melhorou muito, mas tem o problema né, tá ai o calorão, as água não cai mais como caía, o frio não faz mais como fazia, porque de primeiro menina, no mês de abril era frio mesmo e agora não é, mesma coisa que hoje. Não chove mais como chuvia, não tem mais água, então tem muito bicho morrendo por falta d'água, se você descer pro Pantanal você vai ver caveira de jacaré, de peixe, por falta d'água, não tem água, tá tudo seco. (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Ainda em relação as transformações negativas da paisagem destacamos aqui as reflexões e narrativas da Maria, uma amiga da época da faculdade que aceitou gentilmente realizar a entrevista no domingo, que era o seu dia de folga. Maria sugeriu primeiramente fazermos um passeio de bicicleta pela cidade, para isso, tive que alugar uma bicicleta (por 35 reais o dia). Ela disse que gostaria de me levar para visitar a ponte no rio Formoso (Figura 24) local paisagístico que ela frequenta desde criança, e ela havia me levado pra conhecer esse mesmo lugar em 2007, na minha primeira viagem para Bonito.

Fizemos uma pequena trilha de difícil acesso no meio do mato e era bem íngreme para descer embaixo da ponte sobre o rio Formoso, no trecho que antecede o complexo do Balneário Municipal. Maria logo chamou a atenção mostrando que parte das margens desbarrancaram e grande parte da vegetação desapareceu, provocando várias mudanças na paisagem, inclusive a profundidade do Formoso não é a mesma de antes, pois o rio está bem abaixo do seu nível normal.

Maria relatou que isso ocorreu após as fortes chuvas de fevereiro de 2018 que provocaram uma grande enchente no balneário municipal, que afetaram inclusive as áreas pertencentes ao hotel Cabanas e demais atrativos que margeiam o Formoso descendo rio abaixo. Eu senti uma tristeza profunda ao retornar a esse mesmo lugar e ver que a natureza está sofrendo um processo de degradação contínua, permaneci ali apenas observando e ouvindo os relatos, enquanto isso, Maria se aventurava escalando as pilastras da antiga ponte para descer no rio para beber água, com anseio de se banhar nas águas do Formoso.

Observamos que embaixo da ponte é o lugar que a Maria tem o sentimento de topofilia, de pertencimento, afetividade e apego a cidade de Bonito, afirmando que apenas lá ela conseguia ficar sozinha e em paz, pois todos os demais lugares estão sempre muito lotados e você precisa pagar caro para ter acesso ao rio, que na maior parte pertencem as propriedades particulares, condomínios fechados ou algum atrativo turístico. “Eu gosto de ir pra debaixo da ponte, eu gosto de ficar sozinha, gosto de curtir o rio mesmo, de ficar quieta, eu não gosto de barulho na beira do rio.” (Maria, 32 anos de idade, 28 anos em Bonito)

Figura 27 – Vista sob a ponte no rio Formoso em trecho que antecede o Balneário Municipal de Bonito



Fonte: Registro realizado embaixo da ponte, às margens do rio Formoso em Bonito onde tomei meu primeiro banho em 2007, lugar de lazer, protesto e manifestação dos sujeitos da paisagem. Foto: SILVESTRINI, R., 2019.

O que acontece embaixo da ponte? Embaixo da ponte podemos ver os pilares da antiga estrutura de madeira (figura 27) resistindo a ação do tempo, mas observamos ainda que esse lugar é um espaço de protesto para os sujeitos que a frequentam. Existem várias pichações que

demonstram que essa paisagem é frequentada por inúmeros sujeitos sociais, provavelmente residentes locais, que deixam ali as suas marcas na tentativa de mostrar que aquele espaço simbólico também os pertence. É nítido que o processo de mercantilização da paisagem dificulta o direito à cidade para os moradores de Bonito.

O direito à cidade é explorado por David Harvey em conjunto com a questão da emergência de variados movimentos sociais. Contudo, Harvey se questiona: “como podemos [...] definir esse direito?” (HARVEY, 2014, p. 27).

O direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos. Além disso, é um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização. (HARVEY, 2014, p. 28).

As concepções a respeito da temática ambiental, bem como dos conflitos urbanos identificados nas narrativas dos entrevistados nos permite revelar a percepção do sujeito local sobre a sustentabilidade no município de Bonito, que é considerado a capital do ecoturismo no Brasil. Deste modo questionamos a relação do homem com a natureza no local sob a ótica dos sujeitos entrevistados e verificamos que estes, não consideram que na paisagem de Bonito, atualmente o homem vive em harmonia com a natureza, conforme relataram o José e o Marcos nos trechos a seguir.

Não, ele é o maior inimigo da natureza, tá no Taco a taco, taco a taco quer dizer que hoje vivemos como uma metade do povo querendo salvar o planeta e com a outra metade do povo querendo acabar com alguma coisa bonita. (José, 90 anos de idade, 68 anos em Bonito)

Eles enfiavam o trator assim oh, levava aqueles negócio de dentro dos açude, e jogava lá que ficava pulando de peixe, traira, bagre, tudo que é peixe, piraputanga, e eles vinham com um caminhão de terra e aterravam tudinho aquele açude, hoje não existe açude lá, porque não tem fiscalização, porque o homi era governador, era ele que mandava em tudo. Então aquilo ali é o que nós tá sofrendo hoje, esse solão que cê ta vendo aqui, esse calorão que o se fica desesperada aqui oh, é aquilo ali oh, derrubaram tudo as árvores, tiraram os açudes que produzia a chuva, e IBAMA nada, num viu, mas eu morava lá, e eu sei disso. (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Identificamos que Joana e Catarina relaram nos trechos a seguir, a ausência da relação homem e natureza através da perspectiva da paisagem urbana da cidade de Bonito. Tais falas me remetem um trecho do poema do Manuel de Barros, que diz: Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas (BARROS, 2015).

Eu considero que quando ele tem acessibilidade e ele tem sensibilidade, quando ele é sensibilizado eu acho que ele pode viver em harmonia com a natureza, mas se ele desconhecer totalmente é um pouco difícil, porque eu vejo assim que tem pessoas

muito simples que moram nos bairros, porque elas tem muito amor pela natureza, mas nem todo mundo tem oportunidade. Nem todo mundo tem oportunidade mesmo morando em Bonito de ir fazer um passeio, então vem gente lá da Ucrânia, do Japão, dos EUA, da Itália, as pessoas podem, elas visitam, mas o cara nasceu, criou e mora aqui não conhece. Então como é que você vai preservar, então como é que você vai falar, nossa aquilo é meu, eu preciso de cuidar, se você nunca foi apresentado pra ele. Então pra mim assim, está muito claro, quem conhece, quem tem oportunidade faz a diferença, mas se não tem oportunidade, não é sensibilizado, não consegue ter esse entendimento. (Joana, 40 anos de idade, 40 anos em Bonito)

Na cidade não, acho que não. Acho que tem que tipo, tem que rever bastante coisa, tem muitos afluentes aqui dos rios principais que passam na cidade, alguns córregos, e que tipo o povo não se toca tá jogando o lixo lá, vai assorear, vai acontecer um negócio lá que não vai prestar, e acho que falta muito isso, falta conscientização, e mais mão firme. Igual esses dias, os rios estavam ficando turvos, precisou sair no Fantástico pras pessoas se tocar, o fantástico fez uma matéria, pras pessoas ver que o negócio não tava prestando, estavam ficando turvos os rios mais cristalinos do Brasil e do mundo estavam ficando turvos e ninguém estava se tocando. E aí gente falando que ai, não era culpa de Bonito, que não era culpa de ninguém, que isso era coisa da natureza. Gente, aquilo lá não era coisa da natureza não, aquilo lá não é normal. Sabe? Então tem que mudar, tem que dar um sacode, não vive em harmonia ainda não, (risos), ainda está faltando um pouquinho. Eu não cheguei a ir nos rios, mas eu acompanhei pelas redes sociais, é assim que você fica sabendo das coisas, então eu vi vários sites fazendo reportagem, entrevista, vi muita gente que trabalha diretamente nos rios que estava turvo mesmo, que tava um negócio muito estranho, que era algo que não estava acontecendo igual nos anos anteriores, então eu acompanhei assim, pelas mídias sociais. (Catarina, 23 anos de idade, 20 anos em Bonito)

Brugnolli (2020) afirma que o turvamento das águas são os principais embates entre ambientalistas, agropecuários e o setor turístico, entretanto, Ribeiro (2017) traz uma importante discussão acerca deste embate, pois argumentos existem de ambos os lados, com ruralistas defendendo que “não são os agricultores que provocam tal situação” e, por outro lado, essa ideia “é rebatida pelos ambientalistas que se utilizam, por sua vez, de argumentos para mostrar que as lavouras vêm causando o turvamento dos rios no município” (RIBEIRO, 2017, p. 146).

#### **5.4. Paisagens Futuras – perspectivas dos Sujeitos da paisagem**

*“(...) que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.”*

Manoel de Barros

Na terceira parte das entrevistas foram abordados os aspectos temporais futuros, analisando anseios e projetos de paisagem sob a ótica do sujeito local, para isso questionando se os moradores consideram que existe algo que pode desaparecer em Bonito, analisando se o entrevistado possui alguma percepção sobre possíveis riscos ambientais.

Os depoimentos dos moradores locais, que experienciam a vida cotidiana e vivenciam as mudanças que ocorrem nas paisagens que se transformaram em produtos para o consumo

dos turistas, oferecem um material muito rico em informações e testemunhos para análise que vem carregados de topofobias (aversão), medo e angústia pelas mudanças que estão sendo assistidas ao longo dos anos pelos sujeitos da paisagem.

Deste modo, nos foi revelado por meio das narrativas que os principais anseios dos sujeitos entrevistados estão no desaparecimento dos elementos naturais da paisagem, sobretudo ligados à hidrografia, flora e fauna conforme relatado pela Maria e a Cristina nos trechos a seguir:

Sim, ai, sim, eu tenho medo, eu morro de medo, (topofobias) eu sempre falo para as meninas assim (filhas) da gente fazer diferente, eu tenho medo de não ter mais esse rio Formoso, eu tenho medo, eu tenho muito medo porque se ninguém fizer nada e continuar do jeito que tá, se as pessoas não entenderem que precisam mudar sua concepção de relação com a natureza e entender como é importante esse rio, sabe, pra tudo, pra muito mais coisas do que a gente imagina, se a gente for considerar o que tem dentro do rio, de vida, sabe, de chegar a ter assim de ter um rio realmente turvo. (Maria, 32 anos de idade, 28 anos em Bonito)

Ah, eu acho que os rios né, porque o balneário mesmo, eu percebi que as vezes que eu fui era mais cheio, agora mesmo ele tá bem mais baixo né, antes tinha lugar assim que eu tinha medo de entrar, agora dá até pras criança entrar né. Eu acho que os rios podem sim. (Cristina, 26 anos de idade, 26 anos em Bonito)

Estes depoimentos, nos conduz a refletir o trecho de Saramago que diz sobre os significados do lugar, sobre as relações de coexistência e os laços que criamos com outras pessoas construindo uma realidade compartilhada.

Então, descendo o rio que foi dado e recebido, falamos das pessoas que continuarão a vê-lo todos os dias. daquelas pessoas para quem o rio não é paisagem nem canção verde, mas uma linha hipnotizante que as amarrou no mesmo lugar e dentro de si próprias. (SARAMAGO, 1996, p. 194)

Além disso, evidencia-se que além dos anseios em relação ao desaparecimento dos elementos naturais da paisagem, consta nos relatos do senhor Marcos denúncias de problemas socioambientais ligados à falta de políticas públicas direcionadas aos problemas dos moradores de Bonito.

Ah vai desaparecer muito bicho, pelo jeito que você vê ai nas estradas, não tem um tipo de bicho que não está morto na beira da estrada (Figura 28), vai desaparece, por exemplo o tatu preto vai desaparece, tamanduá meleta ocê não vê mais, já sumiu, e ai vem a anta que o pessoal ta matando todo dia um animal daquele, uns morre junto, outros atropela, mata e larga lá, então vai desaparece também. Se não tive alguém pra toma providência, porque eu acho que não vai ter, porque esse governador de MS não sai lá de Campo Grande, ele vei aqui uma vezinha e só, tem um prefeito aí que não vale nem a bóia que come, não faiz nada. Eu morava lá no Guaicurus, você sente na carne o que é que o cara é, entendeu? Nas estrada lá se você entra lá na estrada você tem que sair costeando os buracos até acha um lugar pra entra na estrada novamente, a água faz valeta, ela vem correndo de longe, o outro prefeito acabava a chuva já ia lá

e arrumava tudo, não tem onde jogar a água, tinha que fazer um aterro na estrada ou levantar a estrada. (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Atualmente o movimento Unidos da Serra da Bodoquena de Bonito que tem como uma das premissas zelar pela natureza da região, está realizando um abaixo assinado apoiando o fim dos atropelamentos da fauna em Bonito, que tem por objetivo a instalação de placas de sinalização e educação ambiental no trânsito, além de redutores de velocidade nas rodovias do município MS 178 e MS 382. Entendemos que a instalação destes equipamentos não necessita prévio diagnóstico, uma vez que atropelamentos de fauna silvestre ocorrem massivamente sempre nos mesmos locais. É inadmissível que a fauna silvestre brasileira continue morrendo sem que medidas sejam tomadas e isso se torna ainda mais grave em um município considerado vitrine do ecoturismo nacional.

Figura 28 – Tamanduá morto na rodovia da entrada de Bonito que dá acesso ao Balneário Municipal



Fonte: Atropelamento de fauna em Bonito-MS. Foto: SILVESTRINI, R., 2019.

Alguns depoimentos de moradores evidenciam vários elementos que podem desaparecer especialmente os rios que são reconhecidos mundialmente pelas águas cristalinas de extrema beleza cênica que fazem desse lugar um dos destinos de ecoturismo mais visitados do país, conforme fala Catarina a seguir:

Olha, então, é que eu acho assim que os manejos e as formas de uso são bem melhores agora, então acho que eles meio que se tocaram que se sumir, não vai fazer de novo, por exemplo a gruta, se quebrar uma estalactite daquela não vai fazer de novo, de um dia pro outro né, é uma formação de milhares de anos, então acho que agora o negócio de não poder tirar foto com flash, entrar com luvinha, então acho que agora tem menos

risco de sumir do que tinha antigamente, que era tudo muito calado, você ia lá e fazia o que você quisesse. Agora tá bem melhor, mas se não continuar com esse progresso, pra que o manejo e a forma de uso melhore, tem risco de sumir, mas por exemplo a gruta, esse rio que tá turvo nunca mais voltar a ser cristalino, pode acontecer, cai todo o barro lá, a terra, as arvorezinha lá do lado, se cai tudo pode acontecer de nunca mais ficar cristalino daí a gente vai ficar como a cidade que um dia foi e agora não é mais. Então tem risco sim. (Catarina, 23 anos de idade, 20 anos em Bonito)

A Gruta do Lago Azul é um monumento natural que está localizada no município de Bonito, ela possui formações calcárias interessantes, porém frágeis, e está listada como área protegida desde 1978 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Catarina relatou que antes de ser tombada, muitas pessoas, inclusive sua família visitavam a gruta de forma desordenada, nadavam no lago, faziam fogueira e até acampavam no local.

Joana demonstrou uma grande preocupação com o crescimento dos condomínios fechados com acesso privativo ao rio, com o aumento das lavouras que não fazem o uso e manejo adequado dos solos no entorno da cidade e dos rios, considerando a fragilidade do relevo cárstico onde está localizado o município de Bonito.

Então, eu considero várias coisas, os rios daqui é um deles assim, e ai sem água cristalina quem que vai vir pra cá? Porque você tem ai uma cidade, sei lá quantos mil leitos, tem mais leitos que Campo Grande, mas cê tem ai um avanço da população até pra dentro, próximo, muito próximo dos rios, dos pequenos rios, você tem ai o crescimento de condomínios fechados, e ai você tem uma lavoura que está crescendo muito e assim quem tem grana quer o progresso, as pessoas querem o progresso né, então assim, se Bonito continuar da forma como ele tá, eu tenho certeza assim que em oito anos ele já vai estar com um alto índice de coisas bem preocupantes, assim, porém existe um grupo de pessoas que está ai tentando né, então eu acredito que a gente consiga um pouco mais, mas eu acho assim, que tem algumas coisas que podem ser irreversíveis e uma delas é tirar a vegetação como tá acontecendo, porque quando você mata uma floresta, você não tá matando só a floresta, você tá matando toda uma cadeia de animais, está matando a própria água que tem embaixo do lençol freático, que precisava ter água pra captar, pra poder armazenar, pra poder encher os rios, e assim por diante, então assim é todo um ciclo, e isso o turista também precisa saber, porque eu atendi gente que falou que depois que viu aquela matéria veio pra cá porque queria conhecer porque poderia ser uma das últimas vezes que ia ver Bonito. E isso é muito forte, porque as vezes o que a gente não vê, porque nós estamos dentro dessa água cristalina, dessa cidade que você conhece as pessoas, e elas sabem o seu nome e você sabe o nome delas, esse lugar que por enquanto ainda é tranquilo, mas que se a gente não cuidar desse bairro, dessa comunidade, pode passar a não ser mais e a gente percebe que de tempo em tempo, acontecem algumas coisas por descuido nosso, eu digo nosso porque a cidade é feita por nós, mas a gente percebe assim isso, esse processo assim de mudança né. (Joana, 40 anos de idade, 40 anos em Bonito)

Observamos que a mídia influencia diretamente as escolhas, atitudes e valores da sociedade através das denúncias dos acontecimentos que marcaram a história de um lugar. Joana relatou que o fluxo de turistas visitando o município aumentou após as reportagens do turvamento dos rios, porque tinham receio de não poder ver essas paisagens novamente.

Ao contrário do que foi relatado por Luiz e Juraci que trabalham com hotelaria, ambos afirmaram que após noticiarem o turvamento das águas, houve um grande número de

desistências e cancelamentos, provocando um impacto econômico que atingiu diretamente a população que vive do turismo.

Nesse sentido, observamos que o problema é socioambiental e atinge toda a cadeia produtiva do turismo, além dos moradores que dependem dessa atividade para obter sua fonte de renda, que vai desde os garçons, cozinheiros, camareiras, jardineiros, recepcionistas, motoristas aos atendentes de modo geral.

O problema maior não é só o ambiental, o problema hoje é que se o turismo cair em Bonito, nós vamos ter um problema grave social, esse é o problema. Um dos problemas graves que ninguém se atenta é que quando você está em uma cidade grande que tenha talvez mais opções de sobrevivência, a coisa roda. Aqui tem cara que nunca saiu de Bonito. (Pedro, 65 anos de idade, 24 anos em Bonito)

Questionamos sobre as possíveis mudanças futuras e o que gostariam que fosse preservado para as gerações futuras, com o objetivo de identificar quais aspectos podem ajudar ou prejudicar a melhoria da qualidade de vida, os anseios e projetos para as paisagens de Bonito de acordo com as percepções e o cotidiano dos entrevistados. Verificou-se predominantemente os aspectos naturais da paisagem, principalmente ligados ao Rio Formoso como o elemento de maior preocupação na ótica do sujeito local que precisa ser preservado para que não sofra mudanças severas e descaracterização no futuro conforme relatado por Maria, Marcos e Catarina a seguir.

A consciência das pessoas, a consciência da onde elas vivem, porque elas não têm, só vão ter quando perder. O rio Formoso (respirou profundamente), rio Mimoso e a vegetação, a cidade como ela devia ser, como ela ainda é, porque imagina como seria, por mais que eu pense nesse cenário, ai, imagina que tristeza seria?, um cenário de você se acostumar a ir pra um lugar e ter uma água suja e saber que isso foi por causa de processos nossos, culpa nossa, de nós seres humanos que não soubemos cuidar, porque sabe, chegou a um ponto que ninguém fez nada. É preciso transformar o presente pra uma coisa que a gente ainda vai ver, e é lá que vai tá o resultado, se ninguém faz nada a gente vai ter uma água turva, uma água suja, uma cidade que não trabalha com reciclagem, que as políticas de reciclagem ainda não deram certo, ai que tristeza se isso acontecer. (Maria, 32 anos de idade, 28 anos em Bonito)

A natureza né, o que eu gostaria que fosse preservado aqui no Bonito é a natureza. E num vai, e num vai menina, esse Formoso aí não vai longe ele seca, se vai vê. Uai, Porque eles tão limpando na cabeceira (termo nativo que se refere as nascentes, olho d' água, local onde se inicia o curso do rio) tirando as mata, se vai ver daqui uns dez anos se eu tiver vivo e você chegar onde eu tô eu vou te falar, você lembra o que eu te falei aquela vez. Mas eu gostaria que meus netos conhecessem o Formoso, eu gostaria, mas pelo que eu tô vendo vai tudo pro pau, poucos dias ai oh, porque o sol tá muito quente, tão tirando a mata da cabeceira, onde mina a água, daqui a pouco seca tudo, seca lá em cima e vai ficar só os buracos ai. O povo só tá pensando no dinheiro, em ganhar o dinheiro, a lavoura tá boa, o gado agora entrou em um preço bom, agora que eles vão desmata. Só se entrar uma lei aqui que segura mesmo, mas são coisa que eu não acredito, eu não acredito mais no ser humano, é só por Deus mesmo. (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Acho que com certeza, é esse meio ambiente lindíssimo e riquíssimo que a gente tem, uma fauna e uma flora, que não tem em outro lugar e que se tem é diferente obviamente, é um lugar diferente, é uma energia diferente, você vai num passeio e você volta diferente, você não vai lá atoa né, é toda uma viagem, é maravilhoso, então eu gostaria que os meus filhos e os meus netos sentissem essa energia, a mesma energia que eu sinto hoje, sentissem quando viessem, e que não deixasse de ser uma cidade acolhedora, sabe que porque tá crescendo e não vai receber bem as pessoas, eu gostaria que continuasse uma cidade acolhedora mesmo interiorana pequena, porque vai crescer, obviamente está crescendo, mas que continuasse esse mesmo espírito, da gente conhecer todo mundo, de a gente poder conversar com todo mundo, sabe, das crianças não poderem andar na rua de bicicleta 10 horas da noite, entendeu, não perder essa inocência, sabe, que eu acho que se a gente não cuidar a gente perde, vai chegando uma fase que a gente perde essa inocência, a cidade perde isso, e eu não quero realmente que perca, se um dia eu tiver filhos né, porque eu não sei né, mas se eu tiver filhos eu quero criar eles aqui, eu tenho o intuito de ir embora mas é por questão de estudo, né, porque aqui não tem as coisas que a gente almeja, por exemplo, ela é bem pequena pra estudo, as propostas, e é difícil você trabalhar aqui e ir todo dia pra Jardim, complicado né, porque o horário não bate, então eu tenho vontade de estudar fora, mas eu tenho vontade de voltar, voltar e viver aqui, que é aqui que minha família tá, meu, duvido que minha mãe vai embora junto comigo, num vai né, então eu tenho vontade né, de morar aqui, perto da minha mãe, do meu pai, numa vizinhança tranquila que eu sei que vai ter, é isso. Não perder essa inocência de Bonito, essa coisa gostosa, acolhedora, acho que é isso. (Catarina, 23 anos de idade, 20 anos em Bonito)

Além dos aspectos e elementos naturais também estão presentes nas expectativas da paisagem futura dos sujeitos locais melhorias infraestruturais, que contribuam para a qualidade de vida dos moradores de Bonito, sobretudo melhorias em relação às políticas públicas estabelecidas pelos gestores municipais, conforme dito pelo senhor Marcos a seguir:

Gostaria, que mudasse aqui no Bonito que nós não tem hoje é médico, que nós não temo mais médico, eu tive um derrame, eu caí aqui, fiquei até onze hora da noite pra eles arruma um lugar em Campo Grande pra me atende, fui chega lá umas 2h. Só a família e Deus, em cima né, foi Deus que me salvou. No tempo do Bigaton (prefeito de Bonito na época) aqui tinha médico, operava ai mesmo, essa coisa que deu em mim ai mesmo curava, ai entrou um tar de Zé Arceu (eleito a prefeito após o mandato do Bigaton), e boto os médico tudo mundo pra corre. E o moleque daqui memo esse cara, foi eleito duas vezes prefeito e foi a mesma merda e agora entrou um muito pior, a pobreza sofre com ele. (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Assim, sobre as mudanças futuras, o jovem Luiz expressa o desejo acerca da acessibilidade ao que a cidade oferece enquanto destino turístico. Notamos que mesmo trabalhando diretamente no setor turístico, vendendo passeios e atendendo os turistas, Luiz não tem acesso aos passeios e atrativos com valores reduzidos. “Os valores, (risos), deveria ser um pouco mais acessível, tanto para o bonitense que mora na cidade, quanto para quem vem visitar né. Poderia ser um pouco mais acessível financeiramente.” (Luiz, 26 anos de idade, 26 anos em Bonito)

Ainda nesse contexto, destacamos a narrativa da Joana, com uma expressão muito triste e com os olhos marejando, a qual desabafa sobre os seus anseios e desejos de mudanças com relação aos moradores de Bonito, pobres, periféricos e na forma como se relacionam com o meio ambiente que ainda o pertence. Segundo Castells (2018), a constituição e a afirmação da

identidade são uma alavanca fundamental para a mudança social, independentemente do conteúdo de tal mudança.

Eu gostaria que a cidade tivesse mais acessibilidade a comunidade, (silêncio, pausa, choro, choramos juntas) eu gostaria que as pessoas pudessem participar mais da vida de Bonito, assim né, e que esse lazer que chega pro turista, que ele fosse acessível e que as pessoas pudessem não só vir pro centro da cidade pra se divertir, e o que de bom tem aqui que acontecesse lá também, e que as pessoas não precisassem que ter uma quadra como se fosse um campinho de futebol que deveria ser uma praça, e que em cada quadra daquela não tivesse um barzinho e um monte de igreja, porque é só isso que resta sabe, é bar para as pessoas encherem a cara, e milhões de igrejas pra elas ficarem indo só lá e tendo uma lavagem cerebral, mas que as coisas chegassem até elas, e a saúde, a educação, que coisas legais assim que tivessem, que a cidade pudesse se reconhecer, eu acho que a primeira coisa é isso assim, e ai a partir do momento que você começa a se reconhecer, você entende o meio ambiente que você vive, você reconhece, você valoriza, então assim eu acho que falta oportunidade assim, para as crianças, para as mães, pros pais, pra que elas tenham opção, vai ter o barzinho, vai, mas também vai ter opção de poder fazer uma coisa legal pra fazer no final de semana com a família, porque você paga imposto e você tem direito, e vai tá bem aqui, no seu bairro, na sua praça, ai se você não quiser, beleza, mas que vai ter, vai, porque a cidade tem recurso. [...]. O meio ambiente e a natureza, os animais só vão receber o que eles merecem quando a gente cuidar da gente. (Joana, 40 anos de idade, 40 anos em Bonito)

Destacamos aqui ainda a narrativa do Marcos, o qual relata a preocupação a respeito dos turistas, bem como dos empresários, ou seja, sujeitos externos a paisagem, mas que vem para Bonito e se apropriam dessas paisagens para obtenção de lucro, visando apenas o capital.

Esses dias eu tava falando pra minha mulher: Se o mato-grossense não para pra pensa, esses paulista vão entra aqui e vai acaba com tudo, porque o que tem de paulista aqui no Bonito, em Jardim, em toda parte, e o paulista ele não liga com floresta não minha fia, ele que vê o oco, mas que ele quer é ter boi gordo lá e ele tem, os pai morre e os filho põe tudo fora e vende pra esses paulista que vem chegan ai, vem morto de fome, de tanto oia do prédio pra baixo porque se descer no chão o ladrão pega ele, né, diz ai como é que vai ficar o Mato Grosso do Sul??? Já tá virado no bagaço. (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Podemos observar que o nativo e o visitante focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente. Tuan (2012), explica que o visitante, especialmente o turista tem um ponto de vista, sua percepção frequentemente se reduz a usar seus olhos para compor quadros, ao contrário do nativo que tem uma atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade do seu meio ambiente.

Para Tuan (2012), a avaliação do meio ambiente pelo visitante ou turista é essencialmente estética, por ser a visão de um estranho que julga pela aparência, portanto, é preciso um esforço especial para provocar empatia em relação às vidas e valores dos habitantes.

As concepções de mundo apresentadas, as leituras do lugar, as descrições das paisagens, do cotidiano enquanto espaço vivido apresentadas são as que considero relevantes. Assim como afirma Saramago (1996), falávamos de coisas talvez já sabidas, mas que ao serem outra vez ditas, eram tão novas e tão antigas quanto um amanhecer.

*“Todos que se iniciam no conhecimento das ciências da natureza - mais cedo ou mais tarde, por um caminho ou por outro – atingem a ideia de que a paisagem é sempre uma herança.*

*Na verdade, ela é uma herança em todo sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades.”*

AZIZ AB' SÁBER, 2003.



Fonte: Balneário Municipal de Bonito-MS. Foto: SILVESTRINI, R., 2018.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresento aqui, os resultados de 2 anos de pesquisas acadêmicas. Entre as experiências, as vivências em campo, realizados em 2018 e 2019, na cidade de Bonito. O primeiro, enquanto aluna especial do mestrado da disciplina de Paisagem como Categoria de Análise nos Estudos Geográficos e, o segundo, durante a realização das entrevistas e observações que nos permitiu refletir e analisar esse processo com afinco e detalhamento através da imersão de conhecimento proporcionada pela geografia dos pés, realizada na cidade de Bonito em um dezembro chuvoso.

A importância de pesquisas com esse teor, fortalece o papel da geografia no processo de compreensão da relação homem/natureza que, neste caso, se caracteriza pelo avanço de atividades produtivas como o plantio de lavouras de soja, milho e implantação de pastagens para criação de gado, mas também pela presença da atividade turística.

O município de Bonito/MS, mesmo possuindo paisagens cênicas apropriadas e valorizadas pelo mercado turístico nacional e internacional pela geração de receitas, tem seu crescimento exponencial especialmente a partir da década de 1990, que ocorreu concomitantemente com o processo de produção e ocupação pela população bonitense, principalmente, obtendo destaque pela criação de gado e pela introdução de lavouras mecanizadas com o objetivo de produzir em larga escala para exportação. Acontecimentos que provocaram as mudanças no uso e ocupação do solo, nas paisagens e nos rios, provocando consequente degradação ambiental na região de Bonito (MS).

A fenomenologia, tal como utilizamos nesta pesquisa, oferece possibilidades de análises das paisagens de Bonito, instigando e estimulando os sujeitos locais a repensar, reconstruir as relações com as vertentes externas, permitindo e oferecendo conexões por todo campo do conhecimento de forma interdisciplinar, valorizando sempre a abordagem que dá voz aos sujeitos da paisagem. Tendo em vista que a análise da paisagem pelo viés fenomenológico além de dar voz, também permite visualizar a paisagem a partir do olhar do sujeito trazendo à tona a real importância de conhecê-los e escutá-los. Afim de que o município possa fazer valer de fato, o título de destino ecoturístico sustentável através de uma gestão participativa, onde os munícipes que experienciam a cidade diariamente, sejam realmente ouvidos pelo poder público municipal para compreender as dinâmicas da paisagem da região de Bonito através da percepção dos sujeitos locais.

Estes, a partir das entrevistas realizadas, desempenharam um papel fundamental, pois fizeram com que voltássemos o olhar para a importância dos moradores de Bonito. Mais do que

isso, ampliaram nossa compreensão e entendimento sobre a percepção dos residentes nas múltiplas temporalidades presentes nas paisagens.

Assim, os resultados permitiram atestar que o processo de apropriação e consumo do espaço geográfico pela atividade turística no município de Bonito, criou novas relações sociais, econômicas e novas paisagens que estão sendo modificadas ao longo dos anos para atender as necessidades do capitalismo moderno. Em contrapartida, de acordo com a percepção dos moradores locais, acessada a partir do trabalho de campo, a valorização desse espaço, fez com que a população sentisse os impactos decorrentes do turismo, como a especulação imobiliária, elevação dos aluguéis e preços dos imóveis, aumento do custo de vida dos residentes e limitação do acesso aos rios cênicos.

Observamos que Bonito vive entre bordas, delimitando seus investimentos para as áreas centrais, principalmente no que tange a paisagem urbana, que possui fachadas atrativas aos olhares externos, ruas asfaltadas, calçadas largas e floridas. Entretanto, contrastando com as paisagens periféricas que não contam com asfaltamento, calçamento, saneamento e infraestrutura básica. Em algumas narrativas fica evidenciada a denúncia de que as alterações infraestruturais por parte do poder público, sobretudo as estéticas, em pontos específicos da cidade, tais como a avenida e a praça central, são consideradas, pelos sujeitos participantes desta pesquisa, como desconfiguração de sua paisagem de pertencimento. Dessa forma, não atende aos projetos de paisagem dos moradores de Bonito, cujas memórias e histórias, estão ligadas a outro cenário, a outros elementos paisagísticos, que não aqueles implementados para atender o setor turístico.

Desse modo, a pesquisa identificou elementos contraditórios no que toca a experiência de Bonito, enquanto destino de Ecoturismo Sustentável. Tendo em vista que os princípios básicos que diz respeito ao ecoturismo sustentável no Brasil e no mundo, envolvem a valorização e preservação do ambiente principalmente através de ações de educação ambiental e do cuidado para com os sujeitos que fazem parte dessa natureza e que deveriam ter participação ativa, promovendo assim a valorização da comunidade local. Nem sempre, experiências sentidas pelos sujeitos bonitenses que entrevistamos, como destacado ao longo do trabalho.

Os sujeitos da paisagem, possuem um sentimento topofílico, de amor, de afeto, de apego e identidade, referente as belezas naturais da região, aos rios cênicos, especialmente pelo Formoso, que é o rio que o bonitense sente que tem um certo pertencimento. Pelo fato do Balneário Municipal estar nele inserido e também por ser considerado pela maioria dos

entrevistados como o local acessível de lazer, que perpassa o tempo passado e presente, muitos almejam que este, seja uma herança paisagística para suas gerações futuras.

O Balneário Municipal é o único atrativo que o morador de Bonito tem acesso gratuitamente. Portanto, materializa o contato atual do morador de Bonito com o rio Formoso, sendo assim, a maioria dos entrevistados demonstraram uma preocupação referente às alterações das dinâmicas hídricas locais, que vem sofrendo alterações.

Os sujeitos participantes desta pesquisa, percebem uma ausência de manejo adequado do solo e em alguns casos a falta de preservação dos recursos naturais que comprometem as águas cristalinas do rio Formoso, com o fenômeno de turvamento, o qual se apresenta cada vez mais recorrente, sobretudo com a remoção das matas ciliares.

Um outro problema ambiental, percebido pelos sujeitos, e que permeia as preocupações desses agentes, se refere ao constante atropelamento da fauna, nas principais vias de acesso aos pontos turísticos do município. Os entrevistados, apresentaram afirmações com caráter de denúncia da falta de preocupação dos turistas e do poder público a essa problemática.

Em suma, foi revelado por meio das narrativas a existência de paisagens que causam sentimentos de topofobia (aversão) na população e os principais anseios dos sujeitos entrevistados, estão no desaparecimento dos elementos naturais da paisagem, sobretudo ligados à hidrografia, flora e fauna. Consideramos de fundamental importância as relações entre as condições sociais, econômicas, ambientais e a distribuição espacial na cidade de Bonito, as quais interferem diretamente no que tange a acessibilidade dos sujeitos, especialmente dos residentes locais. É preciso que haja um olhar por parte da administração pública para que todos tenham acesso e direito à cidade, o que não se verifica atualmente.

Bonito precisa ser compreendida na sua pluralidade e diversidade, seja no âmbito cultural, social, ambiental, para que haja mais harmonia e equilíbrio, visando o bem coletivo na esperança de minimizar as diferenças socioespaciais.

## 7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB' SÁBER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. 2ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

AMARAL, R.; ROSS, J. L. S. **Cartografia Geomorfológica: O uso de Sistema de Informação Geográfica (SIG) para a confecção de cartas de fragilidade**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA E I ENCONTRO SUL-AMERICANO DE GEOMORFOLOGIA, 2004, Santa Maria. *Anais...* Santa Maria: UFSM, 2004.

AMORIM, R. R.; OLIVEIRA, R. C. As unidades de paisagem como uma categoria de análise geográfica: o exemplo do município de São Vicente – SP. **Sociedade & Natureza**, vol. 20, núm. 2, dezembro, p. 177-198, 2008.

BANDUCCI JUNIOR, A.; MORETTI, E. C. **Qual paraíso? turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal**. São Paulo: Chronos: Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2001.

BARROS, E. C. D. R.; GARCIA, E. M. (org.). **Gestão ambiental em Mato Grosso do Sul: conceitos e práticas**. Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul. Dourados: UEMS, 2014.

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. 1ª. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. **Caderno de Ciências da Terra**, n. 13, p. 1-27, 1972

\_\_\_\_\_. O Espaço Geográfico em Análise, revistas.ufpr.br, 2004.

BOGGIANI, P. C.; TREVELIN, A. C.; SALLUN FILHO, W.; OLIVEIRA, E. C.; ALMEIDA, L. H. S. Turismo e conservação de tufas ativas da Serra da Bodoquena, Mato Grosso do Sul. **Tourism and Karst Areas**, v. 4, n. 1, p. 55-63, 2011.

\_\_\_\_\_. Ciência, meio ambiente e turismo em Bonito: a combinação que deu certo? In: BANDUCCI JUNIOR, A.; MORETTI, E. C. **Qual paraíso? turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal** [S.l: s.n.], 2001.

BRASIL. Ministério de Minas e Energia. Secretaria-Geral. **Projeto RADAMBRASIL**. Folha SF 21 Campo Grande: levantamento dos recursos naturais. Rio de Janeiro, 1982. v. 28.

\_\_\_\_\_. Ministério do Meio Ambiente. **Legislação Ambiental Básica**: Ministério do Meio Ambiente. Consultoria Jurídica. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, UNESCO, 2008.

BRUGNOLLI, R. M. **Zoneamento ambiental para o sistema cárstico da bacia hidrográfica do Rio Formoso, Mato Grosso do Sul**. 2020. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2020.

BONITO NOTÍCIAS.< <http://www.bonitonoticias.com.br/noticia/turvamento-das-aguas-de-bonito-e-regiao-sera-discutido-em-audiencia-publica> >. Acesso em: 21 de dezembro de 2018.

- CABRAL, L. O. A paisagem enquanto fenômeno vivido. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC. **Geosul**, v.15, nº 30, p. 34-45, jul/dez. 2000.
- CAMPO GRANDE NEWS. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/meio-ambiente/principal-de-bonito-rio-formoso-tambem-tem-lama-acima-do-normal>>. Acesso em: 21 de dezembro de 2018.
- CANAZILLES, Karolinne Sotomayor Azambuja; ALVES, Gilberto Luiz; MATIAS, Rosemary. Comercialização do artesanato Kinikinau na cidade ecoturística de Bonito, Mato Grosso do Sul, Brasil. **PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 13, n. 5, p. 1171-1182, 2015.
- CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise a Carvalho, Evandro Luiz de. Paisagem, memória e identidade In: autor "**Visioni LatinoAmericane** 24, Suplemento. Paisagem cultural no Rio Grande do Sul: um tema em debate", EUT Edizioni Università di Trieste, 2021, p. 93-106.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018.
- CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. **Psicologia ambiental: Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**, Editora Vozes Limitada, 2018.
- CAVALCANTI, L. C. S. **Cartografia de paisagens: fundamentos**. 2ª ed. rev. e atual. São Paulo: Oficina de Textos, 2018.
- CERDOURA, K. B.; GARDIN, C. **Conhecendo o Município de Bonito/MS através do Olhar de seus Habitantes: Paisagens, Lugares e a Valorização da Experiência**. IV Encontro Nacional da Anppas, Brasília DF, 2008.
- CLARKE, R.; KING, J. **O Atlas da Água** [The Atlas of Water]. São Paulo: Publifolha, 2005.
- COLTRO, Alex. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. **Caderno de Pesquisas em administração**, v. 1, n. 11, p. 37-45, 2000.
- CONTE, M. L.; LEOPOLDO, P. R. Avaliação de Recursos Hídricos: Rio Pardo, um exemplo, São Paulo: Editora da UNESP, 2001.
- DE SOUZA, ANTONIO CARLOS CARRERA. **O sujeito da Paisagem**. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Instituto de Biociências Departamento de Educação Rio Claro, 2001.
- DE SOUZA, José Luiz. A (in) visibilidade dos lugares Kadiwéu: contribuições da Geografia Cultural para o estudo de populações indígenas. **Espaço e Cultura**, n. 23, p. 53-66, 2008.
- DOS SANTOS, H. G. [et al.]. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. Embrapa Solos, 5. ed., rev. e ampl. – Brasília, DF: Embrapa, 2018. 356 p
- FIGUEIRÓ, A. S. **Biogeografia: dinâmicas e transformações da natureza**. São Paulo: Oficina de Textos, 2015.

FUNDAÇÃO DE TURISMO DE MATO GROSSO DO SUL. **Boletim mensal – Março 2021.**

Disponível em: [https://www.observatorioturismo.ms.gov.br/wp-content/uploads/2021/05/boletim-mensal\\_marco\\_2021.pdf](https://www.observatorioturismo.ms.gov.br/wp-content/uploads/2021/05/boletim-mensal_marco_2021.pdf). Acesso em: 20 de maio de 2021.

\_\_\_\_\_. **Boletim retomada do turismo em MS.** Edição 02/2021. Disponível em: <https://www.observatorioturismo.ms.gov.br/wp-content/uploads/2021/03/Boletim-Retomada-do-Turismo-em-MS-Ed02-2021-final-1.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2021.

FUNDAÇÃO NEOTRÓPICA DO BRASIL. **Plano de ecodesenvolvimento do entorno do Parque Nacional da Serra da Bodoquena.** Campo Grande, 2002.

\_\_\_\_\_. **Monitoramento hidrológico do rio Formoso e dos córregos urbanos de Bonito/MS.** Bonito, 2016.

GOMES, R. D.; LEMOS, J. E. de. A Paisagem Percebida por um Sistema Complexo. **Revista do Departamento de Geografia, [S.l.]**, v. 38, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/154573>. Acesso em: 5 maio. 2021.

GRECHI, D. C.; LOBO, H. A. S.; MARTINS, P. C. S.; LUNAS, J. R. S. Autogestão e controle de visitantes: Voucher Unificado em Bonito, MS. In: PHILIPPI JR, A.; RUSCHMANN, D. V. M. (Ed). **Gestão Ambiental e Sustentabilidade no Turismo.** Coleção Ambiental. V.9. Barueri, SP: Editora Manole, 2010. p. 913-931.

G1.GLOBO. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2018/11/23/rios-cristalinos-de-ms-viram-mar-de-lama-apos-enxurrada-com-residuos-de-manejo-de-solo-veja-video.ghtml>>. Acesso em: 21 de dezembro de 2018.

GUERRA, A. J. T.; MARÇAL, M. S. **Geomorfologia ambiental.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. (org.). **Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 2014.

IBGE. **Censo 2010.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/bonito/panorama> – Acesso em 12/01/2019.

KOHLER, H. C. Geomorfologia cárstica. In: GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. (org.). **Geomorfologia uma atualização de bases e conceitos.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 309-334.

LEONEL, W.; MERCANTE, M.A.; SABINO, J.; SILVA, M.H.S.S.; MARIANI, M.A.P. Relação entre turismo e dinâmica da paisagem em Bonito (MS) na perspectiva do modelo GTP (Geossistema-Território-Paisagem). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v.10, n.2, p. 411-432, mai/jul, 2017.

LOBO, H. A. S.; MORETTI, E. C. Sustentabilidade ecológica do espeleoturismo na Serra da Bodoquena, Mato Grosso do Sul. **Turismo em Análise**, v. 20, p. 151-167, 2009.

LORCA, Alejandro. **Algunos aspectos del problema del transporte urbano**. In: Colegio Oficial de Arquitectos de Cataluña y Baleares. Movilidad urbana, Barcelona (A.T.E.), 1971, p. 17-33.

LOUBET, L. F.; PAULINO, E. R. M.; CONSTANTINO, R. **Projeto Formoso Vivo – A aplicação do direito ambiental para a conservação da biodiversidade na bacia hidrográfica do rio Formoso em Bonito/MS**. <<https://www.mpms.mp.br/formosovivo>> Consultado em 29/10/2019.

MACHADO, Juliana S. **Lugares de gente: mulheres, plantas e rede de trocas no delta Amazônico**. 350 f. 2012. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Antropologia). Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MADEIRA DAVIM, D. E.; MARANDOLA JUNIOR, E. J. O pensamento fenomenológico na educação geográfica: caminhos para uma aproximação entre cultura e ciência. **Caderno de Geografia**, v. 26, n. 47, 2016.

MARANDOLA JR, Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer Geográfico Humanista na Geografia Contemporânea. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 49-64, 2013.

MARIANI, M. A. P. **Geografia e turismo no paraíso das águas: o caso de Bonito**. 2000. 265f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo. São Paulo. 2000.

MATO GROSSO DO SUL. **Plano de recursos hídricos da bacia hidrográfica do rio Miranda**. Campo Grande: Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (IMASUL), Deméter Engenharia Ltda, 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MORETTI, E. C.; CHÁVEZ, E. S.; RIBEIRO, Â. F. N. EL ECOTURISMO EN ÁREAS KÁRSTICAS TROPICALES: PARQUE NACIONAL SIERRA DA BODOQUENA, MATO GROSSO DO SUL, BRASIL Y PARQUE NACIONAL VIÑALES, PINAR DEL RIO, CUBA. **Gran Tour: Revista de Investigaciones Turísticas** n° 13, p.82-104, 2016.

PASSOS, M. M.. **Biogeografia e Paisagem**. Presidente Prudente: Edição do Autor, 2003, 2ª edição, 264p.

PESSÔA, V. L. S. GEOGRAFIA E PESQUISA QUALITATIVA: um olhar sobre o processo investigativo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFG/Campus Catalão/ Membro do NEPSA. **Geo UERJ** - Ano 14, n°. 23, v. 1, p. 4-18, 1º semestre de 2012

PORTAL DA EDUCATIVA. Disponível em:

<<http://www.portaldaeducativa.ms.gov.br/dreno-irregular-causa-turvamento-do-rio-formoso-e-fecha-atrativos-em-bonito/>>. Acesso em: 21/12/2018

RIBEIRO, A. F. DO NASCIMENTO. **Desafios e Conflitos na Produção do Espaço no Planalto da Bodoquena: agricultura, turismo e apropriação da natureza**. 181f. Tese (doutorado em Geografia)–Universidade Federal da Grande Dourados Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFGD, 2017.

RIBEIRO, W. C. **Geografia política da água**. Annablume Editora, 2008.

RODRIGUES, Kelly. O conceito de lugar: a aproximação da geografia com o indivíduo. **ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, XI**, p. 5036-5047, 2015.

RODRIGUEZ, J. M. M.; SILVA, E. V. Teoria dos Geossistemas. O legado de Sochava, Fortaleza: Edições UFC, 2019.

ROSS, Jurandyr. **Ecogeografia do Brasil: subsídios para planejamento ambiental**. São Paulo: Oficina de Textos, 2009.

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. Colaboração de Denise Elias. 6. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

SARAMAGO, José. **A bagagem do viajante**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHAFFER, W. B... [et al.]. **Áreas de Preservação Permanente e Unidades de Conservação & Áreas de Risco. O que uma coisa tem a ver com a outra?** Relatório de Inspeção da área atingida pela tragédia das chuvas na Região Serrana do Rio de Janeiro. Brasília: MMA, 2011. 96 p. : il. color. ; 29 cm. + mapas. (Série Biodiversidade, 41).

SILVA, Mauro Henrique Soares. **Análise da Paisagem do Pantanal da Nhecolândia: estudo de caso das lagoas salitradas sob a perspectiva do modelo GTP (Geossistema, Território e Paisagem)**. 2012. 279 f. Tese (Doutorado em Geografia) – UNESP, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente.

\_\_\_\_\_. PASSOS, Messias Modesto. **DISCURSO DE A(U)TORES DA PAISAGEM DO PANTANAL DA NHECOLÂNDIA**. Mercator, Fortaleza, v. 17, e17015, 2018.

SILVA, P. V. **A importância da água para a percepção turística na bacia do rio Formoso em Bonito-MS**. 257 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2015.

SOCHAVA, V. B. **O estudo do geossistema. Métodos em questão**, IG- USP, São Paulo, n. 16, 1977.

\_\_\_\_\_. **Por uma teoria de classificação de geossistemas da vida terrestre**. São Paulo. Instituto de Geografia, USP, 1978.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Pesquisa de campo em geografia**. GEOgraphia, v. 4, n. 7, p. 64-68, 2002.

TRICART, J. **Ecodinâmica**. Rio de Janeiro. IBGE. Diretoria Técnica, SUPREN, 1977.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: EDUEL, 2012.

TURRA NETO, Nécio. Pesquisa qualitativa em Geografia. **XVI Encontro Nacional de Geógrafos. Anais... Belo Horizonte: AGB**, p. 1-10, 2012.

## 8. ANEXOS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

#### Dados de identificação

Título do Projeto: ANÁLISE DOS IMPACTOS AMBIENTAIS NAS PAISAGENS AO LONGO DO RIO FORMOSO EM BONITO – MS, SOB A ÓTICA DOS SUJEITOS DA PAISAGEM.

Pesquisador Responsável: Regiane Silvestrini      Orientador: Mauro Henrique Soares da Silva

Código do participante: \_\_\_\_\_

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, do projeto de pesquisa “ANÁLISE DOS IMPACTOS AMBIENTAIS NAS PAISAGENS AO LONGO DO RIO FORMOSO EM BONITO – MS, SOB A ÓTICA DOS SUJEITOS DA PAISAGEM”, de responsabilidade da pesquisadora.

Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa você não sofrerá nenhuma penalidade.

#### **Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:**

1. O trabalho tem por objetivo compreender a relação homem e natureza em Bonito-MS, por um viés fenomenológico, analisando o processo de degradação ambiental no Rio Formoso onde se encontram a maior parte dos atrativos turísticos da cidade de Bonito.
2. A minha participação nesta pesquisa consistirá em aplicar entrevistas semi-dirigidas, elaboradas especificamente para os moradores de Bonito, as quais visam o resgate de lembranças e vivências cotidianas dos sujeitos da paisagem acerca das mudanças observadas ao longo do tempo no Rio Formoso, além das expectativas e projetos em relação a cidade. A entrevista não possui local e tempo de duração pré-estabelecido, deixando o entrevistado livre para indicar o local, horário que melhor lhe convir. A entrevista será gravada no formato de áudio para transcrição das falas, nenhum entrevistado será identificado durante o trabalho e terá todos os direitos resguardados.
3. Durante a execução da pesquisa não ocorrerão riscos que comprometam a saúde e/ou integridade física e moral do participante. O entrevistado pode sentir desconforto e constrangimento em responder perguntas em um contexto não cotidiano. Alteração da rotina diária dos participantes.

4. Ao participar deste trabalho contribuirei com a promoção de práticas sustentáveis, com o planejamento ambiental das áreas degradadas e a preservação dos recursos naturais e paisagísticos da cidade de Bonito.

5. A minha participação neste projeto deverá ter a duração de um dia pré-estabelecido com tempo indeterminado, ficando livre para responder de acordo com os anseios, uma única vez.

6. Não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderei deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerei qualquer prejuízo.

7. Fui informado e estou ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação, no entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, serei ressarcido.

8. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de minha participação no estudo, poderei ser compensado conforme determina a Resolução 466/2012.

9. Meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

10. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.

11. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Regiane Silvestrini, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone/WhatsApp: (17) 98190-1859, e-mail: [regianesilvestrini@gmail.com](mailto:regianesilvestrini@gmail.com) e/ou com Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, localizado na Av. Costa e Silva S/N, bairro universitário, Campo Grande-MS, CEP 79070-900, telefone: 3345-7190, e-mail: [etica@ufms.br](mailto:etica@ufms.br) ou pelo ramal 7015, atendimento de segunda a sexta-feira das 07h00min. – 11h00min. - 13h00min – 17h00min.

Bonito, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

---

Assinatura do participante

---

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
MATO GROSSO DO SUL -  
UFMS



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** ANÁLISE DOS IMPACTOS AMBIENTAIS NAS PAISAGENS AO LONGO DO RIO FORMOSO EM BONITO, MS, SOB A ÓTICA DOS SUJEITOS DA PAISAGEM

**Pesquisador:** REGIANE SILVESTRINI

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 26622819.1.0000.0021

**Instituição Proponente:** FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.831.273

#### Apresentação do Projeto:

Estudo sobre a relação homem e natureza em Bonito (MS), por um viés fenomenológico, analisando o processo de degradação ambiental no Rio Formoso onde se encontram a maior parte dos atrativos turísticos da cidade de Bonito.

#### Objetivo da Pesquisa:

Identificar e mapear a degradação ambiental no Rio Formoso, sob a ótica dos sujeitos da paisagem;  
Compreender a percepção dos sujeitos da paisagem da região de Bonito sobre os problemas ambientais relacionados ao Rio Formoso;  
Analisar a relação entre a agricultura/pecuária e a degradação ambiental no Rio Formoso.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

**Riscos:** desconforto e constrangimento em responder perguntas em um contexto não cotidiano. Alteração da rotina diária dos participantes.

**Benefícios:** promoção de práticas sustentáveis, o planejamento ambiental das áreas degradadas e a preservação dos recursos naturais e paisagísticos da cidade de Bonito.

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Metodologicamente pautado na pesquisa qualitativa, serão focadas as narrativas dos sujeitos, as

**Endereço:** Cidade Universitária - Campo Grande

**Bairro:** Caixa Postal 549

**CEP:** 79.070-110

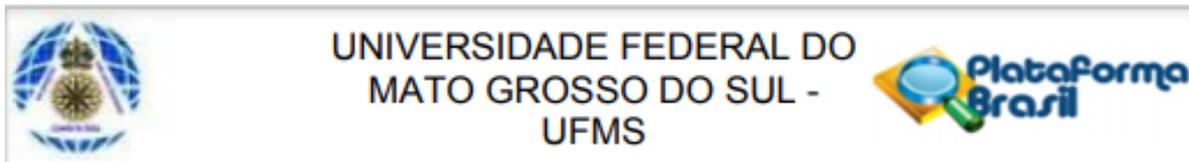
**UF:** MS

**Município:** CAMPO GRANDE

**Telefone:** (67)3345-7187

**Fax:** (67)3345-7187

**E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



Continuação do Parecer: 3.831.273

vivências e observações de campo integradas à interpretação a análise textual discursiva/qualitativa, contemplando as dimensões observadas. Após a realização das entrevistas, a organização dos dados será pautada na tabulação, interpretação das respostas e narrativas adquiridas na pesquisa qualitativa por meio da análise de discurso, visando compreender as interações entre os sujeitos das paisagens com a natureza e com os elementos que compõem as paisagens cársticas de Bonito.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresenta TCLE e instrumento de coleta de dados.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Pendências atendidas após solicitação deste CEP.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1474756.pdf	26/12/2019 20:34:33		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	26/12/2019 20:32:46	REGIANE SILVESTRINI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_consentimento.pdf	25/11/2019 14:22:35	REGIANE SILVESTRINI	Aceito
Outros	Entrevista.pdf	25/11/2019 14:12:26	REGIANE SILVESTRINI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetodePesquisa_RegianeSivestrini.pdf	25/11/2019 14:08:49	REGIANE SILVESTRINI	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	25/11/2019 12:40:30	REGIANE SILVESTRINI	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Cidade Universitária - Campo Grande  
**Bairro:** Caixa Postal 549 **CEP:** 79.070-110  
**UF:** MS **Município:** CAMPO GRANDE  
**Telefone:** (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
MATO GROSSO DO SUL -  
UFMS



Continuação do Parecer: 3.831.273

CAMPO GRANDE, 11 de Fevereiro de 2020

---

**Assinado por:**  
**Fernando César de Carvalho Moraes**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Cidade Universitária - Campo Grande  
**Bairro:** Caixa Postal 549      **CEP:** 79.070-110  
**UF:** MS      **Município:** CAMPO GRANDE  
**Telefone:** (67)3345-7187      **Fax:** (67)3345-7187      **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br